

A Casa de la Abuela Cuentacuentos



*Pena a esquerda: Águia
*Pena a direita: Cóndor

A Casa de la Abuela Cuentacuentos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Aluna: Mariana Montag Ferreira

Orientadora: Ana Gabriela Godinho Lima

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Junho 2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F383c	<p>Ferreira, Mariana Montag</p> <p>A CASA DE LA ABUELA CUENTACUENTOS [recurso eletrônico] / Mariana Montag - Ferreira.</p> <p>60000 KB ; il.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022.</p> <p>Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Ana Gabriela Godinho Lima</p> <p>Referências Bibliográficas: f. 212 -215</p> <p>1. Projeto de Arquitetura. 2. Processo Colaborativo. 3. Conhecimentos Indígenas. 4. Auto-construção. I. Lima, Ana Gabriela Godinho, <i>orientador(a)</i>.II. Título.</p>
-------	---

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Mariana Montag Ferreira

Autor: Mariana Montag Ferreira

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Arquitetura e Urbanismo

Título do Trabalho: A Casa de la Abuela Cuentacuentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio de ¹:

- ☒ CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- ☐ CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- ☐ FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- ☐ Instituto Presbiteriano Mackenzie/Isenção integral de Mensalidades e Taxas
- ☒ MACKPESQUISA - Fundo Mackenzie de Pesquisa
- ☐ Empresa/Indústria:
- ☐ Outro:


¹ **Observação:** caso tenha usufruído mais de um apoio ou benefício, selecione-os.

A Casa de la Abuela Cuentacuentos

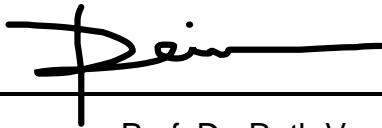
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em 11/08/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ana Gabriela Godinho Lima
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof. Dr. Ruth Verde Zein
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof. Dr. Zaida Muxí
Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona

Dedicatória

Este trabalho é dedicado às pessoas que vivem seus propósitos e inspiram, com tamanha generosidade, o sentido de comunidade em mim

“Não existe uma luta de um só tema, porque não vivemos vidas de um só tema.”

Audre Lorde

Agradecimentos

Agradeço a sessão de agradecimentos, pela permissão de me permitir agradecer

À Universidade Presbiteriana Mackenzie, à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo espaço educacional que se tornou uma Casa para o meu aprendizado. Meus especiais agradecimentos à Diretora e ao coordenador da FAU Mackenzie, Angélica Benatti Alvim e Lucas Fehr por viabilizarem várias etapas de minha trajetória, bem antes de começar o mestrado;

A CAPES, por me conceder a oportunidade de me dedicar a esta pesquisa;

Aos professores e professoras do programa de mestrado do PPGAUUPM, pelas aulas de vida e sua dedicação à educação;

Aos meus colegas de mestrado, pela amizade cheia de compaixão e compreensão, mesmo que virtualmente;

A Ana Gabriela Godinho Lima, por ser uma orientadora impecável em tantos diferentes níveis, para além do escopo da pesquisa, e por ter a curiosidade de saber o que é importante para mim e nunca deixar que eu me esqueça;

A Ruth Verde Zein e Zaida Muxi, convidadas da banca, por me concederem o prazer de aprender com a apreciação a crítica desse trabalho no estágio banca de qualificação, que grandíssima honra

A Sasquia Obata e Marco Hovnanian, pelo conhecimento e parceria que oferecem há anos, pela mão sempre estendida com carinho

Ao México, por suas terras tão amorosas;

A Abuela Cuentacuentos, pelo sentido e integridade dessa pesquisa;

A Abuela Maricarmen, por me ensinar que vitimização não me serve e que é hora de construirmos uma nova realidade baseada no amor;

A Luiza Tripoli, por ser uma irmã com quem posso sonhar arquitetura;

A Julia Peres, Letícia Savastano e Natasha Rojas, pelo talento, paciência e parceria que somaram tanto a esse trabalho;

A Daniê, pela manifestação conjunta;

A Melissa Bakosh, por me ensinar sobre generosidade e acreditar comigo que viemos ser nossa melhor versão;

A minha mãe Valéria, por ser minha inspiração e maior fonte de aprendizado nessa vida;

Ao meu irmão Thomas, por ser meu amor guia, e por ressignificar o que é ser forte para mim;

Ao meu pai Hudson, pelo ensinamento sobre maturidade e seus sacrifícios;

Ao Luis Guilherme Santos, por me lembrar sempre e ajudar a transpor os desafios internos em ação para ser melhor, e tomar um banho de ervas sempre que preciso;

Aos meus novos amigos e amigas da região para qual emigrei, que sem saber do meu passado acreditaram no meu presente;

As minhas amigas e amigos de longa data, pelo lugar estruturante de afeto que habitam em mim;

As colaboradoras e colaboradores de A Casa, por vibrarem conosco;

A Mãe Terra, pela ancoragem de infinita nutrição;

A Vida, por me permitir aprender tanto, todos os dias.

Resumo

Este trabalho documenta e analisa, sob a perspectiva da reflexão acadêmica, o processo colaborativo de concepção do projeto da Casa de Abuela Cuentacuentos, localizada no vilarejo de Escobilla, México, Oaxaca. Ao lado de María Luisa Rivera Grijalva, Abuela Cuentacuentos, Xiuhmíxtlicoatl - seu nome da língua Nahuátl - foi desenvolvido um espaço arquitetônico, que será sua Casa, e que incluirá as formas e materiais utilizados pelos povos originários em seus processos de construção, e gerando um espaço para a recuperação do patrimônio Totonaca. A pesquisa é estruturada por 3 partes, cada uma delas tece uma interlocução distinta em cada parte. A linguagem utilizada resulta de um estudo da forma adequada de comunicar cada tipo de conhecimento. A pesquisa tem como objetivo fazer uma reflexão sobre como o processo de concepção da arquitetura pode ser um processo colaborativo. O trabalho se iniciou como uma investigação de campo, realizado entre os meses de dezembro de 2020 a maio de 2021 no México. Como metodologia foi adotada a metodologia clínica, consistindo em quatro fases. A primeira fase implica que a pesquisadora assuma o papel de uma aprendiz, na tentativa de entender a situação que está sendo pesquisada. A segunda fase desenvolve a documentação, que consiste em um mapeamento do tecido dos fenômenos: os símbolos, os significados, os rituais, as rotinas, o folclore e a história. A terceira fase visa identificar os temas-chave e as interpretações da situação. A quarta etapa da pesquisa corresponde em testar a validade do conhecimento produzido. Nesta pesquisa, a quarta

etapa, o teste de validade do processo, se dá através da ação projetual. A pesquisa resultou no desenvolvimento do projeto executivo e o financiamento, processo que antecede e se prepara para a construção. Como validação do processo, María Luisa, Abuela Cuentacuentos, além de participar do processo projetual, fez o convite para continuar a colaboração em uma ação em que estão se reunindo Abuelos e Abuelas na região de norte do Estado de Chiapas, México. A pesquisa conclui que as formas de colaborar estão ligadas ao modo como os diferentes conhecimentos interagem por meio das relações que se estabelecem entre as participantes do projeto. A arquitetura é vista como ponte para aprendizagem direta com as comunidades as quais ela serve, que no caso, é a fonte do conhecimento sobre colaboração.

Palavras-Chave: Projeto de Arquitetura; Processo colaborativo; Conhecimentos Indígenas; Auto-construção.

Resumen

Este trabajo documenta y analiza, desde la perspectiva de la reflexión académica, el proceso colaborativo de diseño del proyecto de la Casa de Abuela Cuentacuentos, ubicada en el pueblo de Escobilla, México, Oaxaca. Junto a María Luisa Rivera Grijalva, Abuela Cuentacuentos, Xiuhmíxtlicoatl -su nombre proviene de la lengua nahuátl- se desarrolló un espacio arquitectónico, que será su Casa, y que incluirá las formas y materiales utilizados por los pueblos originarios en sus procesos constructivos, y generando un espacio para la recuperación del patrimonio totonaca. La investigación está estructurada por 3 partes, cada una de las cuales teje una interlocución distinta en cada parte. El lenguaje utilizado es el resultado de un estudio sobre la forma adecuada de comunicar cada tipo de conocimiento. La investigación pretende hacer una reflexión sobre cómo el proceso de diseño de la arquitectura puede ser un proceso colaborativo. El trabajo comenzó como una investigación de campo, realizada entre los meses de diciembre de 2020 a mayo de 2021 en México. Como metodología se adoptó la metodología clínica, que consta de cuatro fases. La primera fase implica que el investigador asume el papel de aprendiz, en un intento de comprender la situación investigada. La segunda fase desarrolla la documentación, que consiste en una cartografía del tejido de los fenómenos: los símbolos, los significados, los rituales, las rutinas, el folclore y la historia. La tercera etapa tiene como objetivo identificar los temas clave y las interpretaciones de la situación. La cuarta etapa de la investigación corresponde a la comprobación

de la validez de los conocimientos producidos. En esta investigación, la cuarta etapa, la prueba de validez del proceso, tiene lugar a través de la acción de diseño. La investigación dio lugar a la elaboración del proyecto ejecutivo y la financiación, un proceso que precede y prepara la construcción. Como validación del proceso, María Luisa, Abuela Cuentacuentos, además de participar en el proceso de diseño, extendió una invitación para continuar la colaboración en una acción en la que Abuelos y Abuelas se encuentran en la región norte del Estado de Chiapas, México. La investigación concluye que las formas de colaborar están vinculadas a la forma en que interactúan los distintos conocimientos a través de las relaciones que se establecen entre los participantes en el proyecto. La arquitectura se considera un puente para el aprendizaje directo con las comunidades a las que sirve, que en este caso es la fuente de conocimiento sobre la colaboración.

Palabras clave: Diseño arquitectónico; Proceso de colaboración; Conocimiento indígena; Autoconstrucción.

Lista de Figuras

- Figura 01** - Equipe da construção da Casa de Jajja
- Figura 02** - Reunião sobre a construção da Casa de Jajja
- Figura 03** - Reza que antecedeu a construção da Casa de Jajja
- Figura 04** - Mapa do trajeto inicial de São Paulo — Brasil a Cancún — México
- Figura 05** - Mapa do trajeto Cancún, de Tulum a Valladolid
- Figura 06** - Projeto Tipologías. Estado actual de la vivienda tradicional en México
- Figura 07** - Projeto Del territorio al habitante
- Figura 08** - Processo participativo do projeto Casa de La Partera
- Figura 09** - Mapa do trajeto de Cancún, Quintana Roo a Puerto Escondido, Oaxaca
- Figura 10** - Localização de Mazunte, Oaxaca
- Figura 11** - A entrada de Mazunte
- Figura 12** - Modelos de estruturas palapa
- Figura 13** - As Palapas sendo utilizadas no vilarejo de Mazunte
- Figura 14** - Mercado Artesanal de Mazunte

- Figura 15** - Artigos vendidos no Mercado Artesanal de Mazunte
- Figura 16** - Percurso de Mazunte a Escobilla
- Figura 17** - Entrada para o terreno de Maricarmen onde há o Temazcal, em Escobilla
- Figura 18** - Distintos Temazcallis pelo México
- Figura 19** - Memória na parede da casa de María del Carmen Barrón em ritual na ‘Punta Cometa’ em Mazunte
- Figura 20** - Mapa do trajeto de Puerto Escondido, Oaxaca a Iztapalapa, Cidade do México
- Figura 21** - Primeira conversa direta entre María Luisa e Mariana
- Figura 22** - Rua da Unidade habitacional de Cananea
- Figura 23** - Retrato de María Luisa Rivera Grijalva
- Figura 24** - Conjunto Habitacional no bairro de Iztapalapa onde María Luisa auto construiu sua moradia
- Figura 25** - Escada que leva aos outros níveis da Casa de María Luisa
- Figura 26** - Conhecendo Maria Luisa Rivera Grijalva
- Figura 27** - Detalhes da Casa de Maria Luísa

- Figura 28** - Conhecendo Maria Luisa Rivera Grijalva
- Figura 29** - No escritório da Casa de María Luisa Rivera Grijalva
- Figura 30** - Estante na Casa de Maria Luisa Rivera Grijalva
- Figura 31** - Localização da região de Chiconquiaco
- Figura 32** - Estante de livros no quarto de María Luisa Rivera Grijalva
- Figura 33** - Conhecendo Maria Luisa Rivera Grijalva
- Figura 34** - María Luisa Rivera Grijalva em diferentes momentos como narradora
- Figura 35** - Jajja Nannono Imaculate
- Figura 36** - A Casa de Jajja habitada por Gift, Jajja, Janet e Berna
- Figura 37** - A Casa de Jajja em construção por Mariana, Rose, Luiza, Jajja e Berna
- Figura 38** - María Luisa apresentando sua história
- Figura 39** - María Luisa Rivera Grijalva na janela de sua casa no México
- Figura 40** - Ritual de Abuelas e Abuelos em Escobilla
- Figura 41** - Ritual de Abuelas e Abuelos na Cidade do México

- Figura 42** - María Luisa trançando seus cabelos
- Figura 43** - Manifestação reivindicando a 3 a Convocatória na Cidade do México
- Figura 44** - María Luisa em sua terra natal, Veracruz
- Figura 45** - Reza feita para o início da construção da Casa de Jajja
- Figura 46** - Mapeamento das conexões e conhecimentos da comunidade de Kikajjo
- Figura 47** - A Casa de Jajja construída
- Figura 48** - Construtoras da Casa de Jajja
- Figura 49** - Mulheres que participaram da construção da Casa de Jajja e colaboradoras do projeto A Casa das Mães
- Figura 50** - Investimento e Impacto social da Casa das Mães
- Figura 51** - Integrantes da associação Widows Live Today
- Figura 52** - Investimento e Impacto social da Casa das Viúvas
- Figura 53** - Infográfico do ‘Encontro’ da Casa de Jajja
- Figura 54** - Processo construtivo da Casa de Jajja

Figura 55 - Mapa do trajeto de Mazunte a Escobilla a Puerto Escondido. Oaxaca

Figura 56 - Linha do tempo síntese do processo de concepção da Casa de Abuela Cuentacuentos

Figura 57 - Localização de Escobilla

Figura 58 - Localização de Escobilla

Figura 59 - Caracterização das moradias em Escobilla pelo INEGI

Figura 60 - Localização de Escobilla

Figura 61 - Localização de Escobilla

Figura 62 - Título da terra adquirida por María Luisa

Figura 63 - Registros do trajeto de Mazunte ao vilarejo Escobilla, Oaxaca

Figura 64 - Esboços dos levantamentos feitos no terreno em Escobilla, Oaxaca nas etapas 1 a 4

Figura 65 - Registros fotográficos da vegetação existente e etapa 5 do levantamento

Figura 66 - Levantamentos da Casa de Abuela Maricarmen, terreno vizinho de María Luisa

Figura 67 - Levantamentos da Casa de Abuela Maricarmen, terreno vizinho de María Luisa

Figura 68 - Esboço do levantamentos da Casa de Abuela Maricarmen, terreno vizinho de María Luisa

Figura 69 - Pinturas das Abuelas irmãs e banheiro

Figura 70 - Temazcal no terreno de Maricarmen

Figura 71 - Caminhando pelo vilarejo de Escobilla

Figura 72 - Estudo de materiais e técnicas construtivas

Figura 73 - Prática coletiva da técnica da taipa de mão, Mayute

Figura 74 - Diagrama do sistema de tratamento de águas desenvolvido por Dra.Carmina Borja

Figura 75 - Implantação fita em AutoCad

Figura 76 - Implantação “caminho das vacas” em AutoCad

Figura 77 - Desenvolvimento da implantação da Casa de Abuela Cuentacuentos

Figura 78 - Planta da Casa de Abuela Cuentacuentos

Figura 79 - Renders da cozinha e do espaço de fomento à leitura da Casa de Abuela Cuentacuentos

Figura 80 - Renders da cozinha e do espaço de fomento à leitura da Casa de Abuela Cuentacuentos

Figura 81 - Desenho isométrico da Casa de Abuela Cuentacuentos

Figura 82 - Cortes da Casa de Abuela Cuentacuentos

Figura 83 - Desenhos esquemáticos do sistema de abastecimento de águas da Casa de Abuela Cuentacuentos

Figura 84 - Desenhos esquemáticos do sistema de tratamento das águas cinzas da Casa de Abuela Cuentacuentos

Figura 85 - Desenhos esquemáticos do sistema de tratamento das águas sanitárias residuais da Casa de Abuela Cuentacuentos

Figura 86 - Registros do processo da construção da maquete como ritual

Figura 87 - Registros da maquete final

Figura 88 - Imagem feita por líder Kamayurá

Figura 89 - Imagem feita por integrantes da Escola da Cidade aprendendo com a comunidade Kamayura

Figura 90 - Esboços das implantações

Figura 91 - Oficina de críticas com Luiza, Mariana e María Luisa

Figura 92 - Esboço da Implantação escolhida por María Luisa

Figura 93 - Colagem do projeto final da Casa de Abuela Cuentacuentos

Figura 94 - Planta da Casa de Abuela Cuentacuentos

Figura 95 - Isométrica do processo construtivo da Casa de Abuela Cuentacuentos

Figura 96 - Cortes da Casa de Abuela Cuentacuentos

Figura 97 - Cortes da Casa de Abuela Cuentacuentos

Figura 98 - Diagrama sobre a relação do investimento e o impacto social

Figura 99 - Mapeamento dos projetos comunitários que a plataforma Architecture in Development conecta

Figura 100 - Danié Gomez-Ortigoza

Figura 101 - Flyer do evento online

Figura 102 - Flyer do evento presencial

Figura 103 - Fotos Exposição A Casa de Abuela Cuentacuentos em colaboração com coletivo Ruína e Galpão Comum

18	Apresentação	144	Parte 2
22	Introdução		<i>Fala a Comunidade Totonaca</i>
28	Parte 1	148	Parte 3
	<i>Aprendendo com as Abuelas</i>		<i>Interlocuções entre a Comunidade Acadêmica e a Comunidade Totonaca</i>
30	Capítulo 01		
	Ao redor de la Abuela Maricamen		
60	Capítulo 02	158	Capítulo 01
	Ao redor de la Abuela María Luisa		0 trabalho de campo
94	Capítulo 03	178	Capítulo 02
	Pensando a Casa de la Abuela Cuentacuentos: procesos sobrepostos		0 projeto
	3.1 Quem são as Abuelas	210	Considerações Finais
	3.2 A experiência da Casa de Jajja	212	Referências Bibliográficas
	3.3 Permitir que haja encontros	216	Anexos

Apresentação

No ano de 2019, em São Paulo, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, apresentei o trabalho “A Casa de Jajja: moradias autoconstruídas para mulheres em zonas rurais”. Após dedicar 1 ano na pesquisa e mais 6 meses para gerir os últimos temas para a viabilização do projeto, em Janeiro de 2020 nos juntamos na comunidade de Kikajjo, Kampala, Uganda, Leste da África, para a construção da casa. Éramos 7 estrangeiras — brasileiras, francesas e gregas —, 7 mulheres da comunidade local e 5 homens, também da comunidade local e que já trabalhavam na área da construção. Construímos a Casa de Jajja, Nannono Immaculate, líder comunitária, em 6 semanas, com a organização do processo inteiramente autogerida através de oficinas de construção nas quais os homens eram os professores e as mulheres as alunas. Vivemos um canteiro de obras experimental, prototipamos soluções in loco e transgredimos relações opressoras de trabalho ao discutir os temas coletivamente, criando um espaço psicologicamente seguro. Em março de 2020, logo depois de celebrarmos a apropriação de Jajja em sua casa, nos despedimos em clima de até logo, conscientes de que havíamos nos tornado um coletivo cheio de potencialidades. Logo em seguida, o mundo foi tomado pela pandemia da Covid-19.

Em maio de 2020, avistando o Minhocão a partir do 12º andar de um prédio em São Paulo, Brasil, com a necessidade de isolamento e um sentimento de saudade profunda do que foi vivido

na construção da Casa de Jajja, comecei a articular uma pesquisa de mestrado. Buscando absorver o que foi experienciado, mas sem nenhuma perspectiva de reabertura das fronteiras entre Brasil e Uganda e muito menos de retorno às atividades normalmente, achei que a melhor forma de poder continuar servindo mulheres como a Jajja, com quem aprendi tanto, seria utilizando esse tempo para me instrumentar. Com o desejo de expandir o conhecimento iniciado, matriculei-me no programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo para aprender a refletir e a investigar. A pesquisa, assim, começou quando eu desejava analisar o processo de concepção e construção através de perspectivas que foram se transformando ao longo do próprio processo. Em meio à conclusão do primeiro semestre do mestrado, em dezembro de 2020, acabava de pousar no México, em uma deriva pessoal, ainda profundamente nostálgica mas ciente da impossibilidade presente de estar próxima a Kikajjo. Nesse trajeto, abri-me para encontrar, intuitivamente, o tema de pesquisa.

Estive no México entre dezembro de 2020 a maio de 2021, cruzando os Estados de Quintana Roo e Yucatán, no Caribe, a Costa do Estado de Oaxaca, até alcançar a Cidade do México. A cada semana que passava, as águas agitadas de dentro do meu corpo estavam sendo acolhidas por esse país e pelas pessoas com as quais me encontrei e conversei durante o trajeto, que me ensinaram a reconhecer o México como o coração da Terra. Em abril de 2021, no vilarejo de

Mazunte, na costa do Oceano pacífico em Oaxaca, cheguei no local para onde a bússola interna apontava e escutei que estava ali a comunidade a qual serviria com a pesquisa. Participei de uma sequência de rituais de Temazcal, guiados por María del Carmen Barrón, Abuela Maricarmen, também conhecida como Tlazoxiuhpapalotl — seu nome na língua Náhuatl —, e fui inundada por sua generosidade e valores empoderadores. Como veremos mais adiante, a Abuela vem trabalhando no vilarejo vizinho a Mazunte, em Escobilla, para divulgar e promover a medicina tradicional dos povos originários. Maricarmen apresentou-me à María Luisa Rivera Grijalva, Abuela Cuentacuentos, Xiuhmixtlicoatl, mulher que deseja ajudar a promover o trabalho de Maricarmen com uma extensão de sua proposta criando, ao lado do seu terreno, mais um espaço que será utilizado para atividades culturais e educacionais que desencadearam um processo de desenvolvimento na comunidade, voltado principalmente para mulheres e crianças — sem excluir os homens e demais possibilidades de gênero, evidentemente. Para isso, propuseram-me que ajudasse na construção de um espaço arquitetônico que incluísse as formas e materiais utilizados pelos povos originários em seus processos de construção e assim gerar um ambiente para a recuperação do patrimônio Totonaca.



Figura 01: Equipe da construção da Casa de Jajja em 28/02/2020.
Fonte: Thais Viyuela

Introdução

Começo a, de fato, introduzir-lhes a pesquisa. A partir do convite feito pelas Abuelas, aceitei com profunda gratidão e lhes pedi permissão para que o processo a ser concebido fosse documentado como tema de pesquisa de mestrado. Elas aceitaram e alinhamos nossas intenções de fazermos uma ponte entre mundos para que também possamos levar este conhecimento às universidades e assim agregar inclusão e diversidade de narrativas educacionais. A partir desses acontecimentos, reconheci a honra e a responsabilidade de participar deste processo e, ao documentá-lo. A linguagem que lhes escrevo foi solicitada pelo próprio conteúdo, pois outra linguagem me parecia deturpar os valores que estamos tentando transmitir. A pesquisa é também um estudo da linguagem adequada, sendo assim, perceberão que em cada parte do trabalho foi respeitada a linguagem adequada para cada assunto.

Aclarada sobre o tema da pesquisa e sensibilizada com a experiência do trabalho de campo realizado em Kikkajo, Uganda, na Casa de Jajja, foi necessário buscar uma metodologia de trabalho que fosse a ferramenta adequada para estruturar a vivência em um mestrado. Encontramos a metodologia clínica, que se apresentou como a mais apropriada para realizar o estudo desejado. Baseada no estudo de Kavous Ardalan em sua obra *On the Role of Paradigms in Finance* (Alternative Voices in Contemporary Economics), a metodologia clínica parte da ideia de que, ao invés de observar a realidade de fora, deve-se tentar compreendê-la de dentro. Ardalan comenta sobre o primeiro passo deste procedimento:

Enquanto o cientista que aplica a metodologia científica observa o fenômeno à distância, o cientista clínico faz contato direto e não-estruturado com ele, sem nenhum preconceito em termos do que deve ser descoberto. O cientista clínico torna-se um participante na situação a ser investigada. O objetivo principal é entender como as pessoas constroem seu mundo. O cientista clínico entra na situação para entender como ela é construída a partir de dentro. Isto é feito sem assumir o papel de um especialista, com uma teoria sobre como esse fenômeno funciona, como faz um cientista que aplica metodologia científica. Ao invés disso, o pesquisador assume o papel de um aprendiz, que tenta entender a situação que está sendo pesquisada (2008, p.42).

Após o primeiro passo, a criação do vínculo que ativa o estado de aprendiz, começa-se a realizar a documentação, que consiste em um mapeamento do rico tecido dos fenômenos: os símbolos, os significados, os rituais, as rotinas, o folclore e a história. A aprendiz tem sempre um caderno para a documentação rigorosa das observações e ações do cientista dentro do fenômeno. O terceiro passo consiste em identificar os temas-chave e as interpretações da situação. Conforme define Kavous Ardalan:

O processo de interpretação do que acontece na situação, e de construção da teoria, é totalmente diferente do da metodologia científica. Os cientistas clínicos tiram sua explicação da situação. Esta última se concentra em temas e interpretações, na situação que está sendo estudada, para gerar uma teoria detalhada (2008, p.43).

A quarta etapa da pesquisa consiste em testar a validade da situação. O autor sugere que essa validação pode ser conduzida pedindo aos membros da situação que comentem sobre a explicação e que a refinem ou corrijam onde quer que ela tenha uma deficiência ou caso esteja errada. Somente após o processo de criar um espaço de diálogo com os membros que gerem essa oportunidade de rejeitar a teoria, visão ou explicação, é que o cientista clínico pode reivindicá-la como conhecimento. Nesta pesquisa, a quarta etapa, aconteceu ao longo das fases de concepção projetual. O resultado final é uma explicação que é coerente com o processo de construção da realidade dentro da situação. Ardalan argumenta sobre o valor de tal método:

Do ponto de vista da metodologia clínica, um único estudo de caso pode conter uma rica visão. Embora específico da situação, ele pode transformar o entendimento de outras situações, que podem ser entendidas em termos semelhantes. A percepção obtida de um único estudo de caso pode ser muito superior aos conjuntos abstratos de relações obtidas a partir do estudo sistemático de um grande número de fenômenos similares através da metodologia científica (2008, p.45).

Até aqui nos inteiramos sobre a motivação da pesquisa através do projeto da Casa de Jajja, sobre como se dobrou o tema da pesquisa ao conhecer as Abuela Maricarmen e Abuela Cuentacuentos e sobre a metodologia usada para conduzir o estudo. Conduzo-lhes agora à estrutura do trabalho,

formada por 3 partes da pesquisa, cada uma tecendo uma interlocução.

A “Parte 1”, composta por três capítulos, trata sobre a imersão total em campo e o início da aplicação do método.

No “Capítulo 1 - Ao redor do mundo de Abuela Maricarmen”, aprenderemos com o mundo de uma “Mulher Medicina”, María del Carmen Barrón, e seu constante trabalho de empoderamento da comunidade ao seu redor e por meio da partilha da medicina tradicional. Descreverei a percepção do contexto do espaço onde se dará a construção através do aprendizado com Maricarmen.

No “Capítulo 2 - Ao redor do mundo de Abuela Cuentacuentos”, iremos nos despedir, momentaneamente, do oceano pacífico da costa de Oaxaca e adentrar no bairro de Iztapalapa, aonde residem descendentes de diversos povos originários, como Mexicayotl e Totonaca, na Cidade do México. Conheceremos María Luisa Rivera Grijalva, reconhecendo sua visão e percurso de vida para os próximos passos da pesquisa. Compartilharei a partir de dimensões afetivas e humanas de minha convivência com ela, que forneceram uma complementação valiosa e insights para o desenvolvimento do projeto.

No “Capítulo 3 - Pensando a Casa de Abuela Cuentacuentos: processos sobrepostos”, iremos tecer experiências que trouxeram aprendizados relacionados ao processo de concepção da Casa de María Luisa.

A “Parte 2” antecede o exercício projetual e é um momento de absorção, antes da ação. A segunda parte abre espaço para a construção de uma narrativa exclusivamente audiovisual. Conjuntamente com María Luísa, liderada por seu conhecimento, construímos um material audiovisual para dar lugar à fala desta legítima representante da cultura Totonaca dentro desta dissertação.

A “Parte 3” corresponde a quarta etapa da metodologia clínica. Nesta parte, damos início à tradução das interpretações em projeto a partir de trocas, constantes, com agentes da comunidade, de modo a comprovar a validade do processo e acompanhar a construção.

Chegamos ao fim da introdução. Espero que estejam devidamente guiadas a começar a leitura e que a presente pesquisa instigue muito mais trocas.



Figura 02: Reunião sobre a construção da Casa de Jajja em 28/02/2020. Fonte: Thais Viyuela



Figura 03: Reza que antecedeu a construção da Casa de Jajja em 28/02/2020. Fonte: Thais Viyuela

Parte 1

Aprendendo com as Abuelas

Capítulo 01

Ao redor de la Abuela Maricarmen

México

O início desta pesquisa, compartilho com franqueza, aconteceu a partir de uma deriva intuitiva pelo México. O desdobramento desse processo é fundamentado no conceito de Jorge Larossa Bondía (2002) sobre a “experiência”: “[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (p.21). Desenvolver um trabalho de campo, que entendo como uma ação de colocar-me como aluna para aprender tudo o que nos rodeia, fez com que a minha relação com o entorno se aproximasse e se tornasse viva. A documentação dessa compreensão foi gerando uma sensação de gestação do que viria a ser a pesquisa. Compreendo que tal caminho não é o tradicional ou esperado no meio acadêmico, mas a paciência em gestá-la fez com que o parto da pesquisa fizesse um sentido visceral (integrador) na trajetória dos sujeitos que irão acompanhar.

Estive no México entre dezembro de 2020 e maio de 2021. Deixei o começo do verão Paulista e pousei em Cancún, onde tive os pulmões preenchidos pelo ar quente e úmido do final de ano caribenho e fui recebida pelas nuvens que desejavam nos enxaguar a cada tanto do dia. Durante o mês de dezembro, na costa do Caribe, percorri alguns trechos do trajeto de ônibus e alguns bem aproveitados de bicicleta, entre os Estados de Quintana Roo e Yucatán. No Sudeste do México conheci a cidade de Tulum, localizada na península de Yucatán, um

sítio arqueológico correspondente a uma antiga cidade Maya que foi um dos principais portos da cidade de Cobá. Afagada pelas planícies de Tulum e por seus entornos, descobri em bicicleta a magia dos Cenotes, guardiões dos rios subterrâneos que nos dão as graças por cavernas que os conectam ao exterior. A 102 km, sentido noroeste de Tulum, pela estrada Chemax-Coba, está Valladolid, que possui o nome de origem espanhol pois, em 1543, o espanhol Francisco de Montejo invadiu a cidade Maya de Chaunac-Há. Lá pude observar um lugar de convergência cultural, construções mayas, espanholas e mestiças. Um México pré-hispânico, colonial, independente e revolucionário, onde, apesar de seu distanciamento do centro do país, tem favorecido a formação de espaços nos quais se misturam diversas narrativas, formando um novo núcleo com identidade própria (ALAYOLA, 2018). Meu objetivo nessas visitas foi o de experienciar a busca de uma ocasião oportuna para uma pesquisa.

Ao refletir sobre planos futuros, ainda com o tema da dissertação em aberto, a primeira intenção era me aproximar do que foi um dos estudos de caso da pesquisa: o coletivo mexicano *Comunal Taller de Arquitectura*, fundado em 2015 na Cidade do México por Mariana Ordóñez Grajales (CHETUMAL, 1968) e Jessica Amezcua Carrera (Cidade do México, 1983). O coletivo trabalha em regiões rurais no México nos Estados de Puebla, Oaxaca e Chiapas, e tem o compromisso social de refletir sobre os atos de dominação e violência patriarcal que



Figura 04: Mapa do trajeto Cancún, de Tulum a Valladolid. Desenho de Mariana Montag. Fonte: Mariana Montag

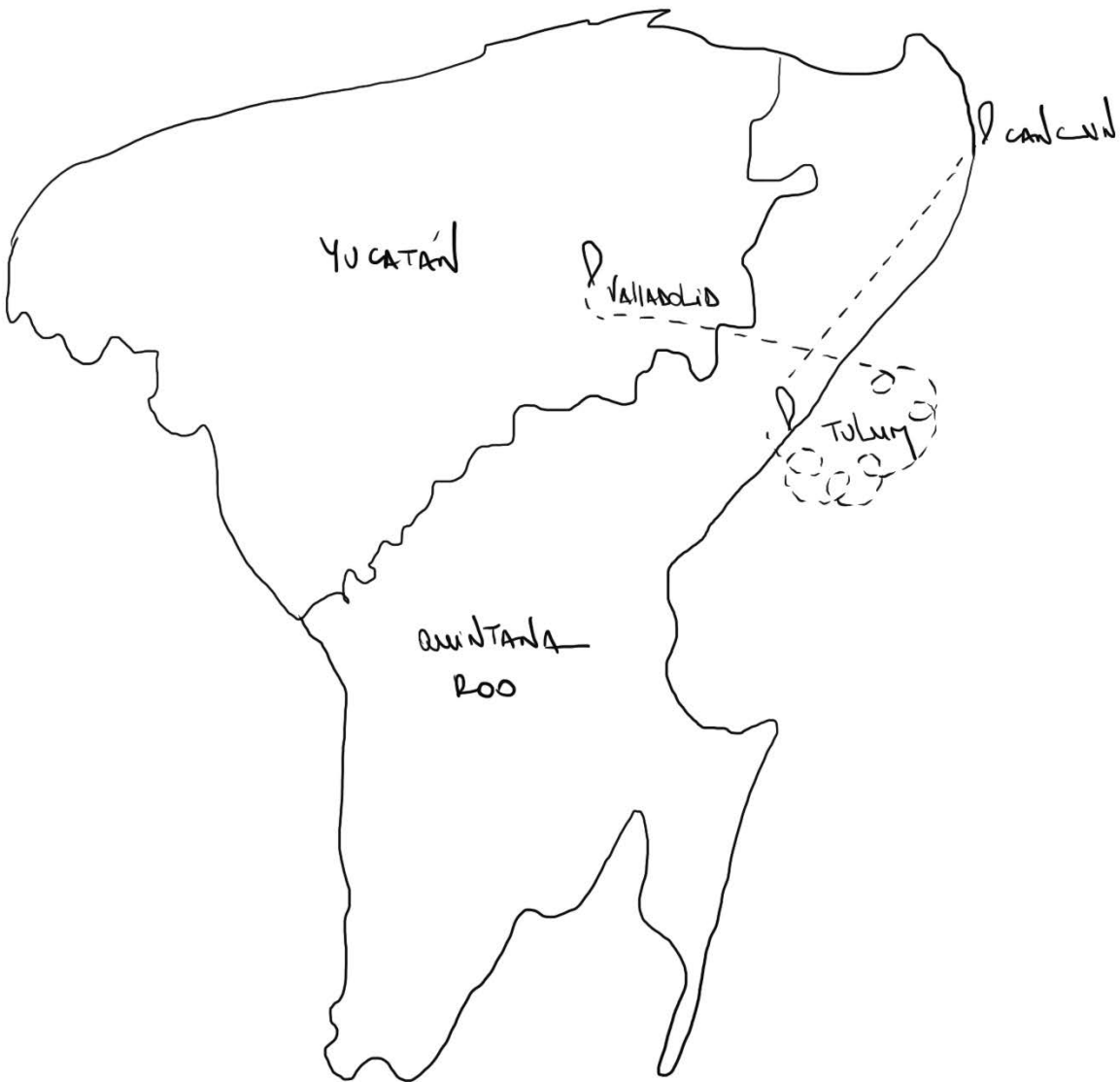


Figura 05: Mapa do trajeto Cancun, de Tulum a Valladolid. Desenho de Mariana Montag. Fonte: Mariana Monta

são exercidos pela arquitetura sobre as mulheres, suas famílias, comunidades e territórios, com o objetivo de encontrar novas formas de acompanhar os processos sociais relacionados ao direito ao habitat a partir de uma posição que rejeita o sistema de violência patriarcal, racismo, colonialismo e visões tecnocráticas hegemônicas. Há dois projetos feitos pelo coletivo que contribuíram significativamente para minha compreensão quanto às formas e possibilidades de atuar no território. Um deles é o projeto *Tipologías. Estado actual de la vivienda tradicional en México*, nos Estados de Yucatán e Chiapas feito em 2018, que visa documentar e analisar o estado atual da habitação tradicional no México e sua transformação, bem como as adaptações territoriais que surgiram nas áreas rurais do país. A motivação do projeto surgiu do entendimento que a habitação tradicional no México está sendo rapidamente transformada por vários fatores, incluindo a urbanização das áreas rurais através de programas governamentais que promovem e incentivam o uso de materiais industrializados e políticas de habitação pública que rejeitam e negam a importância dos sistemas tradicionais de construção (ORDOÑEZ, 2018). Sendo assim, o coletivo foi a comunidades rurais dos Estados de Yucatán e Chiapas e uniu a perspectiva desses pessoas às análises de Mariana Ordoñez e aos registros fotográficos de Onnis Luque, para documentar o patrimônio arquitetônico tangível e intangível dos povos originários das regiões desses dois Estados.

O segundo projeto com o qual aprendi foi o projeto *Del territorio al habitante*,

famílias de Motul, Yucatán em 2018. A iniciativa surgiu do Centro de Pesquisa para o Desenvolvimento Sustentável do Instituto del Fondo Nacional de la Vivienda para los Trabajadores (INFONAVIT) com o objetivo inicial de realizar um processo de colaboração com as famílias em Motul, Yucatán, para desenvolver um modelo de moradia rural apropriado aos estilos de vida locais. Em outras palavras, o objetivo era criar um projeto piloto que seria construído através de esquemas de autoprodução. O projeto não atingiu seu objetivo porque o trabalho com as famílias e com o processo de autoprodução não foram realizados, permanecendo apenas um protótipo de moradia. O Comunal Taller, após esse exercício, refletiu que fazer protótipos de moradia sem a participação das pessoas que vivem nos territórios é absurdo, pois reproduz múltiplas formas de violência, como a exploração econômica e dominação política e fortalece a visão tecnocrática e hegemônica, usando do cientificismo como ferramenta de controle e submetendo as lógicas de vida a sistemas hierárquicos, como se uma fosse mais correta do que a outra. Visão, essa, que é um problema histórico na profissão da Arquitetura e do Urbanismo.

Haveria ainda um terceiro projeto, que está em processo, mas que despertou um desejo de envolvimento. É o projeto chamado *Casa de La Partera*, no Estado de Chiapas iniciado em 2019, que consiste em projetar e construir, através de estratégias participativas, 20 casas de partos para que as parteiras possam atender as pessoas em trabalho de parto de maneira segura, sem colocar suas



CASA MAYA. Motul, Yucatán

Figura 06: Projeto Tipologías. Estado actual de la vivienda tradicional en México. Fonte: Comunal Taller. Disponível online em <https://www.comunaltaller.com/tipologias-lightbox=datatem-j0g8x634>. Acesso em: 26/11/2021.

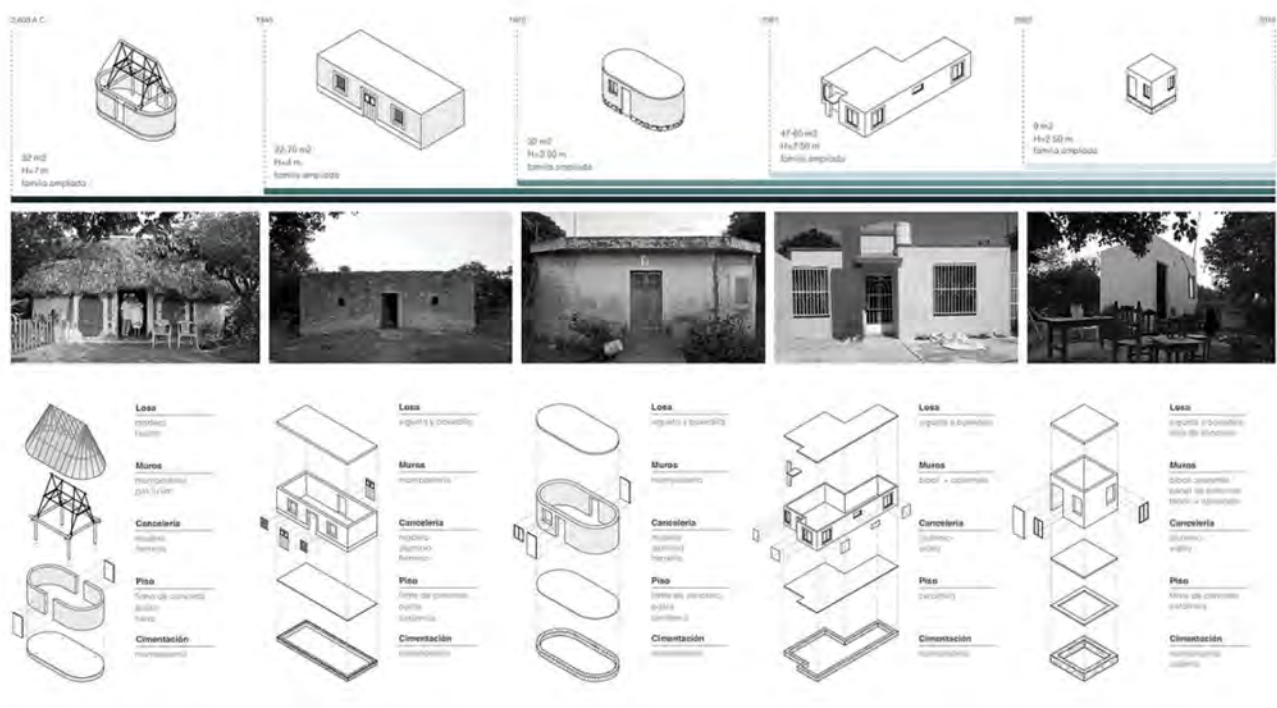


Figura 07: Projeto Del territorio al habitante., Fonte: Comunal Taller. Disponível online em <https://www.comunaltaller.com/delterritorioal-habitante>. Acesso em: 26/11/2021.



Figura 08: Processo participativo do projeto Casa de La Partera. Fonte: Comunal Taller. Disponível online em <https://www.comunal-taller.com/casadelapartera?lightbox=dataitem-kq11wnko>. Acesso: em 08/12/2021.

Figura 09: Mapa do trajeto de Cancun, Quintana Roo a Puerto Escondido, Oaxaca. Desenho de Mariana Montag. Fonte: Mariana Montag.

famílias em risco. Na região não existem serviços de saúde economicamente acessíveis e culturalmente apropriados para apropriados para pessoas grávidas ou em trabalho de parto, o que aumento a taxa de mortalidade maternal e infantil transformando-a em causa número um de mortes na região. Diante dessa situação, as parteiras se organizaram para formar uma rede de cuidados através do conhecimento ancestral da parteira e da medicina tradicional em 22 comunidades, conseguindo reduzir a taxa de mortalidade em cinco anos. Atualmente, a rede de parteiras *Un solo corazón* (formada por 64 mulheres) atende 91% dos nascimentos na região.

Esse projeto me motivou e fui buscar me conectar diretamente com elas. Em janeiro de 2021, participei de algumas reuniões com Jessica e Mariana e percebi que nossa colaboração poderia ser mais aproveitada em um estágio futuro do projeto. Essa percepção veio da minha experiência prévia de que incluir pessoas que não estiveram desde o início na criação de vínculo com a comunidade que lidera o projeto pode tomar mais energia das pessoas envolvidas do que contribuir de fato. Como minha intenção era contribuir e o projeto estava no estágio de desenvolvimento direto com a comunidade, resolvi esperar para poder participar em um estágio no qual a distância do vínculo não afetaria o processo.

No início de fevereiro de 2021, fui à costa do Pacífico, ao Estado de Oaxaca. A pesquisa ainda estava em aberto, mas com a forte sensação de que saberia quando estivesse em uma situação

que se desdobraria em um tema. Cruzei desde Cancun, Quintana Roo, a Puerto Escondido, Oaxaca, em avião com parada na Cidade do México. Como realizei o trajeto de avião, pude presenciar a mudança das formações naturais – florestas, rios, formações rochosas – como se fosse um lindo filme panorâmico que começava por cenas em cores saturadas de areia branca, azul cristal, verde tropical até chegar nas cenas do oeste do país, onde as cores se desbotam, os cactos e as montanhas se apresentam em tons de laranja e verde com o marinho do oceano pacífico. O trajeto pode também ser feito em terra e certamente muitos e muitas viajantes o fazem, pois no caminho através do Estado de Chiapas há incontáveis lugares com os quais aprender. Os trajetos mudam, mas em média são dois dias de viagem em ônibus. Após um mês no povoado de La Punta, em Puerto Escondido, em março, segui 67 km de ônibus pela rodovia Santiago Pinotepa Nacional — Salina Cruz/México 200 para o povoado de Mazunte, onde aconteceu o despertar da pesquisa. Nesse percurso, quando sai da região beira mar para cruzar pelo interior do país até alcançar outro sítio beira mar, há um contraste natural presenteado pela estação: o abundante mar pacífico e a vegetação hidratada próxima ao mar e aos secos rios, querendo desaguar, mas com seus fundos visíveis e com as plantas pedindo para serem encharcadas pelos próximos meses.

Até aqui, acompanharam-me na introdução ao capítulo 1, no início da deriva que começou na região do extremo leste do México somado à busca de

conhecimento pelo trabalho do Comunal Taller nas regiões rurais dos Estados de Yucatán, Chiapas e Puebla. É sob essas marcações temporais, espaciais e referências que se iniciam os encontros geradores da pesquisa. A seguir, conhecerão os vilarejos de Mazunte, Escobilla e a construção de mundo ao redor de Abuela Maricarmen.

Mazunte

Na costa do Pacífico de Oaxaca, no município de Santa Maria Tonameca, México, encontra-se Mazunte. Localizada 22 km a sudoeste de San Pedro Pochutla, na Rodovia Costeira 200, a 10 km a oeste de Puerto Ángel, a 1 km de San Agustínillo e 264 km ao sul da capital de Oaxaca. Segundo informações que pude levantar em conversas curiosas e informais com pessoas do local, dentre 702 habitantes, há duas etimologias populares para o nome do vilarejo: enquanto algumas pessoas afirmam que “Mazunte” deriva de uma frase Nahuatl, “maxotetia” —que significa “por favor, deposite ovos aqui” —, outras afirmam que deriva da palavra “mizontle”, usada por habitantes locais para se referir a uma espécie de caranguejo que costumava ser muito abundante na área.

Mazunte é um pequeno vilarejo encravado entre uma praia larga, de 1 km de extensão, e a Serra Madre del Sur. Quando se chega na altura da rodovia onde se localiza Mazunte, é necessário adentrar 5km em direção ao mar e, para isso, tomam-se as camionetas, caminhonetes com bancos acoplados na caçamba que funcionam como transporte

público.As camionetas são um convite para adentrarmos um espaço onde as pessoas que já estão fixam o olhar em quem entra e abrem mais espaços para o corpo de passageiros e passageiras que esperavam no ponto para subir e se acomodar, sentado ou em pé, até o seu destino final. Então, imersa em um pedaço do dia de cada pessoa que por diferentes motivos transitam, Mazunte te convida para uma atmosfera repleta de frescor e misticidade. O caminho para a casa onde me hospedei se encontrava logo na entrada do povoado. Ao chegar no povoado, atravessando a rua principal, a Avenida Paseo del Mazunte — que liga o vilarejo com outros vizinhos (San Agustínillo, Zipolite, etc) –, desci no primeiro ponto de parada da camioneta, logo em frente a uma escultura turística com os dizeres “Bienvenidos a Mazunte, Pueblo Mágico”. Descendo no ponto de parada, o percurso até a casa consistia em dobrar em uma rua onde na esquina havia uma construção de um hostel e, no início da elevação havia uma escada para subir uma montanha . Ali havia outra construção em andamento. Dessa escada desdobravam-se outras escadas que levavam a diferentes superfícies onde essa Montanha acolhia as pessoas que ali habitavam.

Já na varanda do meu quarto, era possível observar o primeiro nível daquele novo horizonte e enxergar o desenvolvimento que estava acontecendo: muitas construções em andamento, desde casas a comércios, todas de no máximo três níveis. Foi possível notar nas materialidades e escalas das novas construções um respeito em relação às pré-existentes, o que me fez imaginar que

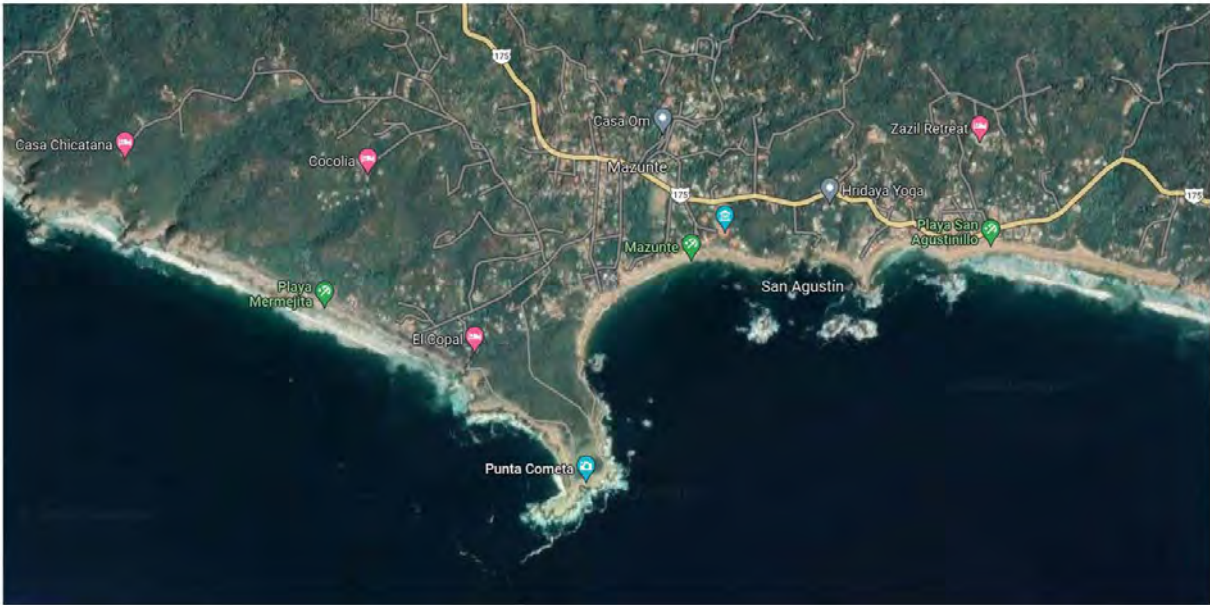


Figura 10: Localização de Mazunte, Oaxaca. Fonte:Google Maps, c2022. Disponível online em < <https://www.google.com/maps/@15.6636211,-96.5557677,2505m/data=!3m1!1e3>>. Acesso em: 26/05/2022.

Figura 11: A entrada de Mazunte. Fonte: Cleopatra Grim.



Figura 12: Modelos de estruturas palapa. À esquerda: Maruata, Michoacán; Barra de Navidad, Jalisco; Cuyutlán, Colima. À direita estão: Tecolapa, Colima, I e II. Fonte: Adolfo Gómez Amador, Armando Alcántara Lomelí y Alicia Delgado López .



pudesse haver um código de construção que traçasse, implícita ou explicitamente, tais limites. Nas construções em processo, as pessoas que trabalhavam tinham feições que, desde a colheita de percepções que tive no México, pareciam-me familiares e locais: estatura mediana para baixa em comparação com brasileiro, pele escura de tons ensolarados, expressões pacíficas compartilhadas por olhos amendoados e grandes, cabelos lisos, grossos e escuros. Diria que são características de suas ancestralidades e parentalidades indígenas. Para além do físico, a percepção do local e das pessoas era identificada pelos hábitos de se relacionar - acolhedoras e amáveis - no lidar umas com as outras, característica que também se expressa nas falas com sotaque Oaxaquenho, repletas de diminutivos.

Já nas ruas, o movimento do comércio era formado por pessoas que pareciam não ser da região, eram estrangeiras. É claro que as identifico com mais facilidade pois as vejo em mim, que também não era dali. Algumas eram percebidas com mais obviedade por estarem com suas mochilas de viajantes nas costas, prontas para partir em direção à próxima parada, mas outras possivelmente já habitavam ali há um tempo. Poderia especular que as feições se relacionam com diversos lugares do globo, mas carregavam principalmente uma aparência de experimentação, marcada por cortes de cabelos irregulares, uma curadoria de adornos no corpo de culturas distintas e modos de alguém que se relaciona com o clima à sua maneira. Isso quer dizer que, pessoas locais, por exemplo, mesmo que haja muito calor, estarão de

camisetas e sapatos, enquanto as estrangeiras se permitiam caminhar pela comunidade sem sapatos e/ou sem camiseta, e sempre carregando seus smartphones.

Já havia notado essa dinâmica em muitos lugares turísticos no México, porém ali havia uma diferença. Aquelas feições estrangeiras estavam também estampadas na estética das construções, sutilmente mescladas com as técnicas vernaculares e populares. Um exemplo de uma técnica popular amplamente utilizada e também mesclada com outras culturas construtivas é a Palapa, um tipo de construção rural feita de Otate (*Otatea acuminata*) – um tipo de bambu – e Palma Real (*Sabal Mexicana*). As Palapas são realizadas com técnicas tradicionais que foram adquiridas através do aprendizado geracional e transmitidas oralmente. O uso de recursos naturais renováveis como o Otate e a Palma Real bem como o conhecimento local de como utilizá-los, mão de obra especializada e o uso de ferramentas e equipamentos simples e facilmente reparáveis, contribuem para o desenvolvimento e uso de tecnologia de baixo custo e não poluente. Ademais, requer manutenção simples, o que contribui para que seja uma técnica amplamente aceita e com alta demanda na construção de moradias por famílias de baixa renda que vivem em áreas rurais dos trópicos mexicanos (CANSECO-LÓPEZ, 2010).

A gama de possibilidades para projetos com *palapa* pode ser tão ampla quanto as necessidades e interesses das pessoas interessados no assunto, com o objetivo de motivar a geração de novas

abordagens arquitetônicas que possam ser incluídas em programas habitacionais em regiões tropicais do México. Inclusive, o uso de matérias-primas naturais, renováveis e sustentáveis para a construção de palapas entre os promotores de ecotecnologias em edifícios para o ecoturismo é um aspecto econômico favorável devido ao baixo custo do material (KABSCH-VELA, 2010).

No entanto, o crescimento do ecoturismo parece ter trazido uma certa atmosfera de desarmonia, como se a cultura local tivesse sido apropriada pelos estrangeiros, atendendo a seus próprios princípios de conforto. Pessoas estrangeiras em suas derivas pessoais de autoconhecimento habitando uma terra e desfrutando do que é dito local mas na verdade sendo pensado por outras pessoas também estrangeiras. Reconheci tais dinâmicas pois havia uma parcela das minhas intenções pessoais que se identificava com as dessas pessoas estrangeiras, sentidas por mim com um desconforto interno e que faziam eu me sentir um tanto quanto invasora, provocando uma autocrítica ao observar esse espelhamento. Ao conectar essa sensação com a placa turística vista na entrada do vilarejo dizendo *Bienvenidos a MAZUNTE: Pueblo Mágico*, fui em busca de saber o que significava um *Pueblo Mágico*.

A Secretaria de Turismo do México (SECTUR) implementou em 2011 o Programa *Pueblos Mágicos* (PPM), que define esses *Pueblos Mágicos* como “lugares que tem atributos simbólicos, lendas, histórias, eventos transcendentes, vida cotidiana, em suma,

a magia que emana em cada uma de suas manifestações” (SECTUR, 2001, np). A iniciativa *Pueblos Mágicos: Una Visión Interdisciplinaria*, dirigida pelas Universidad Autónoma Metropolitana (UAM) e Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), é um estudo realizado há 7 anos no qual pesquisadoras e pesquisadores analisam a dinâmica turístico-hereditário-território por meio do PPM. O objetivo desse estudo é apresentar uma visão crítica que possa ser útil para os envolvidos nestes projetos como um meio de desenvolvimento local, analisando as consequências do programa em cada um dos *pueblos* – povoados, em português. Outros destinos pelos quais eu havia passado – como Tulum, Quintana Roo e Valladolid, em Yucatán – fazem parte do PPM. Com base nesse estudo, principalmente no capítulo *Mazunte, Oaxaca Realidades y desafíos frente al desarrollo y el empoderamiento comunitario en un destino ecoturístico* escrito por Gerónimo Barrera de la Torre, vamos ao caso de Mazunte.

Mazunte deixou de ser uma cidade dedicada à pesca e à captura de tartarugas marinhas (desde os anos 1950/60) para ser uma cidade dedicada ao ecoturismo. A área foi colonizada em meados do século 20 por camponeses que se estabeleceram na costa e, posteriormente, trabalharam na captura e abate de tartarugas para produzir bens de luxo para exportação, através de uma empresa apoiada pelo Estado com investimento estrangeiro. Em 1990, a exploração de tartarugas marinhas foi proibida, em parte, devido à pressão dos EUA para proibir a pesca do camarão por



Figura 13: As Palapas sendo utilizadas no vilarjeo de Mazunte. Fonte: Cleopatra Grim.

barcos mexicanos. Esses últimos foram considerados como causa do esgotamento da população de tartarugas, uma espécie que se apresentou como uma das faces da conservação e do meio ambiente, das lutas contra a degradação e a exploração excessiva da natureza. Isso teve diversas consequências. Por um lado, habitantes de Mazunte perderam seus empregos e a segurança financeira que proporcionavam. A agitação social teve como contrapartida o aumento da presença militar (da Marinha mexicana) para impedir a exploração de tartarugas, o que significou o estabelecimento e a presença permanente da Marinha na área. Por outro lado, o Centro Mexicano de Tartarugas foi criado pelo governo federal e a pesca de tubarões aumentou consideravelmente (BARRERA DE LA TORRE, 2018).

O ecoturismo em Mazunte foi proclamado como a principal solução para a incerteza gerada pela proibição da exploração de tartarugas. Assim, surge uma rede de atores sociais que interagem entre si e se articulam cada um com seus interesses, desejos, aspirações e performatividades (HIERNAUX; LINDÓN, 2012). Essa rede é tecida por relações desiguais de poder para implementar o ecoturismo e outras organizações interligadas, como às ligadas a conservação do meio ambiente, gerando atividades multifacetadas e, às vezes, contraditórias. Contraditórios uma vez que a um encontro bastante diverso de interesses, advindo de agências estatais, da Marinha, das ONGs Ecosolar e Bioplaneta, das Comunidades de Mazunte e La Ventanilla, turistas e novos residentes estrangeiros e estrangeiras, nacionais e

internacionais. Cada um desses atores sociais participa da produção de novos imaginários e simultaneamente na materialização e posterior renovação dos mesmos.

Um caso chave neste contexto é a Cooperativa de Cosméticos Naturais Mazunte, criada em 1992 com a ajuda de Anita Roddick (fundadora da *The Body Shop*), que doou fundos, equipamentos e fórmulas, a partir dos quais foi fundada uma cooperativa de mulheres que dirigiram a fábrica e até mesmo geraram lucros que, por sua vez, eram investidos em outros projetos de ecoturismo na área. Considera-se que a transformação da região para o setor terciário foi um sucesso ideológico representado pela sobreposição de uma poderosa conservação neoliberal (ambiental) sob um processo hegemônico de terceirização (MACIP, 2015; MACIP; ALÊNCIA, 2015). Isso quer dizer que os investimentos foram fundamentados no ecoturismo com a justificativa de proteção ambiental em detrimento do cuidado com as necessidades da comunidade, como um objetivo secundário que não alcançou o cuidado com os agentes locais. A conservação ambiental é imposta como o significante central, um conceito chave na ordem simbólica e na organização da vida cotidiana, levando a promoção do ecoturismo como um projeto de classe para manipular um consenso (MACIP, 2012). Além da documentação das contradições internas dos programas, foram observados o aumento da privatização, a impermanência de vagas de mão de obra e as incongruências em relação à conservação dos ecossistemas terrestres e marinhos sob as premissas do ecoturismo

(MACIP, 2015; MACIP; VALÊNCIA, 2012; MACIP, 2012)

Em sua análise dos efeitos do programa de turismo sobre a população, Balslev e Gyimóthy (2016) descobrem que um dos pilares do discurso dominante, a participação, não gerou nenhuma prática inclusiva nem um modelo de democracia ou transparência. Pelo contrário, as práticas predominantes são o clientelismo e organização elitista definidos pelos circuitos de poder locais e sua articulação com a dinâmica nacional. Portanto, a implementação do programa exacerbou as desigualdades existentes e causou um desequilíbrio entre os projetos de desenvolvimento local e os projetos de agentes externos (novos colonos, muitos deles estrangeiros). Nesse sentido, convém reiterar o caso da cooperativa de cosméticos naturais, na qual as vendas de produtos no mercado local foram muito baixas devido aos altos preços em relação a produtos similares no mercado. Por exemplo, embora a marca estadunidense *The Body Shop* tenha distribuído 8% da produção da cooperativa, a estratégia gerou dependência econômica e ineficiência, ou seja, a insustentabilidade da gestão local, enquanto o ecoturismo como estratégia para atrair turistas foi bem sucedido. Todavia, o afluxo de turistas, mesmo nos anos iniciais do programa, gerou efeitos negativos, tais como aumento do lixo e da poluição da água. Tudo isso se deveu à falta de infraestrutura em relação à demanda de turismo que chega em ondas demográficas. Embora o ecoturismo seja uma forma de turismo muito mais desejável do que a versão tradicional do turismo predatório, este modelo não melhora a

redistribuição de riqueza, mas apenas gera lucros para uma parcela da população local, multiplicando as desigualdades (BARRERA DE LA TORRE, 2018).

As análises realizadas pela iniciativa *Pueblos Mágicos: Una Visión Interdisciplinaria* (2012) foram feitas anteriormente ao momento em que estive em Mazunte (2021) e do início da Pandemia da COVID-19 (março de 2020), em que o México foi um dos poucos países que se manteve aberto para a população estrangeira. Ao longo da pandemia, entre os meses de março a maio de 2020, Mazunte estava repleto de pessoas estrangeiras, com as quais eu estava interagindo em bares, supermercados, cafés, nas ruas, na praia e mesmo nos lugares em que morei — em hostels e casas compartilhadas. Por meio das conversas, notei que elas provinham de todos os lugares do mundo: diversos países da América Latina e da Europa, além de países como Israel e Estados Unidos, por exemplo. Todas essas pessoas pareciam ter alcançado algum grau de independência econômica que lhes permitia correr algum grau de risco, portanto, podiam experimentar as alternativas de vida que Mazunte oferecia. A maioria delas tinham entre 25 e 40 anos e aparentemente boas condições financeiras, ou seja, eram capazes de transformar seus meios de produção de renda elegendo fazer uma mudança de vida e viver em lugares onde é possível levar uma vida entendida como mais sustentável, atraídas pelo imaginário do ecoturismo do local — embora tal imaginário do turismo oculte formas de dominação e desigualdade onde aspectos de gênero, classe e raça convergem em múltiplas escalas.



Figura 14: Mercado Artesanal de Mazunte. Fonte: Cleopatra Grim

A grande maioria das pessoas locais com quem conversei sequer morava ali, viviam nos vilarejos vizinhos, como o de Escobilla, e se locomoviam todos os dias para trabalhar em Mazunte.

A partir dessa observação - apresentada acima em diálogo com o referencial teórico - presenciei o processo de aumento da população estrangeira, que chegava em busca do “refúgio turístico” que os Pueblos Mágicos representaram durante a pandemia. Isso posto isso, a reflexão sobre as lógicas entre os agentes presentes no local, faz-se importante para reconhecer a representação que um novo projeto no local poderia vir a ter.

Mercado artesanal de Mazunte aos domingos

Soube da existência do Mercado Artesanal de Mazunte por meio de relatos de amigas que já haviam estado ali anteriormente. O chamado “mercado” me pareceu mais uma feira: formado por barracas, montadas em caibros de madeira e coberturas em trançados em fibras vegetais não modulares. Ao percorrer o chão de areia batida com meus pés descalços — reafirmando a atitude de pessoas que não eram dali —, percebia como os produtos se arranjavam de modo a parecerem atraentes aos visitantes, em uma disposição harmoniosa, em que não se percebia uma aura de concorrência, comum aos espaços comerciais. O espaço acontecia ao redor de 20 expositores e havia uma variedade de produto — desde comidas a roupas tecidas à mão, fotografia e joias — sem

repetição. Observando os produtos, diria que era proporcional a quantidade de pessoas locais e não locais.

Enquanto andava pelo mercado, pensei que derivas como essa me lembram de minha mãe, que me ensinou a apreciação pelos feitos artesanais, contribuindo com o olhar de que a fabricação manual desses objetos são generosas partilhas de quem as pessoas são. As precauções de saúde estavam mantidas, eu estava protegida por uma máscara de tecido vermelho com arte de flores brancas bordadas a mão por mulheres de uma família que conhecerei em Valladolid. A máscara era feita para referenciais físicos de descendentes dos Mayas, pessoas que possuem uma média de altura relativamente baixa, o que a fazia ser um pouco pequena em meu rosto.

Enquanto passa por vendedoras e vendedores apresentando seus produtos, deparei-me com um senhor que fazia cerâmicas de sucesso, haviam muitas pessoas interessadas em seus utilitários, adensando seu posto no mercado. Ele devia ter cerca de 50 anos e me contou que sua prática já tinha mais de 30 anos, mas que nos últimos anos sua produção mudou de estilo. Perguntei a que se referia essa mudança e seu porquê, e ele explicou que faz pouco tempo que seus clientes —turistas— passaram a se interessar por uma produção que havia feito sem a estética local. Antes, ele vendia as cerâmicas —por exemplo copos, pratos e defumadores— que carregavam a estética dos adornos locais, as pinturas das flores mexicanas, lírios, com fundo branco e finalizadas com um impermeabilizante que davam

um acabamento lustroso à cerâmica. Ele compreendeu que se transformasse a estética para algo mais minimalista com cores pastel, não saturadas como as cores tradicionais, mas com detalhes da cerâmica crua, fazia mais o gosto do público de turistas e assim vendia mais. Manteve sua técnica estrutural, mas reproduziu os acabamentos que não eram dali em busca de garantir sua clientela. É curioso o fato de um ceramista de mais de 30 anos de oficina familiar ter transformado o conhecimento estético passado entre gerações para atender o desejo da nova clientela, que dizem apreciar aquilo que é local, aquilo que é feito à mão, mas com uma estética a gosto de seus países de origem.

Logo na quarta barraca, perto da entrada do Mercado, havia uma senhora vendendo ervas medicinais e objetos de cura. Em sua mesa havia uma apresentação despretensiosa de quem reconhece o valor daquilo que está sendo compartilhado e não tem a necessidade de colocar esforços para atrair clientes. O aroma do Copal emanado por um dos defumadores em sua barraca conectava muitas regiões mexicanas ali. O Copal é um exsudado aromático que tem sido usado por diferentes grupos no México como incenso em rituais, e tem nomes distintos dependendo da região em que é utilizado – Copalli em Náhuatl; Hom, Homté, Jom em Huastec; Pum em Totonac; e Pompa em Mayan (LUCERO, 2012). Ela vendia também Ovos Yoni, que são cristais, e outros produtos para cuidado da vulva e útero. Ela oferecia também outras variedades de cristais, os de Obsidiana e Quartzo Rosa, que eram usados para limpeza energética

intrauterina. Quis perguntar mais sobre os ovos, pois era a segunda vez que eu os via, mas não sabia do que se tratava essa terapia, e perguntei a senhora do que se tratava. Quando começou a explicar-me, fiquei completamente tomada por um encantamento.

As máscaras ofereciam a conveniência de podermos olhar nos olhos, sem parecer tão intensa ou invasiva, afinal, após cobrir o nariz para baixo, o olhar torna-se a forma de expressão central. A Senhora me contava sobre os Ovos Yoni e eu descansava meus olhos em seus olhos azuis, que não carregavam a intensidade das bruxas que transmutam as energias das sombras, – pelas quais sou profundamente encantada –, mas abençoava com olhar doce e forte. Forte pois carregavam a força de alguém que se permitiu ter paz, capaz de entrar em contato com as situações e informações mais perturbadoras da vida humana e ainda estar curiosa e em paz. Ela vestia as roupas que assumo que sejam as tradicionais da cultura Nahuatl, mas de forma casual: as batas brancas bordadas a mão com o decote quadrado, uma peça vermelha de tecelagem amarrada na cintura, como um cinto espesso na altura do umbigo e uma saia de algodão vermelha quase nos tornozelos. Seus cabelos grisalhos de uma mulher de 64 anos estavam curtos, aparentando que haviam passado por uma transformação intensa, como se antes ela tivesse cabelos bem compridos e agora os levava curtos, penteados e crescendo naturalmente. María del Carmen Barrón era seu nome, mas todas e todos que se aproximavam para cumprimentá-la diziam: “Olá, Abuela Maricarmen”.



Figura 15: Artigos vendidos no Mercado Artesanal de Mazunte. Fonte: Cleopatra Grim.

O encontro foi para mim se magnetizando gradualmente por meio de seus elementos: seus olhos, sua presença, as relações sociais ao seu redor. Tudo foi absorvido, despertando um interesse de aproximação. Andava mais consciente das motivações internas para interessar-me por algumas experiências mais que por outras e no caso, a presença de Maricarmen carregava visivelmente algo que era magnético: uma mulher de sabedoria ancestral, uma guardiã de práticas culturais tradicionais, curandeira comprometida com a comunidade e a terra. Perguntei, com ingenuidade, se por acaso ela praticava algum ritual de cura, abordagem abrangente de alguém que desejava estar próxima e aprender com ela. Ela disse que acendia o fogo do Temazcal e pediu para que ficasse com seu contato e lhe enviasse uma mensagem para que ela pudesse dizer quando seria o próximo ritual. Mandeí uma mensagem e ela avisou que no dia 27 de março, um dia antes da Lua Cheia, ela começaria o fogo às 12h. Enviou-me uma localização, disse que era em Escobilla –sem mais informações, típico de uma personalidade que sabe que uma vez estando no vilarejo, sua comunidade saberia onde encontrá-la –, um povoado há 20 km de Mazunte, conhecido como “O Santuário das Tartarugas”.

Local do ritual do Temazcal

No dia 27 de março despertei na casa em que alugava com minha amiga Melissa, em Mazunte no tempo de quem, naquele dia, viveria um ritual de uma cultura tradicional: devagar e presente,

e ao mesmo tempo com uma excitação pela espera do desconhecido. Era uma manhã ensolarada de um dia sem nuvens, úmido e quente. Mesmo sem nenhuma confirmação de Abuela Maricarmen a palavra dita é compromisso, e se ela nos disse há duas semanas que às 12h do dia 27 de março começaria o fogo, era certo que o fogo estaria acesso nesse horário e o encontro aconteceria como uma constelação. Quem haveria de estar ali, estaria. Eu e Melissa, descemos as escadas do desnível em que se assenta a casa onde habitávamos para alcançar a rua principal, onde tomam-se as caminhonetas, mas desta vez buscamos por uma carona até o vilarejo de Escobilla.

Chegamos em Escobilla e a carona nos deixou à beira de estrada. Assim caminhamos três quarteirões adentro, floridos com primaveras rosas, até encontrar o início da viela que levava à casa de Abuela Maricarmen. No início de um corredor de terra, em uma viela à direita da rua principal, havia um sinal, um totem de madeira pintado de branco, escrito: “Temazcalli”. Após cruzarmos o corredor que acompanhava o limite do lote vizinho, chegamos a um lote vazio e, ao contornar mais uma direita, avistamos as pessoas reunidas. Ao abrir o portão branco feito à mão em madeira, na altura dos quadris, vimos as pessoas que já estavam em roda, recebendo em silêncio, ou em um volume de voz bem baixo, cada pessoa que faria parte do Temazcal. A Abuela Maricarmen estava guiando com sua voz a energia da roda, sua família estava ali junto de outras famílias que acendiam Temazcais também, e também na companhia de pessoas

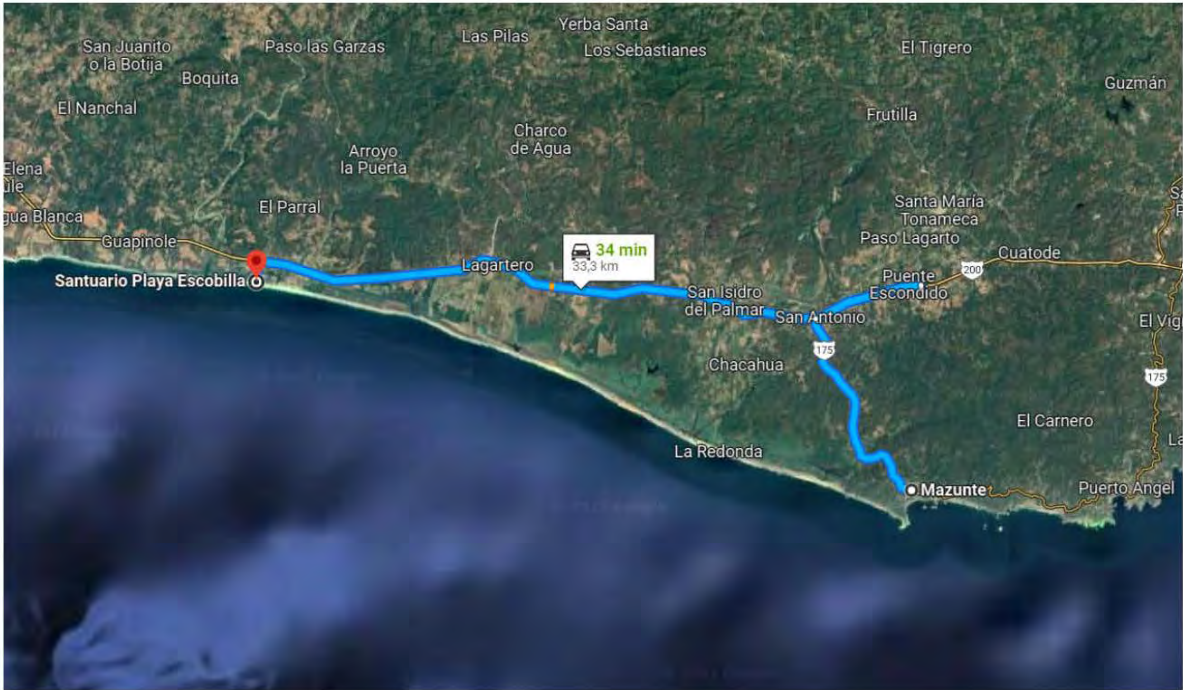


Figura 16: Percorso de Mazunte a Escobilla. Fonte: Google Maps, c2021. Disponível online em<<https://www.google.com/maps/dir/Mazunte,+Oaxaca,+M%C3%A9xico/Santu%C3%A1rio+Playa+Escobilla,+Carretera+Federal+200,+Oaxaca,+M%C3%A9xico/@15.7002634,-96.7195802,27.931m/am=t/data=!3m1!1e3!4m1!1s0x85b9283dbb43db71:0x696048df9626e56e!2m2!1d-96.5545185!2d15.6677291!1m5!1m1!1s0x85b8de2b10802bc7:0x7024594fffd07175!2m2!1d-96.7473463!2d15.7267351>>. Acesso em: 22/05/2022.



Figura 17: Entrada para o terreno de Maricarmen onde há o Temazcal, em Escobilla. Fotografia de Mariana Montag. Fonte: Mariana Montag.



locais e estrangeiras. Ao total éramos 35 pessoas: haviam bebês, crianças e adultos com idade entre 20 e 40 anos. Aquela roda tinha a função de começar a temperar a atmosfera do ambiente e das pessoas para começarmos o ritual que, ao começarmos, logo na primeira porta – que já irão compreender o significado desse dizer – fiquei tão impressionada com a riqueza dos significados dos elementos presentes que minha primeira reação foi de querer, racionalizar tudo aquilo. Tive que passar por um processo de desapego da atividade intelectual para receber aquela energia de cura.

Temazcal é um nome de origem de língua Nahuatl *temazcalli*, que reúne *temaz*, que significa “vapor”, e *calli*, que significa casa. Esse banho a vapor é utilizado para três propósitos principais: higiênico, terapêutico e religioso (GÓMEZ;YENIFAR, 2014) e constitui uma cerimônia de cura e purificação, uma prática de limpeza corporal, expressão emocional, alimentação espiritual e comunitária (ACEVEDO, 2011). É de origem indígena, utilizado na medicina tradicional e na religião das culturas mesoamericanas e também nas culturas norte-americanas, com variações nos nomes e em alguns aspectos rituais.

O temazcal ou Temazcalli é um lugar de comunhão entre a Mãe Terra e seus filhos, é uma cerimônia de cura de todas as nossas relações em harmonia com a Terra e o Cosmos. Um Temazcalli representa o ventre da Mãe Terra e venera a Deusa Tonantzin, conhecida como a mãe de todos os deuses no México e suas respectivas variações em

outras culturas mesoamericanas. Nos Temazcais, faz-se uso de um simbolismo único que representa “[...] o lado inexplicável da vida e, ao mesmo tempo, a dimensão sagrada da existência humana” (MARISCAL, 2007, p.1) e é importante entender esse simbolismo, já que sem ele, o temazcal se tornaria um simples banho de vapor.

Na cerimônia, o número quatro tem um significado especial: quatro pontos cardeais, quatro direções, quatro estações, quatro extremidades e as quatro portas do temazcal — que não são físicas, mas simbólicas –, nas quais os corpos são curados em nível físico, emocional, mental e espiritual (VILLEGAS, 2010). Em cada uma dessas quatro portas, diálogos diferentes são abertos e variam de acordo com a cerimônia, e cada uma delas é entendida como o ato de abrir a porta do temazcal para introduzir pedras quentes a fim de aumentar o nível de vapor em seu interior. Dependendo da cerimônia, esses podem ser diálogos internos com Deus, com a família, com amigos e não amigos, e com o *self*. Também podem ser diálogos internos sobre a análise da infância, análise da adolescência, análise da idade adulta e análise da velhice.

O ritual começa quando, fora do temazcal, são aquecidas as pedras, rochas vulcânicas conhecidas como “Abuelas” pois acredita-se que elas tenham grande sabedoria devido à sua longa memória, sendo os mais antigos habitantes da Terra (AK, 2013). Para o ritual de cura, são utilizadas nove pedras, e, quando o objetivo é temperar o espírito, são necessárias 13 “avós”. Em seguida,

é solicitada a permissão da Mãe Terra para entrar no temazcal e o corpo de cada participante é limpo com ervas e copal para eliminar as vibrações que não são necessárias naquele espaço, e, então, é realizado um tipo de elogio ao ao Tonantzin ou Temazcalteci (avó dos Temazcais).

A maneira de entrar é ajoelhar-se e, às vezes, entra-se primeiro com os pés e depois com a cabeça, porque se acredita que, nesse momento, está retornando-se ao útero da Mãe Terra. Uma vez dentro, todas as pessoas ficam ao redor do centro do temazcal, conhecido como o “umbigo”, que será o local onde as pedras quentes serão depositadas, uma a uma, e depois molhadas com água de ervas como o alecrim (*rosmarinus officinalis*) e eucalipto (*eucalyptus*). Será a água com o calor das pedras que se transformará em vapor que encherá o temazcal. Durante a cerimônia, são dados agradecimentos aos quatro pontos cardeais, oeste, leste, norte e sul, pedindo a sabedoria de cada um deles, que representam, por sua vez, o ciclo de vida e os quatro elementos que estão presentes no ritual: fogo, água, ar e terra.

O Temazcal representa um ventre comum, um lugar comum onde as pessoas participantes morrem juntas a fim de nascer do fogo, do vento, da água e da Mãe Terra. No temazcal, a energia humana está harmonizada com a energia do universo, alcançando um equilíbrio energético que aumenta a vitalidade e, em caso de doença, permite a recuperação da saúde (MARISCAL, 2007). Ela é acompanhada por instrumentos como

tambores e conchas e cânticos são realizados na escuridão total. Cada porta é um espaço para aumentar o nível de intensidade do vapor e um momento para cada participante decidir se deve ou não continuar com a cerimônia (MARISCAL, 2007). O tempo de duração da cerimônia depende das circunstâncias de cada pessoa e, ao final, você sai da mesma forma que entrou, simulando que nasceu de novo do ventre da Mãe Terra. A experiência do Temazcal está ligada à experiência de vida e, considerando que ambas permitem uma diversidade de possibilidades, cada temazcal, cada cerimônia e a experiência de cada pessoa dentro dela são diferentes. No entanto, é também uma experiência ligada à morte, uma vez que, na concepção mexicana pré-hispânica de morte e vida, entrar no temazcal significa morrer para renascer, um renascer na consciência e na atitude de cada pessoa, “[...] nasce para morrer e se morre para nascer” (MARISCAL, 2007 np.).

Maricarmen contou que, para a construção do Temazcal, cada passo é feito com uma oração especial, deixando uma oferenda de tabaco, marcando o círculo onde o Temazcal será construído para levantar os materiais a serem utilizados, de alguma forma pedindo a ajuda e a presença dos antepassados e guardiões desta cerimônia sagrada.

O elemento central do Temazcal é a sala de vapor, onde os usuários se beneficiam da alta concentração de calor. Consiste em uma sala pequena em tamanho, pois a dificuldade de atingir as condições certas de temperatura aumenta conforme aumenta a área



Figura 18: Distintos Temazcallis pelo México. Fonte: Gustavo Fernandez.

cercada pelas paredes. Em outras palavras, as dimensões são menores do que o que seria comum no caso de um espaço de ocupação diária (SATTERTHWAITE, 1952). Por esse mesmo motivo o telhado também é localizado a uma altura mais baixa do que o usual e é projetado de forma a evitar possíveis vazamentos de vapor. Em alguns casos, também é colocado um telhado de cobertura para contribuir para este propósito. A planta da sauna a vapor não tem uma forma pré-determinada, mas geralmente depende do sistema de construção utilizado. O acesso por fora é feito através de uma abertura baixa e estreita, o que praticamente sugere para que a pessoa rasteje para dentro (CRESSON, 1938). A câmara pode estar acima do solo, total ou parcialmente subterrânea (FRANCH; RUIZ; LEÓN, 1980). Estas características contribuem para manter as condições certas na sala durante o tempo necessário para o banho.

No interior, os bancos podem ser dispostos para permitir que o banhista fique mais alto e, portanto, mais próximo da principal acumulação de vapor (SATTERTHWAITE, 1951). Esses elementos podem fazer parte da própria arquitetura ou podem ser móveis.

O lugar onde o fogo é aceso, e no qual é gerado calor suficiente para aquecer as pedras e assim produzir o vapor de água necessário para o banho é chamado de fogão ou lareira. É um elemento fundamental do Temazcal. Nos Temazcais contemporâneos, esse fogão é geralmente uma construção anexa à principal, preenchida com pedra vulcânica empilhada verticalmente como uma

cortina. A função desse elemento é a de armazenar calor suficiente para produzir o vapor necessário enquanto o ou a banhista está dentro e o fogo já está queimando. Por esse motivo, é utilizado material poroso que permite esse acúmulo de calor e que, quando pulverizado com água, gera vapor (CRESSON, 1938).

Os materiais utilizados na construção do Temazcal dependem basicamente dos recursos disponíveis e por isso são utilizados madeira e adobe, que são fáceis de trabalhar mas têm uma durabilidade média (AJXUP, 1979; TYRAKOWSKY, 2007). Menos comum é o uso de calcário, que é muito mais durável. Nos últimos anos, o uso de blocos de concreto pré-fabricados tornou-se popular pois é um material relativamente barato e acelera o processo de construção em comparação com outros métodos tradicionais. No caso dos “Toritos”, como são conhecidos os Temazcais móveis, as ripas estruturais, que podem ser de madeira ou bambu, são usadas para criar uma estrutura flexível e hemisférica coberta com vegetação entrelaçada sobre as ripas.

No dia seguinte da cerimônia, senti imensa vontade de ver e presentear a Abuela Maricarmen. Era domingo, então sabia onde encontrá-la. Juntei amuletos e uma carta e desci ao Mercado Artesanal. Fazia muito calor, não sabia se era a continuação do Temazcal em mim ou a temperatura daquele dia quente. Cheguei ao mercado e Maricarmen estava lá, com as mesmas vestimentas de quando a conheci, compartilhando as medicinas tradicionais com os mesmos olhos, cumprimentando com muita compaixão todas as pessoas que se

aproximavam. contei-lhe os meus sonhos daquela noite e ela escutou com muita atenção e cuidado; contei-lhe também, nessa partilha em posição de desejo de ser sua neta, sobre meus interesses e estudos; contei-lhe também de minhas experiências e interesses sobre a terra, os princípios femininos, a moradia e sobre a emoção do que foi estar com as mulheres da comunidade de Kikajjo. E logo ao meu lado – como de costume quando se está próxima a Maricarmen, aparecem mais de seus netos e netas querendo cumprimentá-la, presenteá-la, pedir-lhe orientação – Melissa, minha amiga, presenteou-a com sementes de Montana, Estado norte-americano de onde vem. Abuela Maricarmen naquele momento reagiu com emoção e começou a chorar. Explicou que se emociona com as possibilidades das manifestações. Ela havia acabado de começar um novo jardim, queria diversificar suas plantações e imaginou sementes de lugares diversos e agora tinha essas novas sementes.

Depois, enquanto conversávamos, ela contou que aguardava a chegada da sua irmã, Abuelita, com quem compartilha a conexão das cerimônias tradicionais. Explicou-me que essa Abuelita já era muito idosa e estava precisando construir sua casa e agora conhecia uma arquiteta. Em nossos próximos encontros semanais nos mercados de domingo, Maricarmen salpicava comentários sobre a Abuelita que viria, tecendo essa oportunidade de encontro entre nós.

Conversas com Abuela Maricarmen

Chegamos ao fechamento do capítulo 1 e, antes de prosseguir, desejo justificar algo aos leitores e às leitoras. A narrativa ao redor de la Abuela Maricarmen contou com descrições do processo de desenvolvimento de Mazunte, construções tradicionais como a Palapa, o Mercado Artesanal aos domingos, as cerimônias tradicionais como o Temazcal e, brevemente, sobre o vilarejo de Escobilla. Esses temas foram os selecionados para descrever o mundo ao redor de Abuela Maricarmen pois foram os elementos com os quais entrei em contato, dos quais participei e aprendi com. Falou-se pouco, ou bem pouco, diretamente sobre María del Carmen Barrón e sua história, pois minha partilha com ela foi nesses espaços e por essas conexões. Maricarmen foi a criação do vínculo, ela foi a ponte com María Luisa, foi por meio de suas conexões que ali cheguei. Sendo assim, respeitei esse entendimento do desejo de ser a conectora, a ponte. Confiei no que ela enxergava e, assim, fui aos rituais de Temazcal, de lua cheia e de lua nova, até meu encontro com María Luisa, na Cidade do México. Maricarmen, no último ritual que participei, de lua cheia, no qual ela havia pedido para que eu traduzisse suas falas aos estrangeiros presentes, introduziu a todos e todas que eu era sua companheira e que vinha a serviço. Este foi um momento marcante, em que me senti integrada, de algum modo, àquele contexto.



Figura 19: Memória na parede da casa de María del Carmen Barrón em ritual na 'Punta Cometa' em Mazunte. Fonte: Mariana Montag.

Capítulo 02

Ao redor de la Abuela María Luisa

No capítulo 1, tivemos a compreensão de como começou a trajetória da pesquisa desde o Estado de Quintana Roo, em dezembro de 2020, e de como o tema se desdobrou em fevereiro de 2021, no vilarejo de Mazunte, no Estado de Oaxaca, ao conhecer a Abuela Maricarmen e o mundo ao seu redor. Neste capítulo, iremos à região de Cananea, ao bairro de Iztapalapa na Cidade do México, e conheceremos a Abuela María Luisa e sua construção de mundo. A intenção em minha interação com a Abuela foi buscar a maneira mais ética de atender a demanda de construir sua Casa, processo que se transformou no tema da presente pesquisa.

Me parece relevante acrescentar algo aqui sobre a maneira com que abordo ambas as construções de mundo, das Abuelas Maricarmen e María Luisa. Como explicado no fechamento do capítulo 1, com Maricarmen desenvolvi a percepção do contexto do espaço onde se daria a construção. Por meio de suas conexões compreendi a região, reconhecendo o intangível e tangível que ali se constroem, os aspectos culturais transcritos no ambiente construído, fornecendo uma bagagem técnica para desenvolver o projeto. Com María Luisa e sua construção de mundo, compartilharei as dimensões sociais e históricas inscritas em sua trajetória de vida, tal como ela assim me relatou ao longo de nossas convivência, permeada de dimensões afetivas e

humanas. Este processo forneceu uma complementação valiosa de informações e insights para o desenvolvimento do projeto. Para contribuir com essa descrição, terei como apoio o livro *María Luisa*, escrito por Tomás Licea Hernández e publicado pela Editora El Café de Todos em 2018, no México. A biografia de María Luisa, conteúdo do livro, foi organizada através de uma entrevista dada a Hernández pela Abuela, em sua casa no ano de 2018.

Para estruturar a descrição de meu encontro com María Luisa em sua Casa no bairro de Iztapalapa na Cidade do México, em maio de 2021, usarei como fio condutor o relato de meus percursos no espaço físico de sua Casa. Como estrutura narrativa, destacarei quatro aspectos fundamentados segundo a perspectiva de Melissa Peet (2020):

1. Objetivo e forças motivadoras:

As razões de estar fazendo o que se está fazendo, as forças que mais a motivam a se engajar com os desafios, enfrentar seus medos e tomar medidas que conduzam a resultados positivos para ela e para os outros.

2. Capacidades essenciais:

Os pontos fortes, fontes de inteligência, habilidades, inclinações e os saberes que lhe são inerentes e que adquiriu.

3. Força Transformadora:

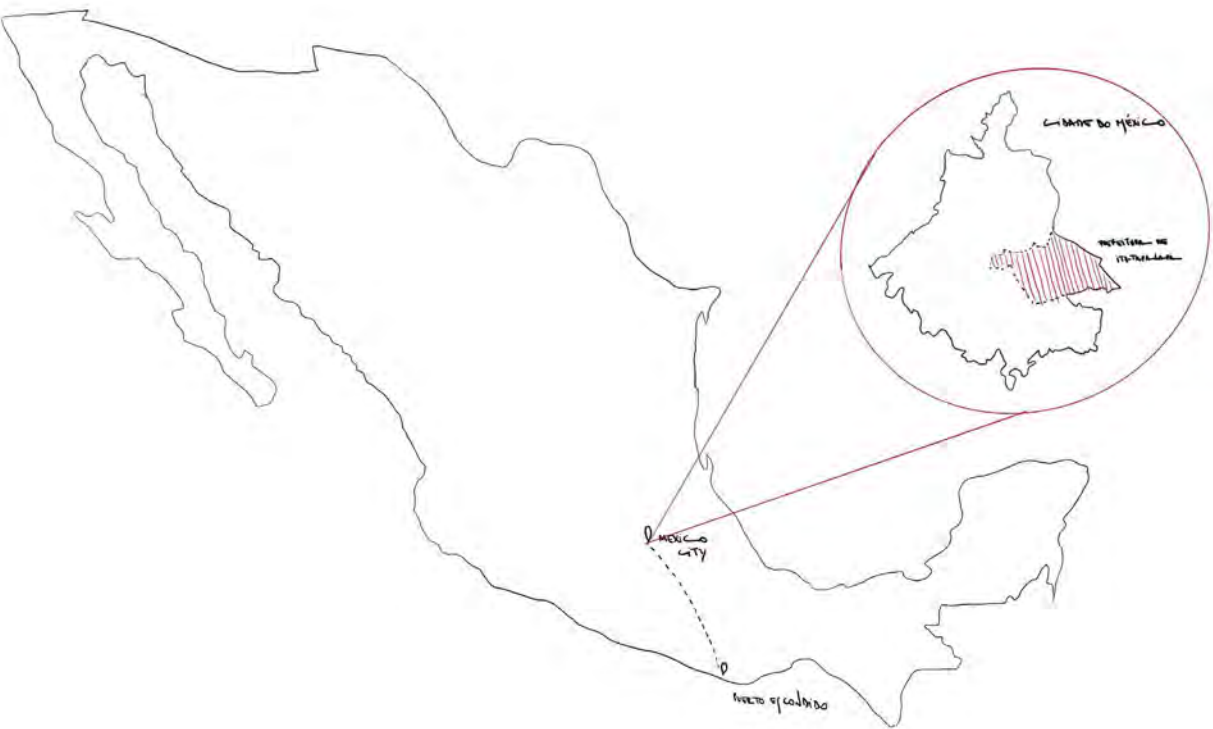


Figura 20: Mapa do trajeto de Puerto Escondido, Oaxaca a Iztapalapa, Cidade do México, no ano de 2021. Desenho por Mariana Montag. Fonte: Mariana Montag.

O processo e as etapas pelas quais criaram-se as mudanças, incluindo as crenças e ações que servem como uma chave para destravar o senso de propósito e força.

4. Habilitando contextos e condições:

Os tipos de circunstâncias, situações, relacionamentos, que trazem à tona suas potencialidades. (PEET, 2020, p.6)

Antes de me conectar diretamente com Maria Luisa, é importante dizer que havia uma construção sendo estabelecida através dos dizeres de quem fez a ponte. Abuela Maricarmen, homeopaticamente, em nossos breves encontros semanais no mercado artesanal de domingo em Mazunte em fevereiro de 2021, compartilhava informações sobre essa pessoa que achava importante que eu conhecesse. Em uma dessas conversas, Maricarmen contou que a María Luisa se dedicava a desenvolver oficinas de performances autobiográficas com mulheres. Mostrou-me um vídeo com uma dessas experiências: nele, María Luisa proclamava uma de suas poesias autorais de cunho ativista em prol dos direitos indígenas e das mulheres. Ao som do tom intenso, rouco e grave da voz de María Luisa, minha percepção sobre ela foi guiada pelos seus dizeres de poesia proclamada no vídeo, de título No.

María Luisa Grijalva - No

No soy hombre blanco rico y fuerte
No joven, no esbelta
Soy morena oscura, oscura
Y de oscura mirada
Mi cabello largo muy, muy lacio
Mi cabeza, cana.

Tú me quieres joven
Tú me quieres lata
De esbelta figura
Vestida como señora clase mediera
Con aspiraciones de ser de la alta
Que dobrados rizos enmarquen mi rostro
Y mis ojos tengan azul la mirada

Para parecerme un poco al prototipo
Al fenotipo al estereotipo
Al ideal masculino de lo femenino
Jum que pena no poder darte gusto.

No teñieré de rojo, de rubio o morado mi
cabello
Para en vano intento parecer más joven
No cubriré mi rosto de aceites que
disimulen arrugas
Para así atraerte, para que me aceptes

No calzare zapatillas estrechas
De altos tacones para parecerte alta
Ni tampoco usare corsets que me asfixien
Ah ni tampoco vestiré última moda para
señoras, No!

Seguiré caminando vestida de india
Con la faz alegre la mirada viva
Con el cuerpo erguido mostrando mi rostro
Con todo el orgullo de mi raíz indígena.

Foi no dia 18 de abril de 2021, já mais familiarizada com a comunidade de Maricarmen, que conheci finalmente a Abuela María Luisa, durante a realização do Mercado Artesanal. Perto da hora do

fechamento, Maricarmen me deu seu telefone celular para que atendesse uma chamada de vídeo e do outro lado da tela estava a Abuela Cuentacuentos, María Luisa Rivera Grijalva. Nossa primeira conversa aconteceu como se já nos conhecessemos, graças a Maricarmen e também ao destino e às conexões que tem que acontecer. María Luisa possuía direcionamentos nítidos do que ela imaginava para o projeto de sua casa, principalmente em relação ao impacto desejado que a construção tivesse na comunidade de Escobilla. A Abuelita possuía a visão objetiva de que gostaria que a casa compartilhasse valores de viver em harmonia com a terra local, a qual ela se referia como “nuestra madrecita Tierra”, Tonantzin Tlalli Coatlicue - nome Nahuátl para a entidade Mãe Terra. A partir desse dia, firmamos o compromisso com o projeto e lhe disse que iria fazer levantamentos no local. Para isso, era essencial que eu me aproximasse de seu mundo e que, portanto, que nos conhecêssemos pessoalmente.

De Oaxaca a Cidade do México

No dia 5 maio de 2021, desde Puerto Escondido, cidade no estado de Oaxaca, tomei um avião para ir ao encontro de María Luisa, que estava na Cidade do México. O percurso foi longo, não especialmente pelo tempo de percurso de uma determinada distância, mas pela diferença de percepção de como se dão os ritmos temporais em diferentes espaços geográficos. De



Figura 21: Primeira conversa direta entre María Luisa e Mariana em 18/04/2021. Fonte: Mariana Montag.



Figura 22: Rua da Unidade habitacional de Cananea em 27/03/2022. Fonte: Maria Luisa Rivera Grijalva.

início, foram duas horas de traslado em ônibus, em um ambiente rural avistando um horizonte energizante, tão diferentes das duas horas de traslado em ônibus, metrô e mototáxi já na grande cidade, naquela época cinza e nublada. A quantidade de estímulos e a necessidade de atentar a múltiplos fatores, tais como pessoas, carros e ruas similares sobrecarregam quem não conhece o lugar, parecendo multiplicarem-se. Comento isso pois meu encontro com María Luisa foi em boa parte influenciado pelo estado de espírito assoberbado em que me encontrava ao chegar na Cidade do México, cuja lógica urbana é agitada e hiperestimulante, que contrastou com a tranquila lógica rural costeira de Puerto Escondido que eu vivenciava dias antes.

Do centro da Cidade do México ao Conjunto Habitacional no bairro de Iztapalapa

No dia 06 de maio de 2021, em uma manhã ensolarada na Cidade do México, cheguei à Unidade Habitacional de Cananea localizada no território de Iztapalapa, uma demarcação territorial da Cidade do México situada na parte leste da capital mexicana. Cheguei a uma quadra onde, à esquerda, havia moradias e, à direita, um parque público. Preparada para pernoitar na casa de María Luisa, carregava nas costas toda minha bagagem. À procura de sua casa, parei no primeiro portão branco da quadra logo na entrada da

Unidade Habitacional, como ela havia me orientado. Vivia internamente o desejo de alguém que chega em um lugar pela primeira vez e busca, em cada trecho do trajeto percorrido, referências de orientação e reconhecimento. Já perto de meu destino, deparei-me com um portão branco que pensei ser aquele mencionado por María Luisa nas orientações que me transmitiu para chegar ao local. Chamei-a pelo celular para certificar-me e, por telefone, ela me dirigiu a um segundo portão branco localizado mais a frente, próximo a uma caixa d’água, e desculpou-se por não estar a postos para ir ao meu encontro. Na noite anterior, como ela me explicou, havia dado um mal jeito em seus joelhos e por isso ela estava com muita dificuldade de caminhar. Sendo assim, abri o portão branco seguindo suas recomendações e, sozinha, entrei no Conjunto Habitacional e segui cruzando pelas vielas internas de pedestres.

Desorientada por distintos latidos de cachorros atrás dos portões geminados, cruzei mais uma esquina e avistei duas cachorras vira-latas de porte mediano, uma com pelagem preta (ou negra , veja como achar melhor) e com tons amarronzados, e a outra com pelagem branca com manchas beges. Finalmente notei que ambas ladeavam minha anfitriã, A Abuela María Luisa. Apoiada em uma vara de bambu, trazia seus longos cabelos grisalhos soltos, caindo até a cintura. Trajava um lindo *Huipil* – vestimenta tradicional feminina da cultura Nahuatl –, uma blusa branca com detalhes bordados que apenas mãos mexicanas saberiam criar. Assim ela parecia um estandarte, ao mesmo

tempo ativa e humilde. Assim que a vi, recordei que era uma peça similar que vestia Maricarmen quando a conheci, ainda que naquele momento desconhecesse seu significado. Saudei María Luisa, e, surpresa por sua pequena estatura, rendi-me a seu abraço carinhoso como o de uma velha amiga.

Finalmente encontrava-me com esta mulher que demonstrava conhecer-se tão bem, referindo-se a si mesma como: “María Luisa Rivera Grijalva, Xiuhmictlicoatl, originária do povo Totonaca, indígena de cidade, lutadora social, promotora cultural e contadora de histórias.” (GRIJALVA, 2021, n.p)

Sem cerimônias, cruzamos o portão verde de sua casa e adentramos 3 metros pelo jardim da frente da Casa. Fui inundada pelos estímulos do espaço de María Luisa, que através de tantos objetos nas paredes, apoiados nos móveis e em todos os cantos, contavam histórias. Eram muitos ciclos de vida acumulados em matéria. Nesse momento, percebi que estávamos ambas cansadas ela pelo constante esforço, consequência do mal jeito nos joelhos da noite anterior: eu pela longa viagem. Ao invés de começar com infinitas perguntas, tomei cuidado para que minhas atitudes trouxessem leveza ao nosso encontro.

Adentramos a sala, um cômodo de formato retangular com cerca de 2,5m por 4 m. Logo em frente a porta de entrada, a esquerda do arco de concreto que indicava o limite entre a sala e a cozinha, sem divisória entre um cômodo e outro, encontramos um sofá e ali nos

sentamos. Diante de nós havia uma parede de tijolos, repleta de retratos de diferentes épocas ornamentados por molduras variadas. Era por volta de 12h e a hora do almoço se aproximava quando ela me apontou seu pequeno fogão elétrico branco, onde se encontrava, sobre o fogo desligado, uma panela contendo um prato preparado no dia anterior. Dali exalava um cheiro forte e agradável, emprestando ao ambiente uma sensação de hospitalidade. A panela havia estado destapada durante a noite e seu conteúdo rescendia. O preparado consistia em carne do porco cozida, imersa em *Mole* – nome em Nahuátl que significa molho – que pode ser composto com diferentes tipos de vegetais e, naquele dia, María Luisa havia utilizado abobrinha. Ao lado, havia uma pilha de tortillas de Tlaxcalli – como chamam os falantes de Nahuátl –, um pão de farinha de trigo sem fermento, de formato achatado, circular e fino. Tomei a iniciativa de servir María Luisa com o prato completo, explicando que, por ser vegetariana, ficaria apenas com as abobrinhas. Acrescentei ao prato as tortillas e ela me explicou que as comprava por kilo, 1 kg a cada três dias.

Ao comermos, María Luisa contou que a gastronomia é uma de suas heranças maternas. Aprendeu a cozinhar pratos típicos com a sua mãe, como as tortillas, elemento de base da culinária Totonaca. A Abuela compartilhou que tem aptidão para fazer a massa e moldá-las à mão, mas que só as prepara quando se sente energizada. Isso porque, conforme ela observou, o trabalho de cuidar da casa e cozinhar é fisicamente desgastante e é pesado esse fardo imposto às



Figura 23: Retrato de María Luisa Rivera Grijalva em 2020. Fonte: Gonzalo Gatto.

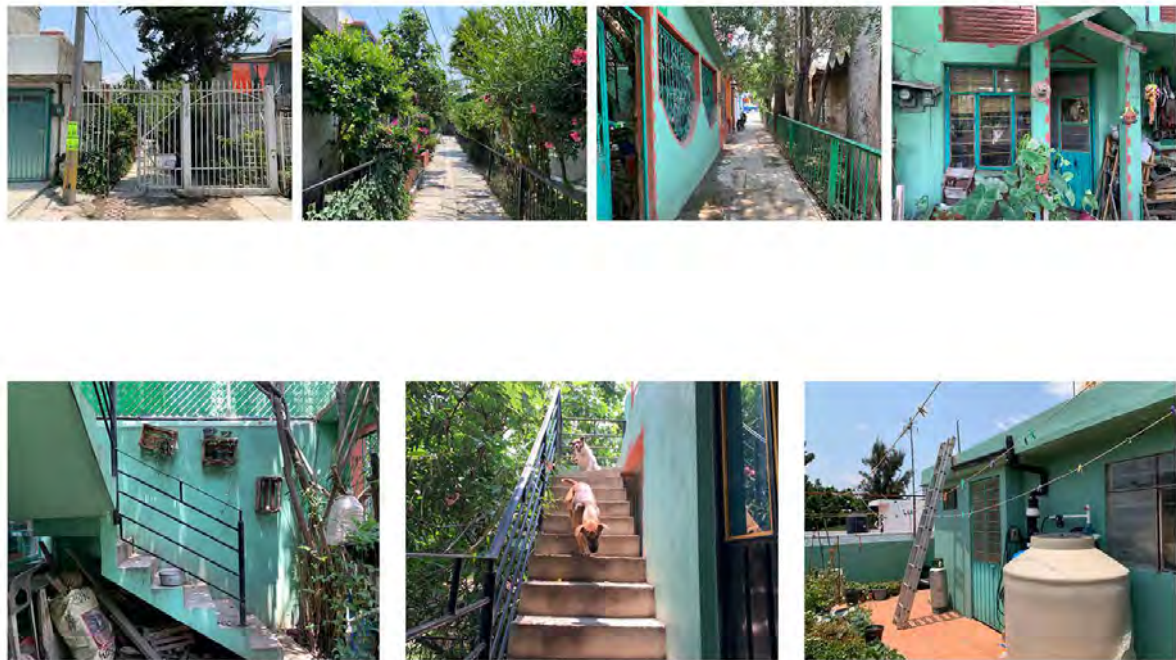


Figura 24: Conjunto Habitacional no bairro de Iztapalapa onde María Luisa auto construiu sua moradia em 05/05/2021. Fonte: Mariana Montag.

Figura 25: Escada que leva aos outros níveis da Casa de María Luisa em 05/05/2021. Fonte: Mariana Montag.

mulheres. Comentou ainda que manter as tradições e costumes de suas antepassadas é demandante, mas foi facilitado pela modernidade, que tornou possível o acesso a tortillas prontas, o que, por outro lado, em sua opinião, tirou o sabor da comida, pois para ela as coisas preparadas da maneira tradicional têm um sabor diferente. Em minhas reflexões, esse relato remeteu-me ao conhecido processo de modernização tecnológica dos processos construtivos, que, como Sérgio Ferro (2006) discute, alienou os operários de sua cultura do saber-fazer para um papel de execução servil. Processo semelhante de industrialização dos alimentos, que também aliena as pessoas do preparo de seus alimentos.

Durante essa nossa primeira refeição juntas, conversamos sobre os mais variados assuntos até que a noite chegou sem que eu percebesse e pensei sobre como o tempo passa na intensidade de um novo encontro. Ela constantemente me dizia o quanto gostaria de me receber “melhor”, mas devido ao seu acidente se encontrava limitada. Respondi à Abuela, que os acontecimentos se dão como tem que ser e que eu estava lá para ajudá-la e cuidá-la. Em seguida, nos demos boa-noite e eu me retirei. Acompanhada por suas cachorras, sai pela porta e virei à esquerda para subir uma escada que levava aos três níveis do sobrado de María Luisa. No espaço do segundo piso havia um quarto que ela alugava para uma família, e subindo mais um nível, na laje da casa – o mesmo que assentava a caixa que coletava água de chuva –, entrei em um quarto anexo, onde

havia mais objetos guardados, como almofadas, cadeiras, toalhas e um cama recém feita.

Despertei na manhã seguinte e desci novamente as escadas para dar bom dia a María Luisa. Minha entrada interrompeu sua conversa ao telefone com um de seus filhos, que demonstrava cuidado ao sugerir que ela fosse recuperar seus joelhos na casa de seu outro filho. Ela justificava que estava bem e que no meio da noite havia feito uma mistura de barro, cúrcuma e chá de arruda para colocar em seus joelhos e assim desinflamá-los. Ao desligar a chamada, ela me deu um bom dia caloroso e organizamos juntas o café da manhã, iniciando as tarefas diárias.

María Luisa começou por fazer, pelo celular, um pedido ao restaurante comunitário, que oferece alimentação por um custo baixo à comunidade de Iztapalapa: iogurte com frutas. Para complementar, me pediu que fosse comprar meio litro de suco de laranja de sua vizinha, que realizava suas vendas de uma janela de sua Casa. Ao chegar na tal janela, a encontrei fechada, mas avistei o carrinho de uma vendedora que circulava por aquela quadra do Unidade Habitacional. Sua reação à minha abordagem foi de encantamento: era seu primeiro dia com seu novo empreendimento de sucos e ela já fazia uma venda internacional, para uma brasileira!

Enquanto voltava para casa depois de ter comprado o suco da vendedora

ambulante, lembrei-me de que, na biografia realizada por Hernández (2018), María Luisa partilhou um relato de que seus pais nunca lhe ensinaram nada na língua Nahuatl, o que era compreensível por causa da repressão e da discriminação contra indígenas que eram muito fortes naquela época. Portanto, havia muitas situações cotidianas que ela não compreendia muito bem. Ela relata um caso de que na comunidade haviam homens que circulavam vendendo leite, os leiteiros. Todas as manhãs eles anunciavam: “¡la lechil!” – que quer dizer leite, em Nahuatl –, e as vizinhas saíam com seus baldes para comprar. Sua mãe, no entanto, não tinha dinheiro suficiente para comprá-lo, mas, criança, ao ver as vizinhas saindo para buscar leite, imitava a prática. Sem saber que tinha que pagar por isso, a pequena María Luisa atendia ao chamado do leiteiro e chegava com seu pequeno jarro para pedir-lhe seu leite. O leiteiro, em um gesto generoso e tocado pela menina, dava-lhe um copo.

Quando retornei à Casa com o refresco de hibisco, encontrei María Luisa lavando a louça diante de uma prateleira repleta de potes de vidros contendo diferentes tipos de ervas e grãos. Em seguida, guardou na geladeira o resto de seu Mole, deixando as tortillas empilhadas ao lado do fogão protegidas por um saco plástico amarelo. O café de panela – um café feito ao jogar o pó em água quente e aguardar que ele só se decante, sem necessidade de filtrar – estava no fogo, mas como não havia grande quantidade, ela ligou novamente ao restaurante comunitário para pedir mais, pois disse que é cafezeira,

apreciando a bebida com canela e açúcar.

Após alimentar os 6 gatos de que cuida, além das cadelas, distribuindo a ração que se encontrava em um pacote de 20kg guardada diretamente no chão da cozinha, ouviu o entregador do restaurante comunitário chamá-la ao portão. Fui recebê-lo, evitando que María Luisa forçasse seus joelhos, e recebi o pedido que fora trazido em um caixote, desses de feira feito de madeira, amarrado na parte de trás de sua bicicleta. Nos sentamos à mesa, novamente na sala, para a refeição composta por iogurte com frutas, suco de hibisco e café de panela. Inspirando-me em um dos retratos repletos de memórias, suspensos na parede de tijolos, lhe perguntei sobre seus filhos.

Maria Luísa, aparentando uma profunda tristeza em sua expressão, respondeu sobre a foto que escolhi: “Fui mãe solteira. Aqui você pode ver a foto do meu filho mais velho, quando ele era criança. Juan Luis Mario Sánchez Rivera, muito conhecido no mundo musical. Ele formou um quinteto de sopros. Ele faleceu em 2000...me parece.” Dizia “me parece”, pois admitiu que sua memória fazia questão de esquecer os fatos atrelados a profundas dores. Seu primeiro filho nasceu no dia 15 de agosto de 1968, no mesmo dia do nascimento de sua mãe. Disse que, em seguida, casou-se com o pai de seus outros dois filhos, com o qual hoje se encontra felizmente divorciada, conforme expressou-se aliviada.



Figura 26: Conhecendo Maria Luisa Rivera Grijalva em maio de 2021.
Fonte: Mariana Montag.

Casou-se com o pai de seus filhos, Manuel – seu nome completo foi ocultado por solicitação de María Luisa – e, por vontade dele, como ela conta, tiveram dois filhos. Luís Manuel, que tem hoje 48 anos e vive em Los Cabos, México, e Miguel Angelo, que irá cumprir 50 anos em dezembro de 2022 e vive em Guadalajara, México. A separação do segundo companheiro ocorreu em 1985, quando ao escutar uma ligação em que ele falava com uma mulher, em um tom sedutor, o descobriu tendo uma relação fora de seu casamento. Além da infidelidade, o ex-marido tinha atitudes violentas e usava do ciúme como justificativa. Foi assim que pediu que ele deixasse a casa. Refletindo sobre seus anos de casada, relata que se enxergava como uma mulher muito autosacrificial e sentia-se como que na obrigação de ser assim. Sacrificada, solidária, sempre trabalhando, sempre apoiando, sempre tentando agradar seu marido, mas nunca sendo capaz de satisfazê-lo. Além disso, carregava um sentimento de culpa quando tinha que ir às reuniões de trabalho, pois nesse momento já tinha conquistado um posto de funcionária pública no Ministério da Cultura na esfera Municipal, na delegação de Cuauhtémoc, como promotora cultural.

Ao separar-se, em 1985, mudou-se para Cananea. Logo em seguida, seu ex-companheiro teve problemas econômicos, e, como um de seus filhos estava morando com ele, Manuel lhe pediu apoio, solicitando que voltassem a morar juntos. María Luisa contou que percebia um grau de machismo, mas acima de tudo de cinismo com que o ex-marido negociava sua volta. Ele lhe

diria: — “Vou servir-me a comida, basta prepará-la e vou servir-me”. Com tom de ironia, recordava: “Olha que homem compreensivo e solidário!”. Mas de alguma forma, seu filho e ex-marido a convenceram, e ela o aceitou de volta em casa.

No entanto, logo em seguida, ele recomeçou, um par de meses após tê-lo aceitado de volta, com sua atitude violenta e a agrediu fisicamente. Separou-se novamente, mas dessa vez Maria Luisa se viu cair em uma depressão profunda que durou por volta de 9 meses e, para recuperar-se, buscou ajuda. Recordou-se de uma arquiteta chamada Silvia, responsável por apoiar a organização da construção da Unidade Habitacional de Cananea, que a ajudou a aproximá-la de grupos de ajuda. Consciente da eficácia da terapia grupal, por sua própria iniciativa, procurou também grupos que ofereciam oficinas sobre gênero e autoestima como parte da Rede de Mulheres Sindicalistas, e assim conseguiu sair do estado psíquico em que se encontrava.

Lutadora social, Promotora Cultural e Contadora de Histórias

Após nosso café da manhã em sua Casa e a partilha dolorosa sobre seu falecido filho e sobre as relações violentas com ex-companheiros, continuamos o cuidado da Casa. Ela pediu para que eu colocasse os resíduos de matéria orgânica na composteira, que é feita a base das árvores do jardim em frente da

sua casa. Em seguida, esvaziei os baldes de água da chuva, que ela capta e armazena em seu tanque de lavar roupa, usando a água coletada para regar as plantas. Tive dificuldade em imaginar como ela executava essa tarefa sozinha já que os baldes eram pesados mesmo para mim, que me considero jovem e forte.

Ela explicou que se atenta ao aproveitamento máximo dos recursos e tem receio de que lhe falte algo que venha a necessitar. As consecutivas faltas materiais que passou em sua vida, a sua condição física atual e sua posição social, de escassos recursos econômicos para solucionar quaisquer desafios materiais, justificam ter se tornado uma acumuladora, como ela se reconhece. Imagina que se algo lhe faltar, certamente, em algum canto da Casa encontrará o que necessita. Essa explicação exemplifica e corrobora a discussão proposta por Pardo (2019) em diálogo com Cutter (2011) acerca da vulnerabilidade:

A vulnerabilidade, numa definição lata, é o potencial para a perda. A vulnerabilidade inclui quaisquer elementos de exposição ao risco (as circunstâncias que colocam as pessoas e as localidades em risco perante um determinado perigo), quer de propensão (às circunstâncias que aumentam ou reduzem a capacidade da população, da infraestrutura ou dos sistemas físicos para responder a se recuperar de ameaças ambientais) (CUTTER, 2011 apud PARDO, 2019, p. 52).

Lembrei-me também de Jajja, na minha primeira vez no vilarejo de Kikajjo, em

2018, quando fui conhecer o quarto que ela alugava anteriormente à construção de sua Casa. O quarto, de dimensão de 3m por 3m, que era na verdade toda a sua Casa, tinha cerca de 80% de seu espaço preenchido por suas coisas, entre baldes, garrafas vazias e roupas. A clareza com que María Luisa explicou suas motivações por ter se tornado uma acumuladora me fizeram compreender melhor a situação de Jajja. Como Pardo (2019) ilustra citando HOGAN (2005):

[...] localizar e entender o termo vulnerabilidade nas diversas abordagens científicas é um empreendimento que não pode ser realizado sem se considerar, simultaneamente, o conceito de risco. Isso se deve ao fato da vulnerabilidade aparecer no contexto dos estudos sobre risco em sua dimensão ambiental, num primeiro momento, e só mais tarde no contexto socioeconômico. (HOGAN, 2005 apud PARDO, 2019, p. 54)

A experiência de presenciar esses processos de “acumulação de coisas” também enseja um paralelo com a fala de Koolhaas, quando o arquiteto relata seu trabalho em Lagos, na Nigéria:

[...] antes de olharmos para qualquer coisa temos que primeiro declarar a nossa empatia e ser profundamente empáticos... a minha própria real empatia, me fez vulnerável a querer ser escrupuloso [...] (KOOLHAAS, 2014, n.p.).

O aspecto que chama a atenção, e é evidenciado pela fragilidade física de ambas as mulheres com quem convivi, é como suas vidas de trabalhadoras e acumuladoras ilustra o debate sobre

a vulnerabilidade e a territorialidade. Pardo distinguiu três instâncias em que esta vulnerabilidade se manifesta, e que nos auxilia na compreensão das circunstância as quais Jajja e María Luisa respondem:

- **Fragilidade física ou exposição:** é a condição de suscetibilidade que tem a comunidade ou o indivíduo de ser afetado por estar em uma área de influência aos fenômenos perigosos e pela sua falta de resistência física ante os mesmos.
- **Fragilidade social:** refere-se à predisposição que surge como resultado do nível de marginalidade e segregação social de comunidades carentes e suas condições de desvantagem e fragilidade relativa por fatores socioeconômicos.
- **Falta de resiliência:** expressa a incapacidade de resposta e suas deficiências para absorver o impacto (PARDO, 2019, p. 55).

Retornando de minha digressão, prosseguíamos com os cuidados da casa da Abuela. Orientada por seu modo de cuidar de sua Casa, fui perscrutando aquela moradia autoconstruída, de tijolos pré-fabricados de barro e estrutura de concreto moldada in loco, que se revelava através dos acabamentos feitos com esforços de pessoas que não eram profissionais da construção. Ao limpar o banheiro, observava os azulejos em tons degradê rosa unidos com rejantes de diferentes espessuras, encontrando com paredes sem acabamento. A curiosidade sobre o processo de construção foi surgindo, levando-me a buscar alguma

documentação no escritório da Abuela, situado na parte de trás da casa. Este pequeno cômodo, de 2m por 3m, continha uma mesa postada em frente a uma estante de madeira que se estendia de parede a parede, repleta de livros. De volta à presença da Abuela, perguntei a ela sobre a conquista da construção da Casa, o que resultou no relato de conquistas que iam muito além da experiência de construir uma Casa. Eis o que a Abuela me contou:

María Luisa chegou em Cananea em 1985 e uniu-se prontamente às primeiras Assembleias Comunitárias. Ela esclareceu que a Unidade Habitacional foi construída em várias etapas, com Financiamento Governamental de verba Municipal e créditos do Fundo Nacional de Habitações Populares (FONHAPO), em um esquema de autoconstrução, o que significava que todos os membros deveriam engajar-se no processo construtivo.

Nas primeiras Assembleias Comunitárias, ao escutar os líderes se posicionarem, disse que sua mandíbula quase caiu. Adorou a maneira como eles expressavam ideias tão complexas, explicadas de uma maneira muito simples. Naquele momento, considerava-se uma mulher muito tradicional, no sentido de que “parecia mais bonita quando estava quieta”. Reconheceu a dificuldade que tinha em expressar uma ideia, as palavras passavam por cima dela, e viu a relação com a Comunidade de Cananea como uma grande escola em muitos aspectos: na política, em questões de gênero e em organização social.



Figura 27: Detalhes da Casa de María Luisa em 05/05/2021. Fonte: Mariana Montag.



Figura 28: Conhecendo Maria Luísa Rivera Grijalva em maio de 2021. Fonte: Mariana Montag.

Explicou-me mais de sua relação com o ativismo por meio de um exemplo concreto, uma experiência que teve em participar da Associação da Rede de Mulheres Sindicalistas, nos anos 2000, chamada de Milenio Feminista. Entrou para o movimento feminista, e, assim, aproximou-se de grupos de mulheres que apoiavam a conscientização de outras mulheres quanto aos papéis que elas desempenham na sociedade relacionados ao gênero feminino, atribuídos a elas, que desempenham como mães, esposas e trabalhadoras, dando a possibilidade da reflexão se elas se identificavam ou não com tais atribuições. Nessas reuniões, elas questionavam por que não podiam sair dos padrões que eram considerados socialmente corretos, de mulheres sacrificadas, solidárias e que atendem exclusivamente ao desejo de suas famílias em detrimento dos seus próprios desejos. Muito parecido com o modo como ela, María Luisa, caracterizava-se em seu ex-matrimônio, conforme nos relatou.

Na fase de sua vida, antes de aproximar-se dos grupos organizados por mulheres, disse que era muito difícil de refletir a respeito da questão da violência. Reconheceu que era complexo visualizar a violência que viviam e que algumas ainda vivenciavam. Em um suspiro de quem projeta ainda um longo caminho de transformação, disse: “Infelizmente, ainda é uma realidade para muitas mulheres no mundo”. A união de mulheres para falar sobre as similares dificuldades que viviam trouxe uma profunda gratidão ao processo que viveu ao inserir-se na Comunidade de

Cananea. Pensando nisso, a Abuela fez o balanço de que, além de reconhecer-se através dos grupos de mulheres, aprendeu a assumir a responsabilidade, a cumprir as tarefas individuais necessário para realizar um objetivo comum coletivo em termos de organização social.

Este testemunho da Abuela permite estabelecer relações com um importante campo de debates que vem se abrindo acerca da participação das mulheres em movimentos sociais de moradia ao redor do mundo. Podemos fazer um paralelo com o caso brasileiro, em que o fortalecimento dos movimentos sociais, na década de 1970, deu-se em grande parte pelo engajamento de uma proporção expressiva de participantes mulheres. Nesse sentido, Regino, Sanches, Xavier e Lima (2021) reconhecem que:

A possibilidade de conquistar uma moradia digna vem mobilizando estas mulheres, tendo em vista que são elas as responsáveis pelo lar como espaço de segurança e estabilidade para si e seus filhos. O desejo de possuir a casa própria, é um elemento determinante no engajamento das mulheres na luta por moradia.

Tal aprendizado foi convocado quando a Abuela uniu seus saberes à Associação da Rede de Mulheres Sindicalistas, e, por sua iniciativa, foram organizadas três reuniões de mulheres na Comunidade de Cananea no início dos anos 2000. Os encontros aconteciam na Comunidade de Cananea no Centro Cultural Comunitário do bairro em frente a La Tabiquera, a loja de construção local.

Eles foram chamados: Primeiro, Segundo e Terceiro Encontro de Mulheres Lutadoras Sociais. Consideravam “Lutadoras Sociais” todas as mulheres, pelo reconhecimento de seus papéis fundamentais na construção da sociedade. Convidou camaradas de sindicatos, de organizações em San Miguel Teotongo - bairro vizinho a Cananea - e de outros tantos lugares.

Em um dos Encontros de “Mulheres Lutadoras Sociais”, que faziam parte da Organização da Comunidade de Cananea, María Luisa convidou para participar a Clara Brugada, que naquele momento se encargava da direção da Secretaria de Desenvolvimento Rural e Equidade para Comunidades (SEDEREC), pois desejava que suas discussões tivessem alcance público. Infelizmente ela não pôde comparecer, mas com o convite, María Luisa exemplificou o objetivo que tinha com sua capacidade adquirida em organização social. Esses Encontros consistiam em construir espaços de encontro, reflexão, troca de experiências e autoreconhecimento da luta das mulheres. Era um espaço seguro onde elas podiam falar sobre os problemas que as afligiam e avaliar seus triunfos e até mesmo suas derrotas.

Como ponderou Joice Berth (2018), o crescimento constante do engajamento das mulheres em movimentos sociais, principalmente ligados à moradia, trazem consigo outras pautas ligadas às circunstâncias de vulnerabilidade específicas de mulheres e ensejam a construção de um conjunto de instrumentos de emancipação feminina que:

[...] não visa retirar poder de um para dar a outro a ponto de se inverter os polos de opressão, mas sim uma postura de enfrentamento da opressão para eliminação da situação injusta e equalização de existências em sociedade.

Empoderar dentro das premissas sugeridas é, antes de mais nada, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da história (BERTH, 2018, p. 16).

Mesmo assim, as atividades coletivas das mulheres, como os Encontros descritos acima, incitaram uma reação negativa por parte das lideranças masculinas de Cananea, as quais María Luisa inicialmente admirava tanto, como havia relatado anteriormente. Concluiu que eles não se alinhavam com sua posição feminista e a forma de as lideranças demonstrarem sua discordância foi cortando o financiamento que tornavam tais Encontros possíveis. O problema para ela era que a liderança, por mais “esquerdista” que fosse, por mais “igualitária” que se dissesse ser, na prática, não concordavam com as consequências dos Encontros, que geraram mulheres questionadoras. Após enfrentar tanta hostilidade da liderança e seus seguidores, decidiu parar de trabalhar em Cananea e disse: “Estar sob ‘fogo amigo’ é muito cansativo.”. Tecendo um paralelo com o depoimento de Graça Xavier, presidente da União de Movimentos de Moradia brasileiro, vemos como o machismo se torna um

obstáculo a mais na já dura luta pela reivindicação do direito à moradia digna por mulheres, tanto no México quanto no Brasil:

Não é fácil exercer o cargo, pois sempre são homens que são os engenheiros, mestres de obras, nas instâncias públicas e nas lojas. O machismo é muito forte, e nas reuniões com as famílias eu fazia o papel de traduzir a linguagem técnica para a linguagem popular. O mundo da construção é quase tudo voltado para o masculino e não para o feminino, muitos tiravam até sarro, “mulher, negra e feminista” (XAVIER,2020 apud NASSARALA;SANCHES;XAVIER;LIMA, 2021.)

Ao longo desta conversa, estávamos sentadas, María Luisa e eu, uma de cada lado da mesa retangular de seu escritório, e ela compartilhou sua visão buscando materiais que apoiassem sua fala. Disse que apesar do trabalho investido e dos conflitos vividos com a Comunidade de Cananea, reconheceu que obteve muitas satisfações. Mostrou-me materiais produzidos por suas colegas da Rede de Mulheres Sindicalistas e pescou um pedaço de papel, entre uma pilha de papéis que estavam espalhados pela mesa.Estava quase certa de que os esses papéis materiais encontrados foram produzidos em dos Encontros no ano 2000.

Em um dos papéis, de sulfite reciclado, havia um escrito à mão feito assinado por Rocío Helena Torres: “Parabéns, só por ser mulher, a melhor”, outro por María Teresa Ruiz, que dizia: “Mulheres trabalhando e transformando o país”, e mais um, por Reyna Vázquez: “A

natureza nunca está errada, ela criou as mulheres”. Ainda hoje, a Abuela acredita que essas reuniões cumpriram seu objetivo fundamental: fortalecer a autoestima das mulheres, mas que isso não foi muito conveniente para seus companheiros homens.

Como aponta Paulista (2013), alinhada com os estágios apontados por Peet (2020):

Os relatos da participação das mulheres nos movimentos sociais de moradia mostram um potencial transformador: as mulheres abandonam uma situação de subserviência e vulnerabilidade à violência na esfera doméstica para a ação pública e reivindicadora de direitos não apenas para si, mas para os grupos que representam (PAULISTA, 2013 apud REGINO;SANCHES;XAVIER;LIMA, 2021)

Após escutar o relato de María Luisa sobre Cananea como uma grande escola nos assuntos referentes à política, questões de gênero e organização social, considereí que esses eram os temas que ela enxergava como mais relevantes sobre o processo de autoconstrução de sua Casa. Como nessa pesquisa nos interessam também os aspectos práticos do processo construtivo, perguntei como foi de fato participar fisicamente no ato de construir.

Ela parecia estar aliviada em estar sentada para falar dessa memória em particular. Recordou-se do processo e iniciou caracterizando-se como uma pessoa muito obsessiva. Adorava carregar os carrinhos de mão cheios



Figura 29: No escritório da Casa de María Luisa Rivera Grijalva em maio de 2021. Fonte: Mariana Montag.



Figura 30: Estante na Casa de María Luisa Rivera Grijalva em maio de 2021. Fonte: Mariana Montag.

de areia. Descreveu que agarrava os montes de areia e os descarregava de lado nas colinas de areia e os enchia novamente com pá. Por não gostar de demorar tanto para carregar a areia e de fazer tantas viagens, preferia carregar os carrinhos bem cheios, ato que parece atualmente questionar se foi a melhor tática, pois está convencida que isso acarretou em um dano profundo em suas vértebras lombares e agora sofre de fortes dores na região lombar e ciática.

Novamente podemos apontar paralelos com os processos de viabilização da moradia digna no Brasil. Em uma iniciativa que se tornou emblemática na cidade de São Paulo, Graça Xavier, presidente da União de Movimentos de Moradia do Brasil (UMM), recorda do processo de construção das 1076 Unidades Habitacionais no Jardim Celeste, com início em 1989 e conclusão em 2003. Como relata a psicóloga e militante:

Após trinta anos, desde a fundação da Associação de Moradores do Jardim Celeste, muitas das moradoras, integrantes também da UMM, foram as responsáveis por todo o processo de viabilização da moradia digna. Além de sua participação na luta e no movimento, é importante lembrar que essas mulheres eram, em muitas situações, as responsáveis por todo o trabalho doméstico e cuidados com os filhos.

Em diversos depoimentos, essas mulheres destacam que a moradia digna é a condição determinante para a criação e proteção dos seus filhos; bem como, o

local de produção de trabalhos realizados como autônomas, ou, ainda, o lugar protegido para o descanso, depois da jornada de trabalho, localizado, muitas vezes, em áreas distantes, implicando em horas no transporte público.

A ameaça à moradia, por ações de despejos, reintegração de posse ou violência na cobrança do aluguel na moradia precária - como nos cortiços - afeta diretamente as mulheres e reflete-se na participação destas em movimentos que reivindicam a moradia digna. (XAVIER,2020 apud NASSARALA;SANCHES;XAVIER;LIMA, 2021.)

Entretanto, como destacou Abuela María Luisa, foi um preço alto a ser pago pelas mulheres, na forma de estresse emocional e esforço físico excessivo, dentre outros ônus. María Luisa lamenta ter desenvolvido problemas de saúde por excessivo entusiasmo e sobretudo irresponsabilidade para consigo mesma. Seus colegas tinham uma atitude mais relaxada, comparava, mas ela estava apaixonada pelo trabalho, principalmente pela ideia de que, em breve, teriam suas próprias casas. Por isso tentou se esforçar ao máximo e os danos vieram depois. As dores tornaram-se mais intensas à medida que foi envelhecendo, foi a partir da idade de 58 ou 60 anos que elas se tornaram muito mais agudas.

Nesse momento seu telefone tocou e na outra linha estava uma companheira massagista que a cuidava e lhe perguntava quando estaria disponível para sua próxima sessão. Enquanto ela falava ao telefone, continuei a organizar

sua Casa como ela me orientava e me deparei com uma estante repleta de objetos que me pareciam amuletos de um altar, na qual não me senti no direito de organizar. Desejei saber mais sobre os significados daqueles objetos e assim que ela terminou de combinar sua próxima terapia com sua colega terapeuta lhe perguntei sobre seu envolvimento com a Cultura Tradicional dos Povos Originários.

María Luisa introduziu o assunto dizendo que, como já havia comentado, tinha um cargo no Ministério da Cultura na esfera Municipal, na delegação de Cuauhtémoc, como Promotora Cultural Comunitária. Na administração anterior de Clara Brugada, havia uma simpatia pela questão indígena, e o Ministério desenvolveu uma série de programas sobre a questão indígena. Um dos programas executados por essa administração foi a Ação de Promoção das Terapias Alternativas e da Medicina Tradicional. Realizaram um projeto de concessão para a construção de ‘Temazcal’, inquirido por Grupos Tradicionais da Cultura Nahuátl, no qual exigiam espaços para realizar suas práticas de Medicina Tradicional e Ancestral.

Na execução da Ação de Promoção das Terapias Alternativas e da Medicina Tradicional, María Luisa estava trabalhando no Museu das Culturas da Cidade do México. Ela era a responsável por fazer as ATAS das reuniões dos Grupos Tradicionais da Cultura Nahuátl e era ponte com a instância governamental, e nesse dia sofria de dores intensas nas costas e nas pernas. Naquele momento, participantes dos

Grupos de Medicina Tradicional saiam de suas reuniões, e, uma delas, que agora era uma grande amiga, identificou em sua expressão corporal o desconforto que sentia. A integrante dos Grupos de Medicina Tradicional perguntou a María Luisa o que se passava e lhe ofereceu uma massagem. A companheira era María del Carmen Barrón, Abuela Maricarmen, Tlazoxiubpapatoti – seu nome em Nahuátl.

A Abuela Maricarmen presenteou María Luisa com uma massagem. Ao receber os cuidados de Maricarmen, María Luisa começou a sentir uma tremenda transformação física. Desde então, não precisou mais tomar analgésicos. A massagem tradicional da cultura Nahuátl fez com que a dor diminuísse muito, e, a partir do momento que provou a massagem pelas mãos de Maricarmen, sentiu que suas raízes indígenas estavam lhe chamando. E assim começou seu caminho de aproximação dos grupos tradicionais indígenas.

María Luisa disse que sempre teve muito orgulho dos têxteis e do artesanato feito em aldeias e comunidades indígenas, como demonstrava ao diariamente vestir seus distintos *Huipil* – uma blusa branca de algodão com bordados típicos em decote quadrado. A Abuela recorda que, desde criança, sentia-se muito atraída pelas danças e ritmos tradicionais, principalmente pelos dançarinos da Villa de Guadalupe – um bairro no norte da Cidade do México, que em 1531 foi o local da aparição de Nossa Senhora de Guadalupe.

Quando tinha entre 7 e 8 anos, em feriados locais na Cidade do México, presenciava essas manifestações culturais em Igrejas em bairros da Cidade do México como La Magdalena, Jamaica, e em Santa Anita. Adorava as penas e o seu balançar ao presenciar os movimentos das danças que tinham pulos incorporados. Era como se elas levantassem voos ao som de tambores.

Ela mesma se recorda da pequena María Luisa e da sensação de tremendo entusiasmo, embora fosse uma sensação mista. Os via, os dançarinos e dançarinas da Villa de Guadalupe, meio nus, e sentia pena. Gostava muito de ver suas danças, mas sentia vergonha de ver corpos seminus. Refletiu que isso era devido provavelmente porque cresceu sob o julgamento da religião católica e por isso sempre teve a ideia de que era um pecado expor-se assim, e quando se tratava de mulheres, era ainda pior.

Além das danças, admirava a forma de como essas pessoas tratavam e de como elas simplesmente eram. As percebia como pessoas alegres, brincalhonas, sem nunca se desrespeitarem, sem se insultarem mutuamente. Fez uma comparação com o que viveu em tempos mais recentes e relacionou com a diferença de tratamento experienciada na relação com seus colegas na Comunidade de Cananea, na qual percebia uma forma de tratamento baseada na desconfiança e competição. Pontuou que esse foi outro aspecto que realmente a atraiu, esse tratamento cheio de respeito, especialmente pelas Abuelas -- figura

social que irei descrever com mais profundidade no capítulo 3.

María Luisa, a partir de então, aceitou o chamado que foi despertado no primeiro contato com Abuela Maricarmen e começou a resgatar suas raízes e se aproximar das Culturas Tradicionais através de cursos de Medicina Tradicional.

Absorvi como aconteceu o despertar da aproximação de María Luisa com a Cultura Tradicional Mexicayotl, praticada na região da Cidade do México. Na entrevista, Tomás Liceu Hernández (2018, p.40) perguntou à María Luisa sobre as relações entre as diferentes Culturas Tradicionais de cada região, em especial da qual provinha, a região de Veracruz, da Cultura Tradicional Totonaca. María Luisa esclareceu que ambas culturas, Mexicayotl, praticada na região da Cidade do México e a Totonaca, praticada na região de Veracruz, nasceram da Cultura Nahuátl. Ele a questionou sobre qual relação entre o que aprendeu com as comunidades Mexicayotl e as de suas raízes, a Totonaca.

Antes de dar continuidade à resposta de María Luisa à pergunta de Hernández, vamos às origens da Abuela e sua família. María Luisa nasceu na Serra Veracruzana, no povoado de Chiconquiaco. Como quem inicia uma narração, Abuela me explicou o significado desse nome, que já se desdobra em uma compreensão bioclimática daquela Terra. O nome Chiconquiaco tem raiz Nahuátl e é composto por *chicón*, que significa sete;

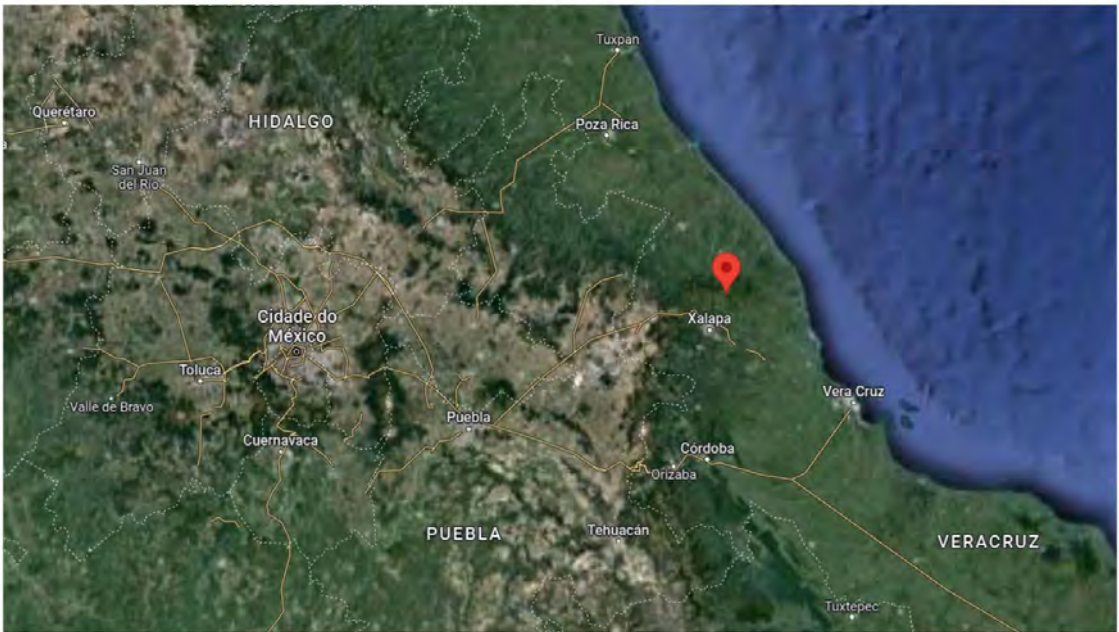


Figura 31: Localização da região de Chiconquiaco. Fonte: Google Maps, c2022. Disponível on-line em <<https://www.google.com/maps/place/Chiconquiaco,+Veracruz,+M%C3%A9xico/@19.7584425,-96.8271386,12z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x85db-3f644a2abbe1:0xdd236b081f-5048cfl8m2!3d19.7420434!4d-96.8177317>>. Acesso em: 08/06/2022.

nahui, que significa chuvas e co, que tem sentido localizador. Chiconquiaco significa Lugar das sete chuvas. O vilarejo está no meio de uma floresta tropical “muito bonita”, ela recorda ao descrever sua Terra.

Aos seis meses de idade, em 1947, foi trazida à Cidade do México, e, desde então, toda sua vida foi passada nesta cidade. Seus pais decidiram ir “tentar a sorte” na Cidade do México, porque em Chiconquiaco o ambiente tinha se tornado muito violento. Ela lembra de relatos nos quais quase todos os fins de semana os homens bebiam muita aguardente e depois se agrediam com balas e facões. As mulheres sofriam, pois também as violentavam, especialmente as jovens. Assim que começavam a chegar à puberdade, quando percebiam as mudanças em seus corpos, os homens abusavam de seus corpos. Quando ela nasceu, sua mãe vendo suas companheiras mulheres serem maltratadas, decidiu que não queria esse destino para ela.

Ao chegarem na Cidade do México, sua família recebeu apoio de sua tia Chuy, María de Jesús Grijalva. Como tinha conhecidos na fábrica de biscoitos Tres Estrellas, ela conseguiu arranjar um emprego para seu pai, o que o incentivou muito. O primeiro lugar para onde imigraram foi para o bairro da Colônia Obrera, localizado no Rio de la Piedad 337. O bairro que antes era nomeado Colônia Obrera, hoje tem o nome de Viaducto Piedad, ao sul do Centro Histórico da Cidade do México. Naquela época, o Rio de la Piedad

era um rio vivo, e hoje é um córrego canalizado.

Localizada, de acordo com María Luisa, sobre a região que é berço da Cultura Totonaca, retomamos a relação enxergada por ela entre a cultura dos diferentes Povos Originários.

O que ela relatar ver são a similaridade é que os povos, compostos por milhões de pessoas, deixaram-se arrastar pela tática usada pelos invasores Espanhóis para desqualificar tudo o que é indígena. A comida, as crenças e a ideologia em geral. Gerando no íntimo das comunidades um grande desprezo por si mesmos. Comenta também que há em comum o medo da rejeição de suas raízes indígenas, pois não queriam ver-se refletidos em uma pessoa indígena que foi e é humilhada, ofendida e maltratado até a morte.

A Abuela enxerga tais opressões, na prática, pela falta de oportunidades que descendentes indígenas tinham naquela época. Em 1930 em diante, no centro do México, na Cidade do México e arredores, era o início da política de industrialização, na qual a modernização do país estava começando. E assim foram forçados a emigrar de seus lugares de origem para a capital da República. Os governos da década de 30 não tinham, entre suas prioridades, a atenção para os problemas das comunidades indígenas.

No entanto, ela conta que as comunidades Mexicayotl, descendentes indígenas na Cidade do México, dizem que foi a partir dos anos 1950 quando,



Figura 32: Estante de livros no quarto de María Luisa Rivera Grijalva em maio de 2021. Fonte: Mariana Montag.

através da dança, começaram a se recuperar e fortalecer as manifestações culturais, que agora são muito mais visíveis. Antes disso, a única coisa que se via, como exemplificam suas memórias de criança, eram os grupos de dançarinos no bairro de Zócalo e na Villa de Guadalupe. Felizmente, agora há muitas informações que estão sendo recuperadas através das práticas tradicionais insurgentes como a escuta das Profecias ancestrais. Um exemplo disso é o édito de Cuauhtémoc, uma Profecia na qual se diz que o Quinto Sol renascerá – Profecia que veremos mais adiante no capítulo 3, no ensaio *Quem são as Abuelas*. Ela acredita que há um movimento muito forte surgindo e que todo esse conhecimento esquecido, reservado, guardado está sendo revalorizado. Concluiu dizendo que o que antes era quase um crime ser indígena, porque era identificado com pobreza, atraso, incultura está se diluindo nas pessoas que não têm mais vergonha de se identificar como indígenas.

Após uma porção do dia compartilhando muitas histórias de vida, María Luisa me pediu auxílio para cumprir com um de seus compromissos. Ela havia sido convidada a fazer parte de um festival que chamava “O IV Encontro de Contadores Campesinos de Abuelos e Abuelas da América Central” e para isso tinha que enviar um Conto narrado em formato de vídeo.

Enquanto ela se preparava para sua apresentação, com sua permissão, eu continuava curiosa conhecendo sua Casa. Seu quarto se localizava entre a

sala e o escritório, uma espaço de 2,5m por 3m, quase o tamanho do quarto alugado por Jajja. Em seu espaço mais íntimo, avistei um conjunto de livros que evidentemente carregavam um critério de seleção. Havia três prateleiras de madeira pintadas em tons de verde nas quais se apoiam livros cujos temas em torno da questão da Mulher e da Luta Indígena saltavam ao meus olhos, como *Mulheres* de Eduardo Galeano e *Los Aztecas: Historia, Cultura, Mitología, Leyendas y Profecías* de Gil Verales. Estávamos prestes a fazermos a gravação de sua apresentação.

Ela apareceu vestindo seu *Huipil* que diz mais gostar, com bordados rosa (Figura 34), um brinco de pena vermelha, e soltou seus cabelos, pois haviam passado o dia trançados. Preparamos o cenário no escritório com uma cortina azul de piso a teto, que seria o fundo. Ela me mostrou um instrumento Nahuátl, composto por um cilindro longo e oco de madeira, com palitos fixados no seu interior. Por dentro, haviam sementes que, ao movimentarem-se, criavam ruídos semelhantes ao som da chuva. Eu me responsabilizaria por fazer a filmagem e os sons – usando o instrumento referido – nos momentos em que ensaiamos e assim tive o prazer de ver Abuela Cuentacuentos em ação.¹

Ao finalizarmos a filmagem, emocionada com o que tinha a visto criar, a questionei sobre seu caminho como

¹O vídeo pode ser acessado em: ARTESESCÉNICASCIE-GODEÁVILA. Maria Luisa Rivero Grijalva México 1. Youtube. 25 de Jun. De 2021. Disponível online em <<https://www.youtube.com/watch?v=mgxFQhnAINg>>. Acesso em: 00/00/00 .



Figura 33: Conhecendo Maria Luisa Rivera Grijalva em maio de 2021. Fonte: Mariana Montag.

narradora, como havia se tornado A Abuela Cuentacuentos. Ela iniciou com a afirmação de que suas histórias e narrativas não são para dormir, mas para despertar as consciências. Com efeito, Iseke (2014) comenta que a contação de histórias, nas culturas indígenas, é uma prática que sustenta a comunidade e “valida as experiências e epistemologias dos povos indígenas” (p.559). Como a autora prossegue, os povos indígenas trocam tradições orais, conhecimentos históricos e ancestrais e recursos culturais, de que utilizam para interpretar os fenômenos e processos que vivem no presente. Um dos aspectos importantes desta prática é que, por meio do processo de contar histórias, a compreensão dos povos indígenas sobre os eventos contemporâneos é entendida e situada no contexto de suas próprias tradições e visões de mundo. [ISEK, 2013]

A Abuela contou que encontrou a narração por acaso, em 2006, quando foi à Fábrica de Artes e Ofícios Faro Tláhuac (La Faro) com um grupo de colegas da Comunidade de Cananea para participar de um curso na Rádio Comunitária. Uma parte desse grupo desejou iniciar uma estação de rádio comunitária e, ao irem buscar o conhecimento necessário, souberam que o curso havia terminado pois o Ministério da Cultura do México passou por um corte de orçamento. No entanto, ainda havia uma oferta de curso de leitura em voz alta. María Luisa se interessou muito e lhe convinha, pois era perto de sua casa. A Oficina de Criação para Mídia Audiovisual era ministrado pelo professor Rafael Hernández e despertou seu amor por contar histórias, o que para mim se

fazia sentir muito pelo entusiasmo com que a ouvi narrar sua própria história durante aquele dia.

Naquela época, em 2006, ela frequentava a biblioteca comunitária Cananea e encontrou na coleção o livro *Soy Náhuatl*, que incluía o conto: *La leyenda del perro Topil*. Esse conto de Nahuatl narra a história da razão pela qual os cães sempre cheiram as partes traseiras uns dos outros quando se encontram pela primeira vez. Para se manifestarem contra os maltratados pelos humanos, os cães se reúnem e decidem, orientados por Abuelos e Abuelas Cães, a levar uma mensagem ao líder da região, o Señor Tlalocan, para que ele castigue os humanos. Os Abuelos e Abuelas sugerem um cão que entregaria a mensagem e dão o nome de Perro Topil a este cão. Como o Perro Topil atravessará rios e montanhas, os cães consideram cuidadosamente um lugar seguro para guardar a mensagem durante sua viagem. A comunidade de cães pedem auxílio aos Abuelos e às Abuelas, que decidem colocá-lo na parte de trás do Perro Topil. O tempo passa, e a mensagem nunca chega ao Señor Tlalocan. Supõem-se que isso explica por que, ainda hoje, quando os cães se encontram pela primeira vez, eles sentem o cheiro das traseiras uns dos outros em busca do Perro Topil e da mensagem que ele carrega.

² O conto narrado ao grupo pode ser acessado em. GRUPOT-LAHTOQUE:CRONISTASYNARRADORES. Narración| El Perrr Topil [Cuento Indígena]. 17 de mai. De 2020. Youtube. Disponível online em < <https://www.youtube.com/watch?v=tluXwBn-sotw>>. Acesso em: 12/10/06



Figura 34: María Luisa Rivera Grijalva em diferentes momentos como narradora em 2021. Fonte: María Luisa Rivera Grijalva

Essa foi a primeira história que o professor contou para o grupo do curso². Ela gostava muito dessa história, pois demonstra o respeito com a sabedoria das Abuelas, que têm seus ensinamentos sobre a vida – princípios e valores – muito respeitados pelas comunidades.

Após o curso, María Luisa investiu tempo para adquirir conhecimento em narração, envolvendo-se em distintos círculos de narradoras na região de Iztapalapa. Considera que adquiriu bastante experiência, de modo que Associações de contadoras de histórias, em círculos como os da Comunidade de Cananea, já a identificam e conhecem o tipo de projeto que ela desenvolve. Diz que se tornou conhecida pelos temas de gênero e identidade.

No ramo da contação de histórias, fez amizades com mais contadoras de histórias da Comunidade de Cananea e, juntas, criaram o coletivo *Las Marías* que, no ano de 2019, transformou-se em uma cooperativa cultural. A Abuela Cuentacuentos projetou que irão continuar firmemente com as narrações, abordando as questões alinhadas a seu propósito, sobre gênero e identidade indígena. Encerrou o tema compartilhando sua tremenda motivação em aumentar a conscientização sobre as questões que a estimulam. Detalhou, em especial, seu envolvimento com o ativismo em relação à violência contra as mulheres e à discriminação contra os povos indígenas, que envolvem a perda de direitos e a constante ameaça de seus territórios. Disse que são lutas muito importantes para ela, e que ela

Com o cair do sol, ao redor das 7 horas da noite, mesmo com o cansaço do longo dia, María Luisa e eu conversamos sobre estarmos retroalimentadas dessa rica troca. A convidei para jantar e brindar com o que uma boa conversa merece, cervejas. Terminamos o dia abrindo espaço em sua sala para fazer algo que María Luisa adora, dançar a canção *Nunca es suficiente*, da banda mexicana originária de Iztapalapa Los Ángeles Azules.

Com os dias passados ao lado de María Luisa e sua construção de mundo, foi fornecida uma complementação valiosa para o desenvolvimento do projeto de sua Casa. Sua rica trajetória compartilha desdobramento tácitos aos predicativos que ela mesma se dá: “mulher, originária do povo Totonaca, indígena de cidade, lutadora social, promotora cultural e contadora de histórias.” (GRIJALVA, 2021, n.p).

Essa troca foi muito importante para a compreensão da grandiosidade de seu impulso para lutar pelos temas de gênero e identidade indígena e de como tudo isso é impactado pela sua vinda para a Cidade do México, em 1947, ao lado de sua família, em fuga de um lugar onde as mulheres eram violentadas. E isso tudo somado à violência que sofreu até 1986 ao longo de seu casamento, e que foi elaborada e superada através seu envolvimento com as “Mulheres Lutadoras Sociais” nos anos 2000, na Comunidade de Cananea, nos quais, em conjunto, construíram espaços de encontro, reflexão, troca de experiências e autoreconhecimento da luta das mulheres. Além disso, foi

muito significativo saber dos cuidados recebidos por Abuela Maricarmen, que a fizeram atender ao chamado de conhecer suas raízes indígenas, que sentia desde pequena admirando os dançarinos da Villa de Guadalupe e que redirecionaram seu caminho de resgate de sua Cultura Totonaca, por meio de cursos com os grupos tradicionais indígenas. E por fim, sua descoberta da possibilidade de expressar-se através da narração de histórias. Uma trajetória que se inicia por uma mulher que se via mais bonita calada, desdobrou-se em uma mulher que usa sua voz, através da narração de histórias, para lutar contra aquilo que um dia já a oprimiu.

Nesse capítulo, fiz um recorte das nossas conversas com enfoque na história de María Luisa. Suas visões e nossas conversas objetivas em relação ao projeto de sua Casa descreverei com mais detalhes na Parte 3 desta pesquisa.

Capítulo 03

Pensando a Casa de Abuela Cuentacuentos: processos sobrepostos

As construções de mundo de Abuela Maricarmen e Abuela Cuentacuentos, no México, e de Jajja, na África, de quem falarei adiante, são compostas por elementos bastante diversos, particulares a cada uma. Entretanto, há um importante plano de fundo que é comum a elas: as condições específicas em que se encontram as mulheres em territórios vulneráveis. Como discutiram Lima e Pardo, a vulnerabilidade territorial pode ser compreendida pelo binômio sociedade e território (Sanchis, 2009 In: Lima e Pardo, 2021), estando associada a condições de pobreza. Por um lado, Susan Cutter enfatiza os aspectos de risco associado ao potencial de perda e possibilidades remotas de recuperação plena do que foi perdido (In: Lima e Pardo, 2021). Estas perdas podem ser de ordem material: objetos, meios de sustento, patrimônio; podem ser de ordem humana: parentes, membros do círculo social e de apoio; e perda da saúde e capacidade de produção. María Cleofé Valverde apontará ainda como a segregação e a marginalização estão profundamente relacionadas às fragilidades sociais em territórios vulneráveis (In: Lima e Pardo, 2021). Cabe ressaltar que, em contextos de vulnerabilidade territorial, as mulheres são desproporcionalmente mais afetadas. As mulheres constituem a maioria da população pobre do planeta (UN Women, 2017). Como destacam Lima e Loeb (2021), há três fatores importantes a contribuir para estas condições: os obstáculos ao acesso

aos direitos reprodutivos, resultando em gestações não desejadas, não planejadas ou de risco; a “divisão sexual do trabalho” que impõe às mulheres uma carga desproporcionalmente grande de responsabilidades pelos trabalhos não remunerados, como os cuidados domésticos, de filhos e parentes, dificultando seu acesso à educação e ao desenvolvimento profissional; a violência de gênero, considerada uma importante barreira ao combate à pobreza das mulheres (Action Aid, 2018 In: Lima e Loeb, 2021).

Nesse sentido, talvez o plano de fundo que une as Abuelas possa ser caracterizado pelas duras e irreversíveis perdas por que passaram, em boa proporção devido ao fato de pertencerem a grupos marginalizados e serem mulheres. Mas acredito que este plano de fundo é marcado principalmente pela potência, senão de recuperação do que foi perdido, pelo menos de transmutação a partir da perda. As perdas, em um certo sentido, pavimentaram o caminho para que elas se tornassem referências em suas comunidades.

Neste capítulo teceremos suas semelhanças com a representatividade que estas mulheres exercem a partir de suas diferentes experiências, em busca de apreender a trama que entretecem valores dos mundos em que circulam e as comunidades em que atuam à arquitetura de seu lar. Este



Figura 35: Jajja Nannono Imaculate em seu quarto alugado em Kikajjo, Kampala, Uganda em 04/11/2019. Fonte: Mariana Montag.

capítulo busca descrever aprendizados construídos a partir do modo de viver das Abuelas, e o modo como foram interpretados e expressos na atividade projetual, o que corresponderia ao quarto passo da metodologia clínica. Como Ardalan comenta:

O processo de interpretação do que acontece na situação, e de construção da teoria, é totalmente diferente do da metodologia científica. Os cientistas clínicos tiram sua explicação da situação. Esta última se concentra em temas e interpretações, na situação que está sendo estudada, para gerar uma teoria detalhada (2008, p.43).

Apresentarei este desenvolvimento a seguir, organizado em três seções: 3.1. *Quem são as Abuelas*; 3.2. *A Experiência da Casa de Jajja* e 3.3. *Permitir que haja encontros*. Na primeira seção, começaremos com o tema da condição da representatividade das abuelas em suas comunidades, o ponto mais facilmente identificável que elas têm em comum, compartilhando este traço com Jajja, em Uganda, África. A denominação “Abuela”, para nossas protagonistas no México, diz respeito a um código social e a uma determinada cultura. Sugiro que se deem o momento de parar, respirar e chamá-las como suas comunidades as reconhecem:

Abuela Maricarmen e Abuela Cuentacuentos.

Ao pronunciar seus nomes, me parece que é possível sentir um convite a adentrar uma forma diferente de perceber o mundo, como se ao

expressá-la estivéssemos adentrando um ritual. Iseke (c2014), expressa bem este estado de espírito, este convite, a que me refiro, sugerindo “uma complexa consciência” e um “‘profundo respeito’ na pesquisa” (Iseke e Brennus, 2011 In: Iseke, 2014, p. 559).

Na primeira seção, 3.1. *Quem são as Abuelas*, entraremos em contato com uma diminuta porção da vasta cultura Náhuatl, que foi berço de muitas culturas dos povos originários do México e que teve sua língua considerada a língua franca dos povos da Mesoamérica (LEÓN-PORTILLA, 1993). Como bem coloca Garibay: “[...]cada cultura tem sua própria maneira particular de ver o mundo, de ver a si mesma, forma incomunicável de ver o mundo e de ver o que transcende o mundo e a si mesmo” (1993, p.2).

Nos atentaremos para significado e o papel das Abuelas, e buscaremos dialogar com os valores expressos por elas para melhor compreensão do projeto colaborativo.

Na seção seguinte, 3.2. *A Experiência da Casa de Jajja*, expandiremos a discussão acerca das semelhanças entre estas mulheres, examinando uma experiência há 14042 km ao leste do Globo, em um vilarejo rural chamado Kikajjo em Uganda, Leste de África. Vamos ao projeto da construção da Casa de Jajja. Nannono Imaculate, a Jajja, é a líder comunitária com quem tive a honra de aprender e construir seu lar. Jajja significa avó em luganda, língua da tribo Buganda e uma das 38 línguas locais do país. O projeto que visitaremos foi desenvolvido

e realizado como pesquisa prática entre os anos de 2018 e 2020 iniciado como trabalho final de graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, e foi a semente da presente pesquisa. Em janeiro de 2020, no vilarejo de Kikajjo, construímos A Casa de Jajja através de oficinas de construção para mulheres locais e com processos construtivos traduzidos desde a absorção das dinâmicas diárias das senhoras locais, as Jajjas.

Em *A experiência da Casa de Jajja*, traremos reflexões sobre essa vivência visando a construção do projeto em pauta, a Casa de Abuela Cuentacuentos. Adentraremos a experiência da Casa de Jajja, compreendendo pesquisa, desenvolvimento de projeto e construção com o objetivo de aperfeiçoar e pensar como estabelecer este processo no projeto da Casa de María Luisa.

Na última seção, 3.3. *Permitir que haja encontros*, partiremos da reflexão sobre como ambos os processos se iniciaram – a relação com as Abuelas e a relação com Jajja –, e falaremos sobre a importância em permitir que haja encontros, orientada pelo ritmo dos passos com que estas mulheres caminham pelo mundo. Em *Permitir que haja encontros*, observaremos como essas senhoras geram comunidade ao seu redor e como realizam estrategicamente seus objetivos a partir das conexões estabelecidas. A seguir, com o auxílio de Jorge Larossa Bondiá (2002) e de sua reflexão sobre o conceito de “experiência”,

nos posicionaremos em relação à importância de estarmos atentas à organicidade da vida na esfera projetual. Os projetos arquitetônicos iniciam-se cada qual de uma maneira diferente, mas em grande parte orientados pela qualidade e pelos acontecimentos gerados nos encontros. Nesta seção do texto, a intenção é nos determos a refletir sobre o papel desses encontros para a concepção de um projeto.



Figura 36: A Casa de Jajja habitada por Gift, Jajja, Janet e Berna em 05/03/2020. Fonte: Thais Viyuela



Figura 37: A Casa de Jajja em construção por Mariana, Rose, Luiza, Jajja e Berna em 15/02/2020. Fonte: Thais Viyuela

3.1 Quem são as Abuelas?

Estamos, nesta dissertação, constantemente referenciando as Abuelas e suas construções de mundo, atentando-nos aos indivíduos com quem nos conectamos. No entanto, quem são as Abuelas? A que nos referimos ao chamar alguém, respeitosamente, de Abuela? Certamente, há um código social implícito nessa nomenclatura, a qual desejo compreender melhor, sem, no entanto, atrever-me a descrever mais a fundo a cultura Nahuátl (GARIBAY, 1993). Sendo assim, compartilho o privilégio de ter escutado palavras diretamente da Abuela Cuentacuentos como resposta quando lhe perguntei sobre o papel dos Abuelos e das Abuelas. Dentro do que se espera do rigor acadêmico gostaria de incluir o testemunho oral como fonte relevante de conhecimento, uma vez que estamos lidando com uma tradição narrativa ameaçada de extinção. Como em 1936, Walter Benjamin escreveu:

Ainda que seu nome nos seja familiar, o contador de histórias da vizinhança não é, de modo algum, uma força presente. Tornou-se já distante e fica cada vez mais remoto. [...] É como se algo que nos parecesse inalienável, a mais segura de nossas posses, houvesse sido tirada de nós: a capacidade de trocar experiências. (Benjamin, 1991, p. 83).

Ainda, como enfatiza Iseke (c2014): “As estórias são uma fundação básica de todo o ensino e aprendizado humano”(In: Iseke, c2014, p. 559). Cabe ainda colocar com a devida ênfase que estamos conscientes da advertência da pesquisadora indígena Shawn Wilson (2008, In: Iseke,c2014, p. 560), que

explica que algumas estórias, por serem sagradas, não deveriam ser reveladas porque isso retiraria delas seus elementos sagrados e espirituais. Como adicionam Haig-Brown e Dannenmann (2002 In: Iseke, c2014, p. 560), “o ato de escrevê-las, ainda por cima, consiste em transformá-las, colocá-las em perigo e, em última instância, até mesmo pode ter o efeito de desativá-las”¹.

Em estrita observância às preocupações e advertências pontuadas acima, e alinhadas com a postura de Iseke (c2014), adotamos uma postura de profundo respeito e reverência em compartilhar a profecia relatada pela Abuela Cuentacuentos, em especial por ser este o desejo expresso pela Abuela, que esta profecia pudesse constar em um trabalho acadêmico, e assim ser disseminada por um público que habitualmente não teria contato com ela. Ainda, como frisou Iseke, as estórias e pedagogias indígenas oferecem a possibilidade das pessoas destas comunidades de apresentar, e representar os conhecimentos indígenas (Iseke, 2010, 2011; King, 2003; Kovach, 2009 In: Iseke, c2014, p. 560)².

Com isto em vista, este ensaio apresenta como estrutura a resposta ilustrada por María Luisa à pergunta

¹ [Tradução nossa. To write them down is to transform them, to endanger them, and ultimately may serve to deactivate them]

² [Tradução nossa. Indigenous stories and pedagogies offer the possibility of Indigenous peoples in communities presenting and re-presenting Indigenous knowledges]



Figura 38: María Luisa apresentando sua história em 2022. Fonte: Denisse González.



Figura 39: María Luisa Rivera Grijalva na janela de sua casa no México em 2022. Fonte: Denisse González.

feita sobre quem são as Abuelas. No dia 23 de julho de 2021, ela compartilhou dois áudios por Whatsapp, dos quais compartilharei a seguir a transcrição livre feita por mim. No primeiro, ela traz sua percepção pessoal sobre como enxerga o conhecimento compartilhado pelos Abuelos e Abuelas, no segundo, sua narrativa acontece em forma de contação de um trecho da lenda *El águila, El cóndor, El Quetzal y el colibrí, una profecía para nuestros tiempos*. Tomo a liberdade de incluir imagens para imaginarmos sua percepção.

“Los pueblos antiguos de México se creyó siempre que lo que realmente era importante y valioso era el ser, y ser significaba contener un rostro y para tener ese rostro se tenía que preocupar uno por desarrollar todas aquellas áreas de nuestra persona que nos permitirán llegar a vivir en equilibrio. A esto se le llamó ser un Tolteca y a vivir con impecabilidad. Ahora en estos tiempos lo más importante dicen que es el tener. No, no. Estamos demasiado ocupados trabajando, pagando cuentas, comprando cosas, viendo que está en oferta para comprar, más allá de lo que necesitamos. Dejando de lado las cosas que son realmente importantes para nuestro desarrollo personal, para hacer crecer nuestro ser y nuestro espíritu, que eso era lo que realmente hizo valiosas e importantes a nuestras culturas antiguas.

‘Para ellas lo no más importante, a lo que daban la máxima prioridad era al crecimiento de suceso, a estar más en contacto con sus deidades, con el universo con la naturaleza y a ser

mejores individuos y mejores miembros de la sociedad de la que eran parte. Y cómo podría hacer esto? Se basaban en cuatro principios básicamente: el estar conscientes, siempre, él hace cuenta de todo, lo que hacemos, lo que pensamos, lo que decimos, escuchamos, comemos, leemos y de que todo eso tiene una influencia en nuestro entorno inmediato, en nuestra sociedad y en nosotros mismos. Y por ello tenemos que estar muy muy pendientes de esto, de todo lo que comemos, de cómo alimentamos nuestro espíritu, de nuestro cuerpo, nuestra mente y también ser conscientes de todo lo que nos rodea. La belleza de nuestro mundo, de la naturaleza, de estar conscientes de la luz del Sol, del viento del cielo, despejado o nublado, de la lluvia, y de cómo están floreciendo los campos y las flores. Y de ser capaces de abrir los ojos, de abrir nuestro corazón y nuestra mente y darle toda esta importancia a la vida y que nos motive a cuidarla, a incrementar su belleza, a tratar de que ya más de esa belleza y de todo esta vida nuestro alrededor. Eso es parte de nuestra misión, conservar e incrementar todo lo bueno que nuestra madre tierra nos da y no depredar, no lastimarla, no ofenderla porque al hacerlo, nos ofendemos a nosotros mismos. Esta es la intención de lo que yo hago, es tratar de compartir, rescatar y compartir este concepto filosófico de los abuelos. Este pensar que obtener nuestro rostro, siendo, siendo y no teniendo. Es un paso previo para tener corazón. Porque no se puede ser si no tienes rostro, si no sabes quién eres, de dónde vienes y a dónde debes ir. Si tienes todo este conocimiento y si lo



Figura 40: Ritual de Abuelas e Abuelos em Escobilla em 2022. Fonte: Maria Luisa Grijalv



Figura 41: Ritual de Abuelas e Abuelos na Cidade do México em 2022. Fonte: Maria Luisa Grijalva.

aplicas, esto constituye el sustento para poder tener corazón. Y esto permite tener un proyecto para mantener el equilibrio en el universo. Despertar nuestra conciencia y conectar con nuestras raíces. Porque cuando nuestros corazones recuerdan de dónde vienen y cuál es su origen lanzan sus raíces.”

“El Águila, El Cóndor, El Quetzal y el Colibrí, una profecía para nuestros tiempos”

‘La mayoría de los pueblos ancestrales del mundo tienen profecías que les ayudan a explicar el pasado en el contexto del futuro, con el fin de darle sentido al presente. Muchas culturas presentan profecías similares. Un buen ejemplo de ello es la profecía del águila y El cóndor.

‘Esta no es solo una leyenda, sino que más bien constituye una mirada a nuestro pasado, a nosotros mismos, y a nuestro futuro. Cada 500 años existe una era denominada Pachacuti, en la cultura peruana. La cuarta Pachacuti comenzó en la década de 1492, y la quinta en la década de 1990. Acá en México, en la cultura Náhuatl le llamamos La era del Quinto Sol.

‘Esta línea de tiempo es importante, y hay que recordar que Cristóbal Colón, abrió el mundo del Oeste al mundo civilizado, según,... en 1492 y en 1990 comenzó el tiempo de la comunicación universal como nunca antes había ocurrido. Un interés de los pueblos de las Naciones industriales por las enseñanzas indígenas y una apertura de

los pueblos indígenas a compartir sus conocimientos.

‘La leyenda del águila y El cóndor probablemente provenga del Amazonas y se remonta a más de 2000 años aunque desconocemos cuándo y dónde se originó la historia. Hemos encontrado versiones en Los Andes, a través de América Central, y hemos observado su influencia los mayas, los aztecas, los hopis y los navajos. La profecía sirve como una forma de clasificar y comprender los cambios en el mundo del Norte al sur, del este al oeste. Es una explicación de los dos caminos diferentes que ha recorrido a lo largo de raza humana a lo largo de la historia. Estos dos caminos se han separado una y otra vez, sin embargo, la profecía señala que ahora es el momento para que estos caminos puedan convertir en uno solo. Esta es una historia de división y de conflicto, pero también de unión y de paz.

‘La profecía relata que desde tiempos inmemoriales, las sociedades humanas decidieron tomar dos rutas separadas y convertirse en dos pueblos diferentes. Del pueblo del águila y el pueblo del Cóndor.El pueblo del Águila se ha orientado principalmente a lo intelectual, a lo industrial y a la energía relacionada con lo masculino y a menudo se la identifica con la ciencia y la tecnología. Aquí se encuentran los exploradores, los colonizadores y los agresores, en los registros históricos. Por su parte, el pueblo del cóndor es intuitivo, creativo, sensible y primordialmente, relacionado con la energía femenina. Los pueblos indígenas se identifican en general



Figura 42: María Luisa trançando seus cabelos em 2022. Fonte: Denisse González.



Figura 43: Manifestação reivindicando a 3a Convocatória na Cidade do México em 2022. Fonte: Maria Luisa Grijalva

con este camino, puesto que priorizan en sus culturas el corazón por sobre la mente, y el misticismo por sobre el racionalismo. Cuando observamos el daño causado a la Madre Tierra, nuestro lado cóndor nos advierte que nuestros corazones saben que no podemos continuar con esto es el momento de cambiar, es tiempo de crear una economía de la vida. La profecía señala que durante muchos años, ambos caminos no se cruzarían para nada.

Luego en el quinto Pachacuti, en el Quinto Sol, se encontrarían y el águila sería tan fuerte que prácticamente conduciría al cóndor a la extinción. Pero no del todo y bien sabemos que luego de Cristóbal Colón esto es lo que ha ocurrido en muchos continentes. Sin embargo el quinto Pachacuti crearía un portal para que el águila y El cóndor pudiesen volar juntos en un solo cielo, para unirse y dar lugar a una nueva cría, una conciencia humana superior. Algunos dicen que esta cría está representada por el quetzal de Centroamérica, el ave Maya que simboliza la unión del corazón y la mente, del arte y la ciencia, de lo masculino y lo femenino. La realidad de esta nueva descendencia se ha trabajado de muchas formas, en libros, conferencias, por todo el planeta. Es importante reconocer que a lo largo de la historia, los líderes sabios a quién les podríamos denominar chamanes, nos han enseñado que lo personal y lo comunitario son interdependientes.”

“En los últimos tiempos las culturas occidentales que podemos denominar las culturas del Águila, a menudo han

dado mayor énfasis a lo personal, en detrimento de lo comunitario. Nuestra necesidad de satisfacer los intereses personales, ha sembrado el caos en la comunidad global, que compartimos entre todos. La profecía, reúne lo individuo con la comunidad, de esta forma podemos considerar al águila y el cóndor como dos aves individuales que aúnen sus esfuerzos. Podemos verlos cómo se unen sobre la base de individualidades, que avanzan hacia una vida conjunta, como familia o como compañeros en el trabajo. También podemos verlos como parte de esta comunidad más grande, que tiene dos lados y dónde se reúnen el lado que entiende la ciencia del mundo, la tecnología la industria y la innovación con el lado que comprende el alma humana, nuestra conexión con la naturaleza y la tierra misma y de esta forma, podemos saber cómo avanzar hacia una forma de vida saludable y en paz. Entonces nos damos cuenta, de que estamos en el proceso de demoler la tierra y reconocemos el impacto de nuestras acciones. El cóndor no señala, con su gran intuición, efectivamente, estamos generando una pesadilla en la actualidad. Cada uno de nosotros y nuestras respectivas culturas poseen estos dos aspectos que hemos mencionado como masculino y femenino, o del águila y del cóndor. La mayoría de nosotros creció en la cultura del Águila. Ahora nos enfrentamos cara a cara con la cultura del cóndor, que está representada por los pueblos indígenas, en una danza que comenzó efectivamente en la danza en la década de los 90. Hemos superado la revolución tecnológica y seguimos avanzando en

esa área, pero al mismo tiempo estamos en proceso de crear una economía de la muerte, una economía basada en la guerra, que además esquilma y saqué a la madre tierra y destruye sus recursos. Cuando observamos el daño causado, nuestro lado cóndor nos advierte que nuestros corazones sabemos que no podemos continuar con esto. Es el momento de cambiar, es tiempo de crear una economía de la vida.”

Gostaria de fazer uma pausa antes de lermos o encerramento de María Luisa através de seus ditos. Abuela Cuentacuentos, em minha percepção, presenteou este trabalho com uma visão através da Profecia compartilhada que, a meu ver adiciona uma dimensão a este trabalho, tornando-o parte dos esforços da Abuela em disseminar uma particular visão de mundo integrado. Entendo que sua fala revela uma conexão com o que se intenciona nessa pesquisa, colaborar para os esforços de integração dos saberes dos povos que antes estavam separados e, que na visão da profecia, virão a abrir-se para escutar-se e aprender uns com os outros.

Enxergo a Academia como uma manifestação do povo Águia, que se apoia principalmente nas análises racionais para explicar os processos da vida. Enquanto o povo Cóndor, manifestado pelos saberes das Abuelas, exercem prioritariamente a intuição e a criatividade, gerando processos colaborativos por natureza. Sendo assim, reflito que a calorosa atual discussão sobre gerar projetos participativos em que venho me envolvendo são uma manifestação da profecia compartilha

pela Abuela. Ao invés de discutir sobre como praticar a colaboração entre os mesmos, entre os que interpreto como Povos Águia, um caminho mais coerente é aprender diretamente com os povos que já a desenvolvem e vivem como lógica prioritária de vida, que interpreto como os Povos do Cóndor.

O normal para essas comunidades é a colaboração, vivenciando-a antes de tentar explicá-la pela racionalidade. Pois bem, seriam então as mais aptas a também a explicá-la. Os povos Águia, por sua vez, tem um potencial de contribuição em relação à ciência, esfera que os fizeram capazes de desenvolver técnicas de grande valor para responder a problemas complexos como os quais atualmente enfrentamos, em especial quando há clareza em relação às prioridades a serem solucionadas – as quais os povos Cóndor devem ter bastante esclarecidas.

A profecia é entendida neste trabalho como um esclarecimento. Ela orienta por facilitar a compreensão dos espaços possíveis a serem ocupados ao nos encontrarmos, o povo Águia e o povo Cóndor. No projeto da Casa de Abuela Cuentacuentos, aprendo e sou guiada pelas Abuelas e suas visões de como se relacionar com o todo, de quais questões estamos servindo através da construção de uma Casa, e a como tecer a ação para o bem estar comum. A arquitetura, a pesquisa, eu, contribuo por investir tempo em encontrar as soluções técnicas que sirvam suas visões e formas de trabalhar. Elas têm uma visão integrada pela sua

capacidade de perspectiva holística, e eu, e nós da academia, compartilhamos o saber técnico de forma democrática e acessível. Em uma troca por meio da qual todos os saberes têm valor, onde as lógicas não se sobrepõem mas coexistem, integramos nossos lados Cóndor e vice-versa, e trabalhamos juntos e juntas em busca do bem comum.

Ha existido y sigue habiendo un deseo por parte de los pueblos del Águila, de comprender a los pueblos del cóndor y un interés por parte de los pueblos del cóndor, por compartir sus conocimientos. Los Abuelos hemos dado un paso al frente y estamos dispuestos a ofrecer nuestra sabiduría. También estamos interesados en aprender más sobre los pueblos del águila y su ciencia. Este interés y educación mutua es una manifestación de la profecía. Sin embargo, y esto es muy importante: la leyenda dice que nosotros, el pueblo, debemos lograr que ocurra, necesitamos seguir insistiendo para que el cóndor y el aguila se unan y de paso a una consciencia superior. En ningún caso, es un proceso automático, se necesita a todos nosotros, desde ambos lados del camino. Ometeotl.



Figura 44: María Luisa em sua terra natal, Veracruz em 2022. Fonte: Maria Luisa Grijalva

3.2 A experiência da Casa de Jajja

O projeto *A Casa de Jajja* foi desenvolvido e construído ao longo dos meses de junho de 2018 e março de 2020, e, pela longa jornada, oferece diversos temas para reflexão. Tomei um tempo para deixar emergir qual seria o tema a ser discutido em um ensaio sobre a *Experiência da Casa de Jajja*, com enfoque em como essa experiência se espelha na vivência com as Abuelas no México, conforme explicado na introdução deste capítulo. Foi após permitir que os comentários da banca de qualificação deste mestrado em Fevereiro de 2022 – composta por Ana Gabriela Godinho Lima, Ruth Verde Zein, Zaida Muxí e a suplente Sasquia Obata – se assentassem, que o recorte escolhido foi sendo destilado.

Neste ensaio, o projeto A Casa de Jajja será tratado como “a experiência da Casa de Jajja”, pois foram 5 fases dentro da experiência até chegarmos no processo com o qual se deseja fazer uma relação nesta pesquisa, o projeto colaborativo da Casa de Abuela Cuentacuentos. Comentarei a experiência em 5 fases: **o Trabalho Final de Graduação (TFG), A preparação para construção, A construção, A pós-construção e desdobramentos**. Essa última fase, como o nome diz, desdobra-se em três projetos: *A Casa das Mães*, *A Casa das Viúvas* e, finalmente, **A Casa da Abuela Cuentacuentos**.

A fase do **Trabalho Final de Graduação**, elaborada como trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUPM orientado pelos professores Ricardo Ramos e Lucas Fehr, teve duração de 1 ano. O primeiro

momento aconteceu em Kikajjo, Uganda e o desfecho em São Paulo, Brasil. Entre junho de 2018 e fevereiro de 2019, estive em trabalho de campo na comunidade de Kikajjo e, na mesma fase, de fevereiro a julho de 2019, em São Paulo, o TFG foi finalizado e o financiamento foi realizado.

A fase da **preparação para a construção** se iniciou logo em seguida da conclusão do TFG, de julho a dezembro de 2019, em São Paulo. Nessa fase, aconteceu a gestão do processo prévio à construção: a compra do terreno de Jajja, a redução de custos do projeto e seus desenhos para a construção, e a ativação de todas as pessoas que fariam parte diretamente da construção.

A **construção** aconteceu durante 6 semanas entre janeiro e fevereiro de 2020, em Kikajjo, através de uma experiência educativa em um canteiro escola no qual os construtores locais ensinaram as mulheres a construir.

Ainda em Kikajjo, em março de 2020, falaremos da fase da **pós-construção**, na qual realizamos um arremate da construção através de diálogos com as mulheres participantes sobre autoreconhecimento.

Na fase dos **desdobramentos**, que acontecem em São Paulo de março a dezembro de 2020, foram elaborados os projetos da Casa das Mães e das Casa das Viúvas como desdobramentos diretos com a comunidade. Até que fui ao México e encontrei com a demanda de construir A Casa da Abuela Cuentacuentos.

Iremos refletir, neste ensaio, sobre como a experiência da Casa de Jajja apenas pode ocorrer – da maneira que ocorreu – devido à conexão com a comunidade local e ao reconhecimento de sua sabedoria, habilidades, serviço, presença e carinho. Sendo assim, a reflexão incitada é como a Casa se torna um lar quando está conectada com a comunidade onde está inserida e continua construindo Casas na medida em que essas conexões continuam sendo valorizadas. Este ensaio inicia-se com uma breve descrição das fases da experiência da Casa de Jajja e se desenvolve colocando em evidência como os aprendizados com as formas de produzir e conhecimento da comunidade somam valor ao processo de projeto colaborativo, que se deseja exercer na construção da Casa da Abuela Cuentacuentos.

Trabalho final de graduação

Em junho de 2018, fui a Kikajjo, Kampala, Uganda, para iniciar a pesquisa de campo como Trabalho Final de Graduação (TFG) em Arquitetura e Urbanismo, com o tema “A Casa de Jajja: moradias autoconstruídas para mulheres em zonas rurais”. Conheci Nannono Imaculate – a Jajja, líder comunitária de 74 anos – sobre sua necessidade de construir sua moradia e a minha necessidade em apresentar um projeto de graduação. Perguntei-lhe, despretensiosamente mas com bastante cautela e compromisso, se poderíamos nos unir para resolver ambas questões

da maneira mais íntegra ao nosso alcance. Ela topou, então iniciamos nossa primeira fase da parceria.

O projeto nesta fase baseou-se em 4 pontos de discussão. O primeiro ponto tratava sobre a relação da academia com a realidade. Propôs-se que a academia ultrapasse os limites teóricos e especulativos para a prática. Isso porque o TFG desenvolvido foi uma resposta a uma demanda e uma cliente real, possibilitando a ponte entre academia e realidade, um estúdio de projeto com a responsabilidade do acerto para viabilização. O segundo ponto refletiu sobre moradia e gênero. Enxergou-se o lar sendo delegado aos cuidados das mulheres – principalmente nas zonas rurais, como representava Jajja e as mulheres de Kikajjo –, enquanto o planejamento e a construção foram delegados aos homens. A criação da Casa foi desenvolvida em colaboração com a usuária, a Jajja, e a pesquisa foi feita através da perspectiva de gênero. Durante a fase de viabilização do projeto questionamos os papéis de gênero citados acima através da construção e repensamos os processos construtivos ao colocar a mulher como agente construtor.

O terceiro ponto tratou sobre a prática da arquitetura como um processo. O desenho e as tecnologias foram eleitos após uma imersão no local, compreendendo as possibilidades de recursos naturais e humanos de forma a respeitar a cultura e o meio, além de promover e compartilhar inovação. E a construção pensada para ser

espaço de aprofundamento de relações humanas e partilha de saberes. O último ponto discute sobre replicabilidade e sustentabilidade. O protótipo foi a Casa de Jajja, no entanto, a metodologia processual permitiu partilha de conhecimento para abordar demandas similares em outras zonas rurais do mundo. A sustentabilidade, financeira e social, foi considerada de modo que as mulheres envolvidas possam dar continuidade ao aprendizado na construção gerando uma cooperativa e rentabilizando o processo.

Em junho de 2018 eu estava em Kikajjo pronta para aprender com Jajja. No entanto, é importante dizer que não foi a primeira vez que tinha estado nesse vilarejo. Em abril de 2017, fui a minha primeira vivência em Kikajjo como voluntária no projeto *Escola em Uganda*, que visava reformular pedagógica e fisicamente a escola comunitária St. Mary. O projeto é coordenado pela psicóloga brasileira Elisa Pires, grande adepta da educação como ferramenta de libertação. Junto das lideranças locais e voluntárias, Elisa desenvolveu o projeto com base na Psicologia Social Comunitária, método em que as ações são elaboradas a partir da vivência no cotidiano da população. Considero Elisa como a agente social no local, que generosamente compartilhou comigo seus vínculos estabelecidos com a comunidade durante seus 9 meses morando lá, experiência e trabalho que foram as principais fontes das quais bebi. Foi por meio dela, inclusive, que conheci Nannono Immaculate e a demanda de construir sua Casa.

Retornando a junho de 2018, comecei a conviver com Jajja mais intencionalmente e a aprender com sua luta diária. Foram 6 meses de imersão em campo, participando das atividades locais diárias como: buscar, pelas manhãs e tardes, água nos pontos de distribuição, comprar legumes das vizinhas produtoras, preparar os legumes sentadas no chão de terra batida – lembro em especial do aprendizado de cortar as duras e robustas mandiocas –, queimar o carvão para aquecer as panelas no fogo, preparar os três baldes de água para lavar roupa, depois estender a roupa no sol quente e recolhê-las antes que a chuva as molhe novamente; ir à Igreja aos domingos – as igrejas eram diversas e as companhias variadas –, e dançar, dançar muito ao som do ritmo dos tambores locais tocados pelos amigos e familiares que ensaiavam na escola da comunidade todos os dias quando o sol começava a despedir-se.

Entre outubro de 2018 a fevereiro de 2019, ainda na vivência de campo em Kikajjo, os aprendizados orbitaram mais próximos à construção. Ao desejar aprender ainda mais sobre como melhor servir Jajja, exercitei sentir o corpo ocupar o espaço como Jajja o faz e passei a observar seus gestos e desconstruir relações de espaço que tinha aprendido como algo que podia ser padronizado. Jajja também demonstrava diariamente, por fazê-lo em momentos espremidos em suas consecutivas demandas, a como tecer as fibras naturais para elaborar os tapetes e cestas de artesanato local. Fui em busca de aprender sobre

a carpintaria local e conheci Paul, empreendedor de uma carpintaria em Kikajjo, e ele me ensinou a usar as ferramentas, onde comprar madeira e a tratá-la para cada diferente uso. Paul me apresentou a produtores dos tijolos de barro queimado, com quem aprendi sobre esse processo na prática. Com Jajja, buscamos lotes de terra para comprar em Kikajjo e nos vilarejos ao redor. Escrevo em terceira pessoa no plural pois em Kikajjo nunca se está só, as pessoas estão sempre atentas umas às outras, curiosas e dispostas a ajudar no que é que se está fazendo. Passei a conviver com as mulheres da vizinhança, indo as suas casas para trocarmos experiências através de conversas rotineiras entre comadres. Nessas situações, costumava perguntar a elas como elas percebiam o espaço e como o fariam diferente se construíssem suas casas novamente. Desse modo, conheci cada vez mais os vizinhos e as vizinhas, suas conquistas e projetos de vida.

Em meados de setembro de 2019, tínhamos um projeto preliminar elaborado. Jajja criticou o projeto através de modelos físicos, a maneira mais fácil de estipular um diálogo quando duas pessoas não falam a mesma língua verbal. Com esse processo aprendi também a ter longas conversas sem precisar verbalizar. As expressões do corpo, pela convivência e percepção, passaram a ser compreendidas como se fossem palavras. Por exemplo, as sobrancelhas que enquadravam de maneira arqueada um olhar que descansava no horizonte significava afirmação e aprovação, e era a vivacidade do olhar que

referia a intensidade daquele sim. A comunicação chegava a ser tão fluída, pela espontaneidade com que o corpo conversa, que o pouco dito, como um sim, dizia muito. Foi assim que reelaboramos o projeto. Prototipamos com Paul e sua equipe os elementos da proposição que eram mais inovadores, como a treliça do telhado, e fomos também aprendendo a trabalhar juntos. Através das prototipagens reconhecemos os processos da construção que não alinhavam-se ao desejo de ser uma construção didática. E então, reelaboramos o projeto. Estive durante todo o processo em comunicação com a comunidade acadêmica da Faculdade Mackenzie e incluímos os alunos e alunas no processo de repensar o projeto, intencionando criar uma constante ponte e diálogo com o que estava sendo vivido.

Após ter feito o escopo das instâncias necessárias para de fato construir, buscamos o apoio legal. Foi quando encontramos a ONG *Barefoot Law*, organização de advocacia de Kampala, Uganda que trabalha em prol dos direitos das mulheres em relação à terra em Uganda. Phoebe Murungi, advogada sócia da organização, dispôs-se a prestar os devidos serviços para assegurar que Jajja adquirisse sua terra com segurança.

Preparação para construção

Durante a finalização da fase do TFG, de junho a julho de 2019, aproveitei o rito de conclusão de curso para contar tudo o que vivi às pessoas da minha comunidade de São Paulo. Essas pessoas se motivaram com a narrativa e lhes convidei para levantarmos o recurso econômico para tornar o projeto realidade e construir A Casa de Jajja. Foram 409 colaboradores e colaboradoras, e, de julho a dezembro de 2019, nos preparamos para ir construir.

Antes de começarmos a construção, foi necessário conectar-se com mais profundidade aos contatos locais e seguir para a produção do processo de construção. A gestão anterior ao ato de construir demandou que eu estivesse em constante contato com Phoebe, da *Barefoot Law*, para acompanhar a Jajja ao comprar o terreno; com Paul, para que conversasse com seu grupo de carpinteiros sobre a ideia de incluir mulheres no canteiro de obras; mulheres que não tinham o conhecimento ou experiência e se dispusessem a ensinar seus saberes; e com os motoristas de Bodas — serviço de transporte individual local com motos, tipo mototáxi —, para que estivessem disponíveis para levar e trazer pessoas e materiais em meio a obra.

Feitos esses contatos, começamos as negociações com a vizinhança de onde seria construída a Casa para estipular relações harmônicas e abrir a quem desejasse participar. Mama Nammaddu,

vizinha do terreno adquirido por Jajja e sua amiga da Igreja, ofereceu-se para preparar a comida diariamente. A alimentação era um elemento importante em uma construção participativa pois além da razão óbvia de que construir demanda muita energia física, havia a importância de sentirmos o cuidado e a união, sensação que a comida feita com carinho oferece. Jajja ativou as pessoas que desejava que estivessem próximas ao processo da construção de sua Casa e que contribuíssem da maneira que ela enxergasse que haveria de contribuir, como a comunidade da Igreja.

A construção

Em janeiro de 2020 nos juntamos em Kikajjo para a construção da Casa de Jajja. Nannono Immaculate veio acompanhada de suas duas netas: Nasejje Rosemary e Nakinto Proscovia Gift, e de nosso amigo em comum Najib Serugo. As mulheres da comunidade que fizeram parte das oficinas de construção foram Nakigudde Doleen, Fatumah, Nakawuma Olivia, Tumuhaise Berna, Namboole Janet, Nabitiko Rose e Namayega Jane. Richard Kyeyune, mestre de obras, e Paul, o carpinteiro local, geriram os homens que compartilharam seus saberes: Kasuba Godfery, Ssekyanzi Gerald, Batuka Moses, Omaiga Morris, Sekabira Fred, Ssalongo e Muguisha. Por fim, as mulheres e amigas estrangeiras que somaram à construção foram as brasileiras Thais Viyuela, Elisa Pires, Luiza Tripoli e Camila Rogers; a grega, Athena Preen; e a francesa, Marie Combette.



Figura 45: Reza feita para o início da construção da Casa de Jajja em 2020. Fonte: Thais Viyuela.

Em momento próximo do início da construção me recordei da minha primeira experiência em Kikajjo, em 2017, e a importância que teve a partilha dos vínculos feita por Elisa. Tinha consciência que nada daquilo estaria sendo experienciado se essa ponte não tivesse ocorrido. Reconheci também que minha capacidade de criação vinha da autonomia gerada pela segurança que tais vínculos desenvolveram dentro de mim. Sendo assim, ao chegarem em Kikajjo, percorri com minhas amigas estrangeiras pelas conexões já estabelecidas. Imaginei que essas conexões, das pessoas que não eram dali com as pessoas que eram dali, poderiam criar um coletivo muito mais forte e resiliente.

Primeiramente, conheceram a Jajja, mas era como se já a conhecessem, afinal, escutavam incessantemente sobre ela já há um tempo. Passaram a viver os dias sendo orientadas pelas atividades locais, como viver ali: a buscar água, preparar comida, locomover-se — perderam os receios de andar de Boda —, comunicarem-se e a dançar, é claro. As mulheres que participariam da obra nos trouxeram para dentro de suas casas e de suas famílias e, como eram em sua maioria artesãs, nos ensinaram as práticas dos artesanatos locais. Era importante que todos e todas estivessem a par de quem eram as pessoas e de suas afinidades, a fim de saber a quem procurar quando precisassem da conexão. Assim, seria possível criar um coletivo de indivíduos independentes e que pudesse resolver questões construtivas enquanto um grupo colaborativo e que o saber não

estivesse centralizado em uma pessoa só, de modo que demais integrantes permanecessem em estado de alienação dos processos.

Jajja, um dia antes de começarmos a escavação para a fundação, organizou uma reza coletiva em seu terreno. Ela guiou o momento ao lado de suas companheiras da Igreja, que somavam em torno de 30 mulheres somadas às pessoas que fariam parte da obra. Jajja foi anfitriã de um ritual de 3 horas no qual rezamos pelos cuidados da Virgem Maria durante a construção. Cinco dias depois, quando já havíamos feito a concretagem da fundação, Jajja me contou que dias antes havia enterrado suas medalhas de Maria e assegurou que estávamos sendo protegidas.

Esse encontro de agentes diversos em prol de uma construção participativa foi muito bem sucedido em termos de gerar um canteiro como o intencionado, que aprofunda relações humanas e compartilha saberes. Deve-se ao aprendizado com a comunidade de Kikajjo, que foi extremamente receptiva e cujas pessoas integrantes estiveram constantemente abertas a ensinar-nos sobre como vivem no local. Como registro desse processo, Marie Combette, integrante do time da obra, nos presenteou com o desenho abaixo, no qual mapeou todas as conexões e saberes que estavam incluídos no ato de construir. A imagem demonstra os percursos diários feitos para construir e os caminhos para irmos em busca dos conhecimentos existentes. Percebe-se pelo desenho que a Casa não está centralizada como um fim, mas



Figura 47: A Casa de Jajja construída em 2020. fonte: Thais Viyuela.

como faz parte de um enredamento dessa comunidade pré-existente e apenas pode ser construída pelo reconhecimento do que já existe, do que já se pratica e vive.

Pós- construção

Em março de 2020, ao final da construção, a psicóloga brasileira Elisa Pires preparou uma dinâmica de grupo com as mulheres participantes da obra, locais e estrangeiras, para refletirmos juntas sobre como esse processo nos impactou e nos transformou. Ela facilitou uma dinâmica de grupo, que iniciamos com um café da manhã coletivo e em seguida nos sentamos em roda a participar dessa oficina com o tema de autoreconhecimento.

A formação do coletivo, foi a esfera inicial que percorremos. Escrevemos em pequenos papéis nossas percepções sobre o time que havia se formado e depois preenchemos uma garrafa de vidro decorada com búzios que carregaria nossas vivências coletivas, como um amuleto daquilo que construímos juntas. Em seguida, fomos à esfera do relacional. Tínhamos elementos naturais como plantas, carvão e areia, com os quais íamos preenchendo os copos de vidro vazios que cada uma possuía, como oferendas, nomeando adjetivos percebidos por suas companheiras em cada mulher. Assim, cada mulher escutou de suas companheiras junto do preenchimento de seus copos e elementos oferecidos como enxergávamos cada uma.

Por fim, fomos à esfera do indivíduo. Tínhamos, cada uma, fotos individuais construindo. A atividade era compartilhar o que víamos nessa mulher da foto e então refletir como esse processo transformou nossa visão de nós mesmas. Esse momento foi um encerramento com a intenção da integração individual e coletiva para que iniciássemos a incorporação do que foi vivido e reconhecemos o que havíamos experienciado. Ao fim, festejamos em uma união comunitária — envolvendo a comunidade, os vizinhos e vizinhas e toda a equipe da obra — com reza, comida e muita dança.

Desdobramentos

O fechamento deste ensaio se dá com os desdobramentos que decorreram entre março e dezembro de 2020, em São Paulo, após a construção da casa de jajja, em Kikajjo, quando caminhamos em direção a novos encontros, como o com María Luisa, A Abuela Cuentacuentos, no México. Todas as constantes conexões descritas ao longo das fases da experiência da Casa de Jajja foram cultivadas e tiveram seus aprendizados e relações comunitárias frutificadas em forma de projetos.

O primeiro desdobramento foi o projeto *A Casa das Mães*, desenvolvido com as mulheres participantes da construção da Casa de Jajja. A iniciativa foi de Tumuhaise Berna, participante da construção, que incitou que colaborássemos novamente para construir uma casa comunitária a todas as mulheres locais que participaram



Figura 48: Construtoras da Casa de Jajja em 2020. Fonte: Thaís Viyuela.

da obra: Tumuhaise Berna, Namboole Janet, Nabitiko Rose, Fatumah, Thais Viyuela, Luiza Tripoli, Athena Preen e Marie Combette. As casas seriam construídas para essas mulheres de Uganda morarem, que são 4 jovens mães solteiras de 25 a 35 anos.

Desenhamos uma casa coletiva com todas presentes, uma moradia comunitária, incluindo espaços produtivos e de cuidado coletivo, visando a eficiência para executar as atividades diárias em espaços compartilhados. Como tínhamos tido a referência prática e recente do processo de construção da Casa de Jajja, no qual todos os desafios foram vividos e superados coletivamente, as percepções estavam muito frescas não apenas sobre como projetar uma casa para atender suas necessidades mas também como gerir o processo de forma a aprender com a experiência passada. Tumuhaise Berna, colocou-se como gestora financeira do projeto e demonstrou numericamente como poderíamos fazer mais com menos.

Ao concluir sua participação no projeto, Richard Kyeyune – jovem construtor e mestre de obras da Casa de Jajja –, retornou a seu dia a dia em meio a pandemia e as demandas que já existiam na comunidade, que ficaram cada vez mais em evidência. Através de consecutivas conversas com Richard, ele me contou que notou como as viúvas de sua comunidade não tinham apoio familiar para além de suas companheiras que estavam na mesma situação. Richard compartilhou sua inquietude sobre a situação de suas

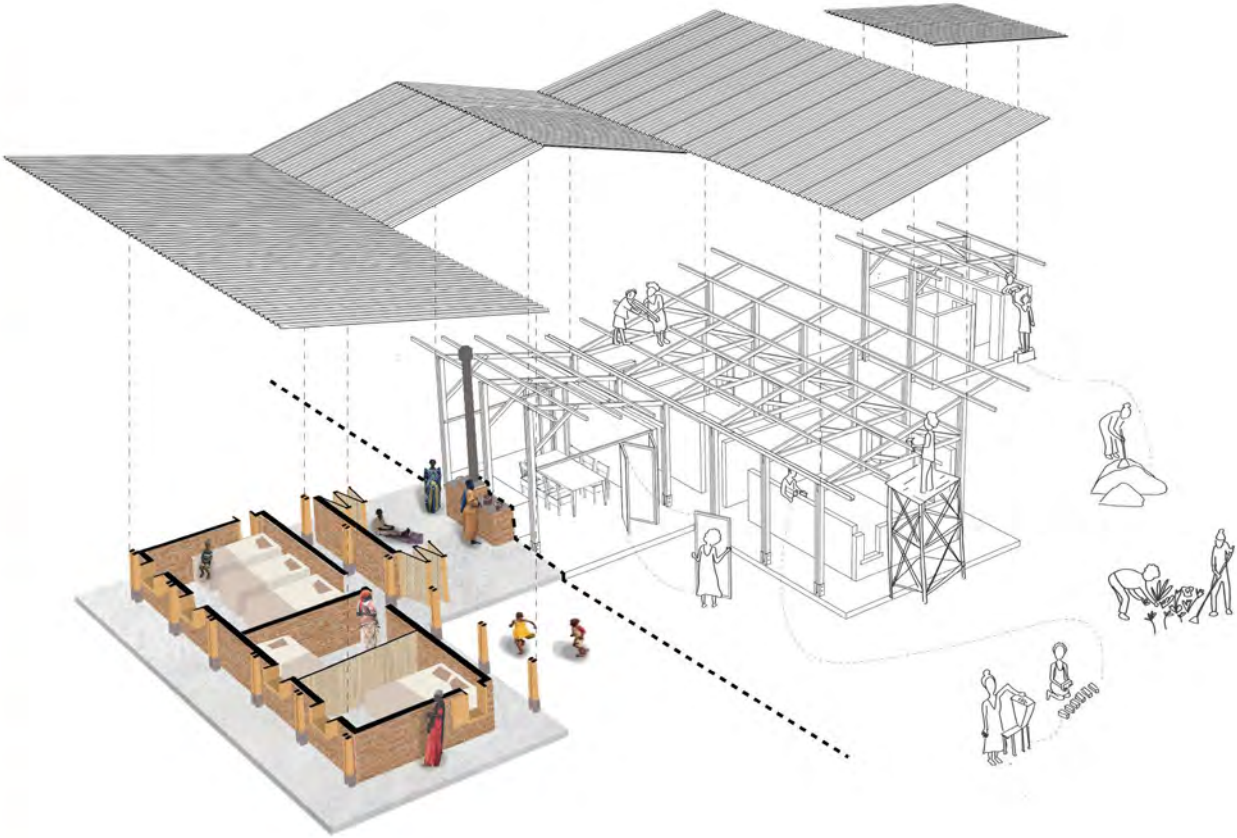


Figura 49: Mulheres que participaram da construção da Casa de Jajja e colaboradoras do projeto A Casa das Mães em 2022. Fonte: foto Thais Viyuela e desenhos Luiza Tripoli.



Figura 50: Investimento e Impacto social da Casa das Mães em 2022. Fonte: Mariana Montag e Luiza Tripoli.



Figura 51: Investimento e Impacto social da Casa das Viúvas em 2022. Fonte: Mariana Montag e Luiza Tripoli.

vizinhas e perguntou-me se poderíamos criar alguma ação que contribuísse com a autonomia dessas mulheres. Como estávamos à distância, ele em Uganda e eu no Brasil, naquele momento, lhe ofereci apoio ao contar-lhe como foi o desenvolvimento do projeto da Casa de Jajja. Ele então organizou uma reunião entre todas as mulheres para conhecerem-se com mais profundidade, contarem suas histórias e discutirem suas necessidades.

Criaram a associação *Widows live today*, envolvendo 40 mulheres e o projeto *A Casa das Viúvas* nasceu. Elencaram que as maiores necessidades eram gerar renda para sustentar as viúvas que já eram idosas, entre 75 e 95 anos, e pagar as escolas das crianças da comunidade. Reconheceram que seus saberes produtivos eram prioritariamente o artesanato e a criação de animais. Como elas já produziam seus próprios alimentos, pois são uma comunidade de agricultoras, o projeto consistiu em criar um espaço cultural espacializado em uma tenda desmontável onde poderiam produzir e vender seus artesanatos e receber as festividades ligadas aos rituais tradicionais. Para isso, organizaram-se em quatro grupos de 10 pessoas e cada grupo iria criar animais diferentes: vacas, cabras, porcos e galinhas. No espaço de eventos e produção de artesanaria serão geradas rendas para contribuir com a vida das senhoras e com a criação de animais que, por sua vez, gerarão a renda para pagar a educação das crianças da comunidade.

Através dos relatos acima, desde o processo de aprendizado com a comunidade e o desabrochar das relações em novos projetos, pude perceber como pensar uma Casa através dos vínculos e saberes comunitários não apenas constrói uma Casa, mas um lar. Além disso, a experiência da Casa de Jajja incitou o desejo de continuar aprendendo com os saberes da experiência e foi o que me levou a começar a pesquisa de mestrado e a ser cada vez mais capaz de unir-me eticamente a times como o da Casa de Jajja.

Depois dessas experiências, em dezembro de 2020 e já com mais consciência de como os processos colaborativos podem ser potentes por meio das conexões humanas, fui ao México em uma deriva pessoal. Ali conheci a Abuela Maricarmen, que me apresentou à Abuela María Luisa, e nos juntamos para desenvolver o projeto de sua casa. Reconhecendo o valor dos encontros para o processo colaborativo, tema no qual iremos nos aprofundar no próximo ensaio, comecei a conexão com María Luisa enxergando o potencial que há em conectar com os saberes constantemente e fazer ponte entre as coisa e então desfrutar com os desabrochares de tamanha abundância.



Figura 52: Integrantes da associação Widows Live Today em 2022. Fonte: Richard Kyeyune

3.3 Permitir que haja encontros

Nos capítulos 1 e 2 pudemos elaborar sobre a construção de mundo de Maricarmen e María Luisa. Através das conexões de Maricarmen, pude compreender melhor a comunidade de Escobilla e o contexto onde a Casa de Abuela Cuentacuentos será construída. Através da trajetória de María Luisa pude me aproximar de sua história e, assim, importantes insights foram acrescentados ao processo de concepção projetual de sua Casa.

Nesta seção, quero iluminar momentos em suas narrativas e compreender o valor de tais momentos para o processo de projeto colaborativo. Os momentos a serem iluminados são os *encontros*. Tenho o objetivo de refletir sobre como essas mulheres, Abuela Maricarmen e Abuela María Luisa, e certamente poderia incluir a Jajja – significando Avó em *luganda*, como mencionei acima –, são geradoras de *encontros* e como esses encontros são etapas importantes para um processo colaborativo.

Discutiremos os encontros em 3 dimensões. A primeira dimensão é permitir que haja *encontros* entre pessoas. Essa dimensão foi iniciada no ensaio *A experiência da Casa de Jajja*, e, devido aos encontros entre pessoas, a construção foi realizada. A segunda dimensão é a permissão do encontro previsto na Profecia: *El Águila, El Cóndor, El Quetzal y el Colibrí, una profecía para nuestros tiempos*, compartilhada por María Luisa no ensaio *Quem são as Abuelas*. Por último, iremos à dimensão do *encontro da dimensão visionária proferida e a realidade, como consideração final*, na qual integraremos

a Profecia com a presente intenção da pesquisa, a construção da Casa de Abuela Cuentacuentos.

Para compreendermos a potência dos encontros entre pessoas, olharemos para as Abuelas como geradoras de espaços de encontro. Para caracterizar esses encontros, terei como base os estudos de Larossa sobre o conceito de “Experiência” [2002].

Para transpor o encontro previsto na Profecia ao processo projetual da Casa de Abuela Cuentacuentos, contarei com a reflexão que faz Fernando Luiz Lara sobre a pedagogia de Paulo Freire como antídoto à hegemonia da abstração.

As Abuelas como geradoras de espaços de encontro:

Há uma maneira comum em como as Abuelas caminham pelo mundo. Elas se relacionam com o entorno de uma forma que suas conexões geram benefícios, dos quais frutos são colhidos. Observo que suas receptividades aos encontros lhes geram diversas oportunidades e elas tecem essas conexões em prol de solucionar demandas coletivas.

Recordo da primeira vez em que conversei com Maricarmen, em fevereiro de 2021, no Mercado Artesanal. Perguntei a ela sobre o que era um dos objetos que ela vendia, os Ovos Yoni - cristais com propriedades energéticas e terapêuticas para fortalecer os músculos vaginais e fazer limpeza

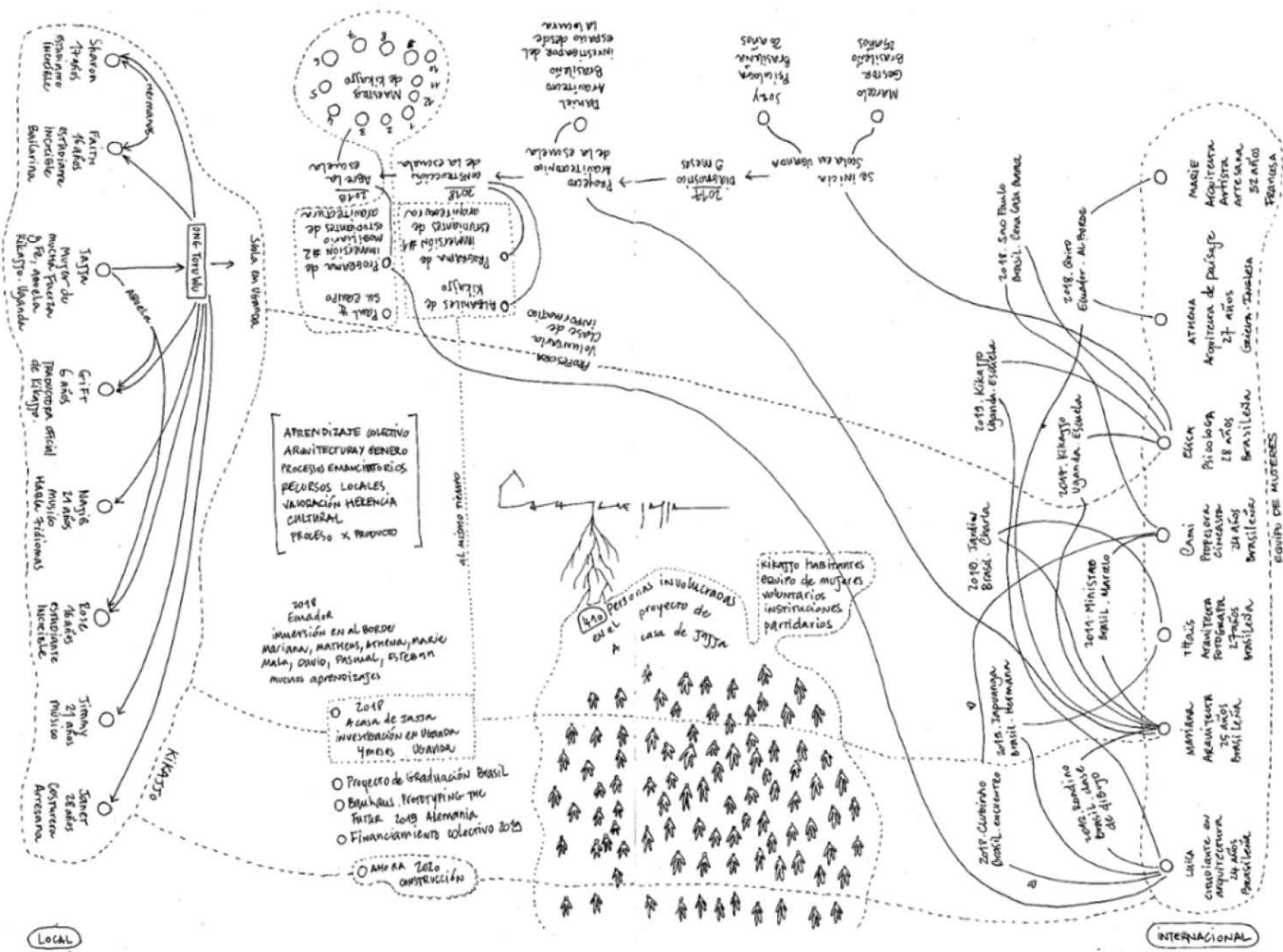


Figura 53: Infográfico do ‘Encontro’ da Casa de Jajja. Fonte: Marie Combette em 15/01/2020.

energética na região uterina. Ao responder-me, a conversa se desdobrou em um convite para participar de seu ‘Temazcal’. A minha consecutiva ida aos ‘Temazcais’ de Maricarmen, ao longo do mês de abril de 2021, teve como uma de suas consequências o encontro com María Luisa e a demanda de construir sua Casa. A construção da Casa de Abuela Cuentacuentos é uma extensão do projeto inicial de Abuela Maricarmen, em criar um espaço de resgate da Cultura Tradicional Nahuátl.

Percebo que elas, como o exemplo de Maricarmen, estão abertas ao que Larossa chama de *Experiência*:

[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LAROSSA, 2002, p.21).

Todos os domingos nos quais estive em Mazunte, México, entre os meses de fevereiro a abril de 2021, a Abuela Maricarmen comparecia ao Mercado Artesanal de Mazunte para compartilhar elementos de cura da Cultura Tradicional Indígena. Perguntei a ela, em um dos encontros no Mercado Artesanal, o porquê ela estar ali todos os domingos. Ela respondeu que, através daqueles encontros que o espaço proporciona, ela aprende a como estar eticamente a serviço das pessoas que vêm a ela buscar ajuda. Para a abuela, é no ato de servir que é possível se observar e se conhecer melhor. Sua resposta me fez

refletir sobre o estado do sujeito que vive a experiência:

{...} requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LAROSSA, 2002, p.24).

Assim, passo a enxergar as Abuelas como geradoras do lugar da experiência, e, ao permitirem que as pessoas adentrem seu íntimo através de suas histórias e sabedorias, tornam-se também seus próprios lugares de encontro. Como lugares de encontro, elas compartilham com sua presença, sem impor, mas como convite às pessoas a permitirem-se viver o encontro, a experiência. Como contribui Larrosa:

O sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como

uma abertura essencial. [...] Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (LAROSSA, 2002, p.24)

Concluo que observar as Abuelas com sua forma de caminhar no mundo, em diálogo com o estado de espírito descrito acima por Larossa, permite-nos compreendermos de que forma elas geram tais encontros e os tecem através da autoescuta e da permissão que as pessoas incutidas nos encontros manifestassem conjuntamente suas intenções.

Os encontros como etapa de um processo colaborativo

Convido agora para que reflitamos sobre os significados de encontro de acordo com o que a Profecia *El Águila, El Cóndor, El Quetzal y el Colibrí, una profecía para nuestros tiempos* compartilha:

La profecía, reúne lo individuo con la comunidad, de esta forma podemos considerar al águila y el cóndor como dos aves individuales que aúnen sus esfuerzos. Podemos verlos cómo se unen sobre la base de individualidades, que avanzan hacia una vida conjunta, como familia o como compañeros en el trabajo. También podemos verlos como parte de esta comunidad más grande, que tiene dos lados y dónde se reúnen el lado que entiende la ciencia del mundo, la tecnología la industria y la innovación con

el lado que comprende el alma humana, nuestra conexión con la naturaleza y la tierra misma y de esta forma, podemos saber cómo avanzar hacia una forma de vida saludable y en paz. (GRIJALVA, 2021, n.p).

Nesse sentido, retomo a percepção de a Academia como uma manifestação dos povos Águia, que se apoia principalmente nas análises racionais para explicar os processos da vida. Enquanto os povos Cóndor, manifestados pelos saberes das Abuelas, exercem prioritariamente a intuição e a criatividade, gerando processos colaborativos por natureza. Sendo assim, para aprender com mais profundidade sobre o conhecimento das Abuelas e permitir que esse encontro proferido aconteça, é necessário compreender quais os obstáculos precisam ser atravessados para que essa aprendizagem aconteça. Com o objetivo de relacionar o processo de aprendizagem com as Abuelas e o processo projetual, convocarei os estudos de Fernando Luiz Lara sobre a obra de Paulo Freire. Lara problematiza:

É de se imaginar que a monumental obra de Paulo Freire tenha influenciado o campo do conhecimento da arquitetura e do urbanismo, afinal de contas somos em sua maioria desenhadores e educadores ao mesmo tempo. Mas não é exatamente o caso. Uma busca detalhada por Paulo Freire nos periódicos de arquitetura revela que o nosso campo não responde a sua obra na mesma magnitude que as humanidades em geral.(LARA, 2021, p. 2)

E se arrisca propondo que:

[...] Paulo Freire não tem entre os arquitetos e urbanistas a mesma penetração que alcançou em outros campos do conhecimento porque sua principal contribuição para o mundo das ideias passa por relativizar a hegemonia da abstração através da valorização da concretude, algo que fere de morte o mito do arquiteto moderno manipulador de espaços abstratos. (LARA, 2021, p.2).

No discurso de Lara revela-se a ação manipuladora por parte dos arquitetos, assim como na Profecia, sobre a lógica de operação dos Povos Águia. Depara-se com uma ação que vai na contramão do que se deseja para o processo de concepção da Casa de Abuela Cuentacuentos, que não tem o objetivo de imperar ou controlar, mas sim de aprender e colaborar, no sentido de partilha. Lara menciona também a abstração dos espaços criados pela ação dominadora dos arquitetos e explica as causas pelas quais a abstração pode qualificar o arquiteto moderno como um agente manipulador:

A história nos ensina que a abstração – e mais especificamente a abstração espacial – é uma das principais raízes da desigualdade social, racismo, esgotamento de recursos naturais e mudanças climáticas. O processo de modernização desencadeado pelos eventos de 1492 (a Reconquista espanhola e a primeira viagem de Colombo através do Atlântico) contou com graus cada vez mais elevados de abstração espacial. (LARA, 2002, p.3).

Podemos encontrar uma percepção similar sobre as consequências da ação

da abstração, conforme explicado por Lara, com o que conta a profecia sobre os atitude imperativa dos Povos Águia:

Luego en el quinto Pachacuti, en el Quinto Sol, se encontrarían y el águila sería tan fuerte que prácticamente conduciría al cóndor a la extinción. Pero no del todo y bien sabemos que luego de Cristóbal Colón esto es lo que ha ocurrido en muchos continentes. (GRIJALVA, 2021,n.p).

Tendo a abstração espacial como ferramenta de desigualdade desde o século XVI, a arquitetura encontra-se profundamente enraizada nesse processo, gerando o que Lara chama de “hegemonia da abstração”. Sobre as qualidades das relações espaciais geradas pela hegemonia da abstração, descreve:

Wilhelm Worringer definiu a abstração como o oposto da empatia, no contexto do surgimento da arte de vanguarda. Para Worringer, ou você usa os processos superiores de abstração ou desenvolve empatia. Ecoando os escritos de René Descartes de três séculos antes, Worringer enfatizou que as emoções e o cuidado não pertencem aos domínios do conhecimento, justificando a exclusão destes e a hegemonia da abstração. (LARA, 2002, p.4).

A partir dessas definições, é possível identificar como as qualidades espaciais descritas acima encontram uma paralelo com os danos causados pela lógica dos Povos Águia na profecia:

‘Hemos superado la revolución tecnológica y seguimos avanzando en esa área, pero al mismo tiempo estamos en proceso de crear una economía de la muerte, una economía basada en la guerra, que además esquilma y saqué a la madre tierra y destruye sus recursos. Cuando observamos el daño causado, nuestro lado cóndor nos advierte que nuestros corazones sabemos que no podemos continuar con esto. Es el momento de cambiar, es tiempo de crear una economía de la vida. (GRIJALVA, 2021,n.p).

As relações espaciais fundamentadas no processo de projeto da “hegemonia da abstração” não fazem parte dos objetivos do espaço a ser construído na Casa de Abuela Cuentacuentos. O processo de projeto da Casa de María Luisa se insere na mudança ensejada pela profecia e busca formas de permitir-se fazer parte do encontro previsto pela mesma.

Sendo assim, busca-se uma outra forma de conceber o projeto. Essa forma, que discuto aqui, é a reflexão do encontro como etapa essencial para um projeto colaborativo e um possível antídoto à “hegemonia da abstração”.

Uma vez desvinculados de quaisquer relações espaciais anteriores, nossa pedagogia de atelier os ensina a dominar a abstração, quase sempre descartando qualquer contexto ou conteúdo do lugar para manipular apenas a geometria. Mapas não registram a vida da comunidade. Topografias não contam a história da terra. Planos e seções

são narrativas arbitrárias que impõem comportamentos às pessoas. Esse é o poder da arquitetura como ferramenta de transformação que poderia ser usada para imaginar um mundo melhor, mas 95% das vezes é usada para reforçar o status quo. (LARA, 2002, p. 4).

O trabalho de campo, parte da metodologia clínica, desenvolvido neste trabalho, é um exemplo do encontro como etapa essencial ao projeto colaborativo. Minha estadia no México de fevereiro a maio de 2021 fez com que eu encontrasse a Abuela Maricarmen, conhecesse o contexto de Escobilla, e então encontrasse María Luisa e sua história de vida, e, assim, ter a oportunidade de desenvolver o projeto de sua Casa. A Abuela Cuentacuentos compartilhou a profecia em Julho de 2021, posteriormente ao trabalho de campo, e me fez compreender, muito mais claramente, a importância do encontro para um processo de colaboração

O encontro da dimensão visionária proferida e a realidade

Para concluir, acrescentarei ainda uma terceira dimensão à percepção dos encontros. O encontro da dimensão visionária com a realidade. A Profecia diz:

Sin embargo el quinto Pachacuti crearía un portal para que el águila y El cóndor pudiesen volar juntos en un solo cielo, para unirse y dar lugar a una nueva cría, una conciencia humana superior. Algunos

dicen que esta cría está representada por el quetzal de Centroamérica, el ave Maya qué simboliza la unión del corazón y la mente, del arte y la ciencia, de lo masculino y lo femenino. (GRIJALVA, 2021,s.p).

Sendo assim, desejo pontuar duas questões:

Em primeiro lugar, defenderemos a ideia de a arquitetura que serve à experiência de pessoas como as Abuelas, geradoras de espaços de encontros, pode ser um antídoto à abstração com base no que Lara explica sobre o “processo participativo”:

‘Esse processo participativo, quando implementado, empurra o arquiteto para fora da posição central que pensamos ter. Como escreveu Giancarlo de Carlo, “a participação destrói os privilégios misteriosos da especialização, desvenda o segredo profissional, desnuda a incompetência, multiplica responsabilidades e as converte do privado em social (LARA, 2021, pg.5).

Em segundo lugar, trata-se de entender que a Profecia projeta algo que acontecerá e o projeto da Casa da Abuela está em processo. Assim como a arquitetura tem potencial de ser uma ferramenta de transformação (LARA, 2021), a experiência também (LAROSSA, 2002), e quando a arquitetura serve à experiência, tem a chance de romper com a abstração e participar de realizações colaborativas. Sendo assim, o enxergo como parte da profecia, afinal – é a Casa de María Luisa, com a qual

estou aprendendo a colaborar, quem compartilhou a profecia.

Chegamos ao fim do capítulo 3, no qual desenvolvemos a quarta etapa da metodologia clínica. Tal etapa consiste em retomar as documentações sobre a realidade com a qual se aprendeu e interpretá-la a partir de conceitos extraídos da própria situação (ARDALAN, 2008).

No ensaio *Quem são as Abuelas*, pudemos compreender com mais profundidade o papel das Abuelas, demonstrado pela Profecia compartilhada por María Luisa. A Profecia *El Águila, El Cóndor, El Quetzal y el Colibrí, una profecía para nuestros tiempos* transformou-se em uma visão muito importante para o presente trabalho, para compreender as distintas lógicas dos Povos Águia e Cóndor, e como as diferentes lógicas podem criar conjuntamente, como sugere a Profecia que irá acontecer.

A visão proferida é de que os diferentes povos irão aprender a colaborar. Enquanto o Povo Águia, desenvolveu prioritariamente o potencial racional, e científico, o Povo Cóndor, tem uma maior compreensão da alma humana, da conexão com a natureza. São potenciais trabalhados de maneira diferentes mas que, se há a compreensão de que coexistem e de que uma lógica não deve se sobrepor a outra, podem formar um coletivo que sabe colaborar. Compreende-se que a colaboração é um valor natural do Povo Cóndor, sendo assim, os povos com tal conhecimento têm maior facilidade de guiar o Povo

Águia em formas de se relacionar para um objetivo comum. Assim como deseja-se neste trabalho, que visa aprender com a Abuela María Luisa a como colaborar no projeto de sua Casa.

No ensaio *A experiência da Casa de Jajja* pudemos acompanhar a descrição das fases que compuseram essa experiência. Enxergo essa narrativa como um exemplo prático dos encontros que acontecem quando pessoas de lógicas diferentes desejam fazer algo juntas. Foram narradas consecutivos encontros que geraram conexões e que resultaram em colaboração.

Outro ponto importante sobre esse ensaio é o que se resulta quando a colaboração acontece. Quando a colaboração é o eixo das relações, os resultados, como mostra a experiência da Casa de Jajja, superam os objetivos iniciais. Quando uma Casa é desenvolvida reconhecendo os vínculos e saberes comunitários não apenas se constrói uma Casa, mas um lar, e um coletivo potente.

No ensaio *Permitir que haja encontros*, reconheceu-se de onde vêm essa sabedoria dos encontros, exemplificada pelo ensaio da Experiência da Casa de Jajja e esclarecida pela Profecia. Essa sabedoria compartilhada pelas Abuelas, sobre a importância dos encontros, foi abordada em duas dimensões.

A primeira dimensão considera as Abuelas como geradoras do encontro entre pessoas e a potência que esse encontro pode ter, gerando experiências como a da Casa de Jajja. A segunda

dimensão reconhece os encontros como etapa essencial para um projeto colaborativo, contemplada em alto e bom tom pelo encontro projetado pela Profecia.

Por último, será experienciado um conteúdo audiovisual da *Parte 2* deste trabalho. Neste conteúdo,foi acrescentada mais uma dimensão aos encontros, que os interpreta como o encontro daquilo que é profetizado – a colaboração dos Povos – com a realidade da pesquisa: a concepção do projeto da Casa de Abuela Cuentacuentos.

Parte 2

Fala a Comunidade
Totonaca

Parte 2

Fala a Comunidade Totonaca

A Parte 2 volta a atenção para uma narrativa audiovisual, baseada em roteiro produzido por Maria Luisa Rivera Grijalva, a Abuela Cuentacuentos

A justificativa para a inclusão do material neste formato está no que acreditamos, em linha com Iseke (c2014), ser a validade da contação de estórias indígenas como pesquisa. Em seu trabalho “Indigenous Storytelling as Research”, já citado anteriormente, Judy Iseke sustenta que esta prática, presente nas culturas indígenas, “sustenta comunidades, valida experiências e epistemologias, expressa experiências de povos indígenas e nutre relações e o compartilhamento de conhecimento”(Iseke, c2014, p, 559). Neste sentido, optamos por incluir este vídeo não apenas como parte da documentação, um anexo sujeito à interpretação da pesquisadora, mas como parte da argumentação do trabalho, em seu formato audiovisual. Procuramos assim atribuir o devido lugar de fala da Comunidade Totonaca, por meio de sua legítima representante, a Abuela María Luisa. Como já discutimos acima, o conceito do lugar de fala refere-se à busca pelo fim da mediação: “a pessoa que sofre preconceito fala por si, como protagonista da própria luta e movimento” (BORGES, 2017, n.p).

Deixamos portanto, conforme a vontade da Abuela María Luisa, que sua voz seja disseminada e toque a cada leitora e

leitor deste trabalho de modo que não é possível de se prever. Por outro lado, destacamos alguns pontos que nos pareceram particularmente relevantes a este trabalho. Em primeiro lugar, a presença da protagonista como parte essencial da narrativa. Uma mulher indígena, de cabelos longos e grisalhos, de voz firme, intensa, segura e que olha nos olhos do espectador. Ao posicionar-se desta maneira, desafia os moldes tradicionais atribuídos ao gênero e à etnia, que esperam, de mulheres e povos marginalizados, uma atitude de deferência ao adentrar o mundo masculino, branco e dominante. Em segundo lugar, o discurso culto, manejando referências contemporâneas e articulando-as às referências tradicionais Totonacas, de um modo que se refere a valores universais, desafiando a expectativa da linguagem folclórica, mística ou ingênua com que estes povos em geral são representados nas representações produzidas pelos povos do Norte Global.

Outros dois aspectos nos chamam a atenção: a importância e necessidade de um local físico, arquitetônico, em que o trabalho de educação, cultura e cura promovido pelas abuelas possa ser exercido, possa ter continuidade. A nosso ver, este seria o ponto em que as duas forças da profecia narrada pela Abuela María Luisa convergem, visão e matéria; intuição e técnica; Abuelas e arquitetas; conhecimento indígena

tradicional e conhecimento científico tecnológico.

O roteiro foi desenvolvido por Maria Luisa Rivera Grijalva, as imagens captadas por Denisse Amairany Mejia González, Luiza Tripoli e Mariana Montag, e edição foi realizada por Luísa Marinho.

[Clique aqui para acessar o vídeo](#)

*Interlocuções entre
a Comunidade
Acadêmica e
a Comunidade
Totonaca*

Parte 3

Interlocuções entre a Comunidade Acadêmica e a Comunidade Totonaca

Chegamos à Parte 3 com a intenção de que possamos acompanhar como foi o processo de construção e apropriação de María Luisa de sua Casa. Permeando essa intenção, há também a compreensão da virtude que a “arquitetura como processo” (LOTUFO, 2014) proporciona e requer: a paciência. Assim como uma Casa, estamos também construindo este texto desde a fundação e raiz ao desejo em ver a criação livre, a Casa ocupada e repleta de vida. Começamos na Parte 1, no capítulo 1, acompanhadas pela brisa do oceano pacífico no vilarejo de Mazunte e Escobilla, Oaxaca, México, a contar-lhes sobre o mundo de Abuela Maricarmen, a pessoa que possibilitou o vínculo com a Abuela María Luísa. No capítulo 2, mergulhamos no mundo dos contos com a Abuela María Luisa e aprendemos com a força da comunidade urbana de Iztapalapa que autoconstruiu seu bairro na periferia da Cidade do México. No capítulo 3, sobrepusemos os aprendizados do mundo das Abuelas com referências e experiências passadas e presentes, com o objetivo de chegarmos à terceira e última parte do processo instrumentalizadas para projetar A Casa de Abuela Cuentacuentos.

A Casa

Em junho de 2019, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie, em São Paulo, apresentei como trabalho final de graduação “A Casa de Jajja: moradias autoconstruídas para mulheres em zonas rurais”. Ao lado de Jajja Nannono Imaculate, líder comunitária da comunidade de Kikajjo, Kampala, Uganda,

trabalhamos para desenvolver sua casa de acordo com seus ritos diários e de modo com que o canteiro de obras contribuisse com a comunidade. Em janeiro de 2020 começamos a construção da Casa de Jajja, fase que durou 6 semanas e serviu como oficina de formação para as mulheres locais. O processo de construção incluiu 6 colaboradoras estrangeiras e 13 moradoras da comunidade, sendo 2 carpinteiras, 4 profissionais da construção civil e 7 aprendizes. Em agosto de 2020, esta pesquisa de mestrado iniciou-se pelo desejo de expandir o conhecimento iniciado no trabalho de campo desenvolvido em Uganda.

Antes de que o relato da ação projetual solicite a mudança de narrativa, do texto aos desenhos, desejo compartilhar informações estruturantes do projeto. A presente pesquisa prática tem como intenção continuar a experiência vivida, aprendendo com comunidades ao redor do globo. Por essa visão, criamos A Casa¹, uma organização que abraça as casas das mulheres que temos a honra de servir. Assim nos apresentamos:

Por que fazemos?

Há pessoas que carregam um conhecimento ancestral — baseado em vivências, crenças, espiritualidade e respeito à natureza —, que elas partilham com suas comunidades. É na partilha desse conhecimento que podemos sentir a terra que elas transformam em lar e aprender com as suas histórias. Nessa busca, o que as mulheres em zonas rurais podem

nos ensinar sobre como conceber o habitat?

O que fazemos?

Temos a arquitetura como ferramenta de reconhecimento acerca de tudo aquilo que nos incita a curiosidade, nossa mais pura forma de trabalhar. Buscamos imergir em comunidades do mundo e, fazendo do afeto nossa principal metodologia, nos conectamos às mulheres de zonas rurais, suas comunidades e aos seus saberes para, juntas, desenvolvermos moradias autoconstruídas para elas e suas comunidades. Temos como propósito o cultivo, a valorização e a disseminação do conhecimento dessas sábias mulheres para futuras gerações.

Como fazemos?

Presenciamos, absorvemos, estudamos, sistematizamos, criamos e produzimos, sempre respeitando e priorizando aquilo que é natural. Assim sendo, como arquitetas gestoras, ocupamos três lugares:

- A imersão e a ponte;
- O desenho e o processo;
- A pesquisa e a comunicação;

A Casa é liderada pelas arquitetas brasileiras Mariana Montag Ferreira e Luiza Tripoli. Como conselheiras, temos a organização de advogadas de Uganda Barefoot Law, o instituto de educação Agali Awamu, a engenheira Sasquia Obata, a arquiteta e educadora Ana Gabriela Godinho Lima e o bioconstrutor Tomaz Lotufo.

No Projeto da Casa de María Luisa os papéis se distribuíram da seguinte forma: Mariana Montag foi responsável por A imersão e a ponte e A pesquisa e comunicação, enquanto Luiza Tripoli desenvolveu O desenho e o processo. Como colaboradoras durante o processo somou-se a arquiteta Thais Viyuela e as estudantes Bianca Naylor e Luisa Marinho. Como consultor local, Catalino Martinez Arango nos acompanha.

Na Parte 3 compartilharemos o desdobramento do processo que se iniciou como deriva intuitiva até o projeto arquitetônico e construção, e, então, iremos testar a validade deste processo em ação projetual. O caminhar da concepção da Casa de Jajja serviu de bagagem para averiguar o valor da metodologia praticada e o quão replicável ela pode ser. Apresentaremos o passo a passo do processo de concepção da Casa de Abuela Cuentacuentos, desde as trocas com María Luisa e sua comunidade — em busca de traduzir a subjetividade em projeto —, até os desafios de pré-dimensionamento estrutural e os comprometidos aprimoramentos. Esta parte divide-se em dois capítulos: o primeiro – *O trabalho de campo* – desenvolve e relata o trabalho de campo e aprendizados locais e o segundo – *O projeto* – compartilha a tradução dos aprendizados em projeto arquitetônico.

O projeto será construído nas terras de Escobilla, Oaxaca, México, em terreno vizinho à casa de Abuela Maricarmen.

¹ Cf: ACASA. About A casa. acasa.casa.org, c2022. Disponível online em < acasaorg.com>. Acesso em: 26/12/2021



Figura 54: Processo construtivo da Casa de Jajja em 20/04/2020. Fotografia de Thais Viyuela. Fonte: Mariana Montag.

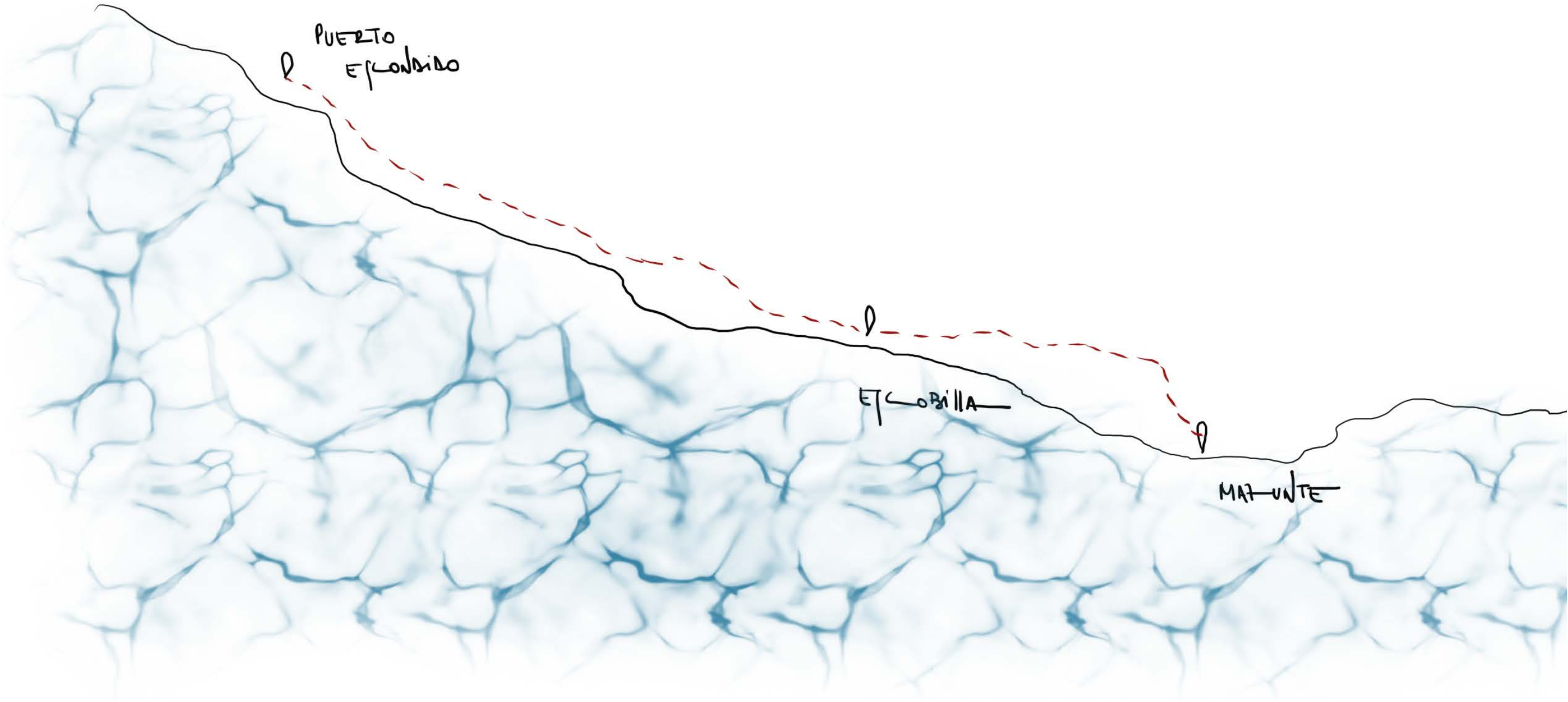


Figura 55: Mapa do trajeto de Mazunte a Escobilla a Puerto Escondido, Oaxaca. Desenho de Mariana Montag. Fonte: Mariana Montag.

Esta parte da pesquisa possui uma linha do tempo, um material complementar com o objetivo de orientar e integrar o trabalho. O produto foi desenhado pela Arquiteta e Artista Natasha Rojas Kirst e dispõe os acontecimentos em uma cronologia, ilustrando-os de acordo com as seguintes camadas:

- 1. Estado de Espírito, que são três: integração, expansão e contração. Referem-se à percepção de como cada momento foi vivido e absorvido e como o conteúdo ressoa de acordo com o estado de espírito.
- 2. Método, para identificarmos qual etapa do método clínico está sendo trabalhada.
- 3. Ficha técnica, contendo os dados de cada parte do processo.
- 4. Imagens e comentários, documentando os valores invisíveis. Nessa camada, foram tecidas, reunidas e sistematizadas as citações das pessoas que inspiram o trabalho e as reflexões sobre a atmosfera do momento.
- 5. Os registros pessoais.

A imagem da próxima página é uma versão sintética da Linha do Tempo. A versão completa encontra-se na seção Anexos desta pesquisa.

O Processo de concepção da Casa de Abuela Cuentacuentos

Chegamos ao momento em que veremos a matéria-prima cultivada nas duas primeiras partes sendo cuidadosamente lapidadas pelas devidas ferramentas para comporem a construção da Casa de Abuela Cuentacuentos. A terceira parte desta dissertação é a etapa da metodologia clínica, que torna possível considerar o processo percorrido como forma válida de construção de conhecimento acadêmico, ainda que diferente da *metodologia científica*. Como explica Kavous Ardalan:

A próxima etapa da pesquisa é testar a validade da teoria, trazendo a dúvida sistemática para as explicações e temas. Em outras palavras, o cientista clínico testa se as explicações produzidas a partir da situação fazem sentido para as pessoas que nela se encontram. Isto é diametralmente diferente da metodologia científica, já que o cientista que aplica a metodologia científica deixa a situação com os dados. Muitas vezes, as estatísticas coletadas são testadas através de técnicas estatísticas matemáticas para trazer dúvidas sistemáticas (2008, p.43).

Com isso em vista, tal metodologia foi entendida como a mais adequada para ser aplicada neste mestrado na área da Arquitetura e urbanismo visando desenvolver o projeto da Casa de María Luisa e, partindo da experiência com esse caso, defende-se que o método

clínico pode ser uma ferramenta eficiente para o desenvolvimento de projetos. Testamos a validade do processo através de exercício projetual em coparticipação com María Luisa, sua família e demais pessoas da comunidade bem como profissionais da área. O próprio processo de concepção do projeto trouxe outros sentidos para a pesquisa, como veremos mais adiante. Em síntese, sobre a adoção da metodologia clínica nesta pesquisa, retomamos Ardalan:

Em contraste, o cientista clínico volta à situação pesquisada para testar a teoria. A base do teste é se a teoria estiver correta, então ela deve fazer sentido para as pessoas na situação. Isto pode ser conduzido pedindo aos membros da situação que comentem sobre a explicação, e que a refinem ou corrijam onde quer que ela tenha uma deficiência, ou esteja errada. É somente após o processo de dar aos membros da situação uma oportunidade de rejeitar a teoria, visão ou explicação, que o cientista clínico pode reivindicá-la como conhecimento. Não é necessário que as explicações do cientista clínico sejam consistentes com a compreensão de senso comum dos membros na situação (2008, p.43).

Em abril de 2021, após a primeira conversa com María Luisa, realizada por vídeo enquanto eu estava no Mercado Artesanal de Mazunte e ela na Cidade do México, a Abuela compartilhou algumas de suas visões e desejos para sua Casa. Nessa primeira conversa ela expressou que nesse estágio de sua vida queria sua morada

próxima ao Mar e próxima às suas irmãs, as Abuelas, para juntas potencializarem o trabalho sobre o resgate das culturas ancestrais já iniciado por Abuela Maricarmen, vizinha do terreno de María Luisa onde será construída a Casa. Dizia que desejava um projeto bom, bonito e barato, utilizando técnicas que contemplassem o cuidado com Tonantzin Tlalli Coatlicue, a Mãe Terra na cultura Totonaca. Combinamos de ver quais eram as possibilidades de nos encontrarmos, na Cidade do México ou em Escobilla, e que, enquanto isso não acontecesse, eu faria os levantamentos técnicos, reconhecendo o local. Como nas duas primeiras partes da pesquisa navegamos absorvendo e documentando, comunicando com uma linguagem guiada por essa percepção, nesta parte iremos à objetividade do projeto, e assim se transformará também a linguagem.

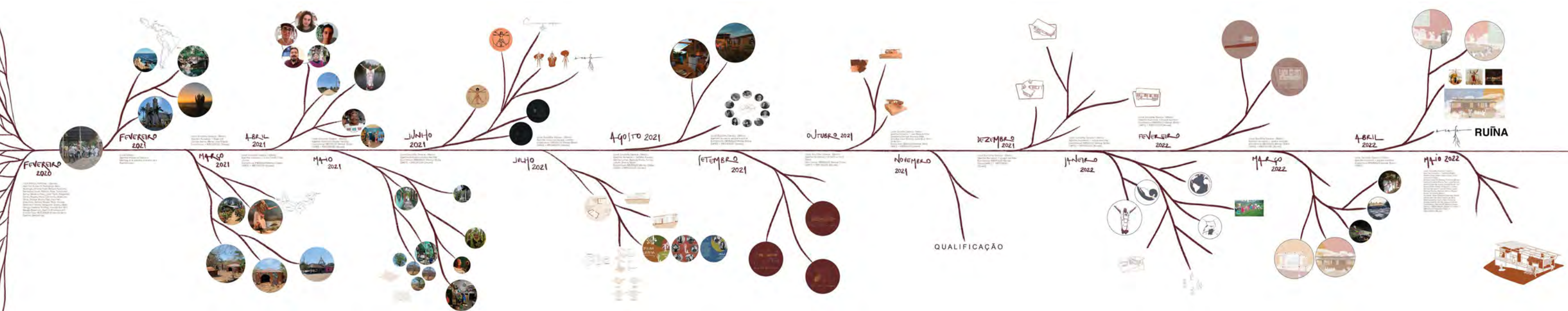


Figura 56: Linha do tempo imagética do processo de concepção da Casa de Abuela Cuentacuentos.
 Fonte: Natasha Rojas Kirst.

Capítulo 01

O trabalho de campo

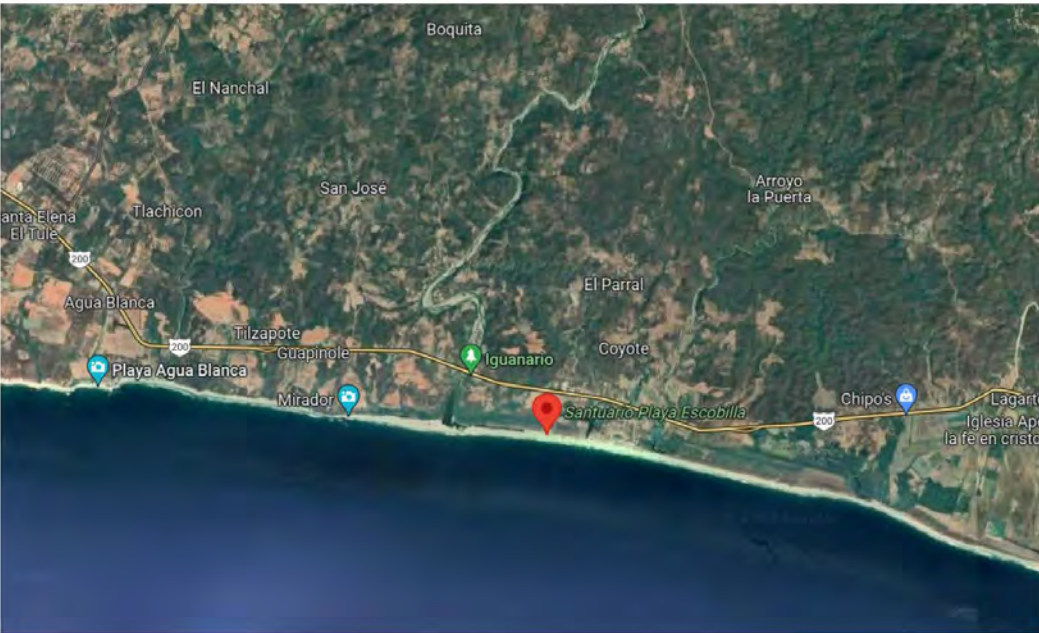
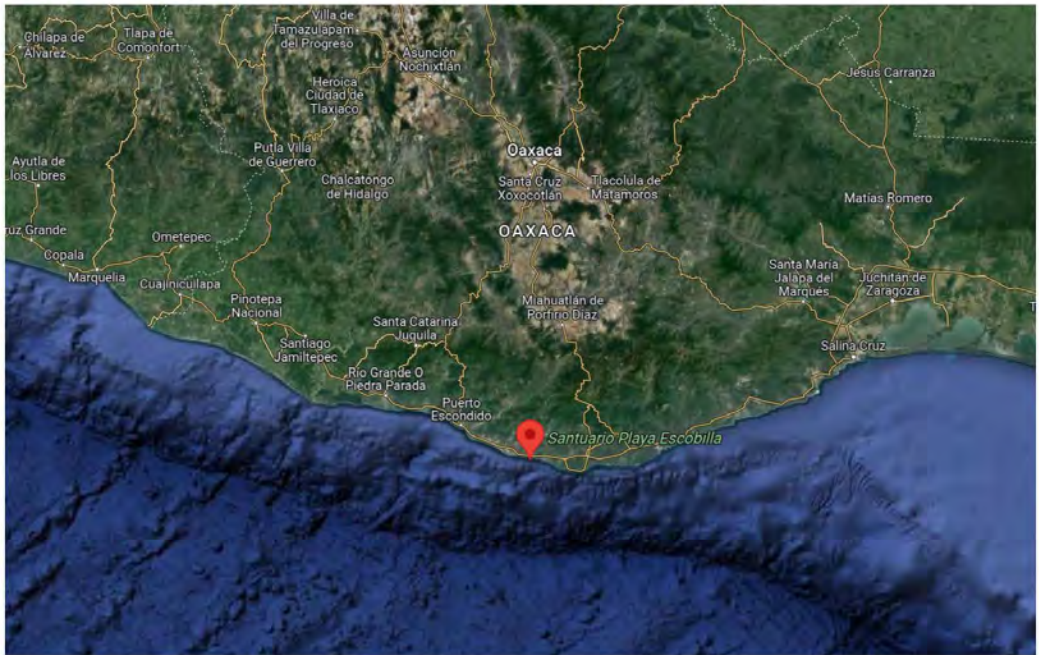


Figura 57/ 58: Localização de Escobilla. Fonte: INEGI, c2022. Disponível online em< <https://www.inegi.org.mx/app/mapa/espaciocoydatos/default.aspx?ag=20>>. Acessado em: 17/05/2022.

Escobilla

Para atender ao desejo de Maria Luísa em colaborar da melhor maneira com a Mãe Terra, aprofundamos nas técnicas vernaculares. Mas, simultaneamente, realizamos uma pesquisa teórica para ajudar na compreensão do que foi observado da cultura construtiva local. Assim sendo, vamos ao reconhecimento do bioclima, o ambiente construído e as infraestruturas de Escobilla.

O vilarejo pertence ao município de Santa María Tonameca, na costa de Oaxaca, localizado entre as coordenadas geográficas 15° 45' de latitude norte e 96° 33' de longitude oeste. Sua distância aproximada da capital do estado de Oaxaca é de 268 quilômetros. O vilarejo tem um clima quente-subúmido com chuvas muito frequentes durante todo o verão. Sua população é composta por 10.958 mulheres, representando 51,64%, e 10.265 são homens, representando 48,36%, o que dá um total de 21.223 habitantes (INEGI, 2005).

A principal atividade econômica de Escobilla é a agricultura. O plantio familiar do milho é o principal no local, além do trigo, leite e ovos. A fonte de abastecimento de água do local são os poços artesanais. Não há rede pública de drenagem nem sistema de tratamento de resíduos e de recolhimento de lixo. O abastecimento de eletricidade pública existe, mas abastece menos da metade das casas da região, gerando uma carência de

serviços públicos para a integridade da comunidade. (INEGI, 2005).

A comunidade tem 4496 habitações, das quais 79,7% têm telhados de lata; 79,7% das habitações têm telhados de estanho ou outros materiais que não o concreto, com predominância de paredes de tijolo (46%), com 46% e 2358 têm pisos de cimento que não terra, representando 52,4% (INEGI, 2005).

Viviendas	Total
Particulares ^{b/}	163
Habitadas ^{b/}	112
Particulares habitadas ^{b/}	112
Particulares no habitadas ^{a/}	18
Con recubrimiento de piso ^{b/}	99
Con energía eléctrica ^{b/}	108
Con agua entubada ^{b/}	110
Con drenaje ^{b/}	79
Con servicio sanitario ^{b/}	78
Con 3 o más ocupantes por cuarto ^{a/}	16

Fecha de actualización: ^{a/}2010
^{b/}2020
Fuente(s):
Censos y Conteos de Población y Vivienda 2010
Censos y Conteos de Población y Vivienda 2020

Figura 59: Caracterização das moradias em Escobilla pelo INEGI. Fonte: INEGI. Disponível online em <<https://www.inegi.org.mx/app/areasgeograficas/?ag=20#collapse-Resumen>>. Acesso em: 17/05/2022.

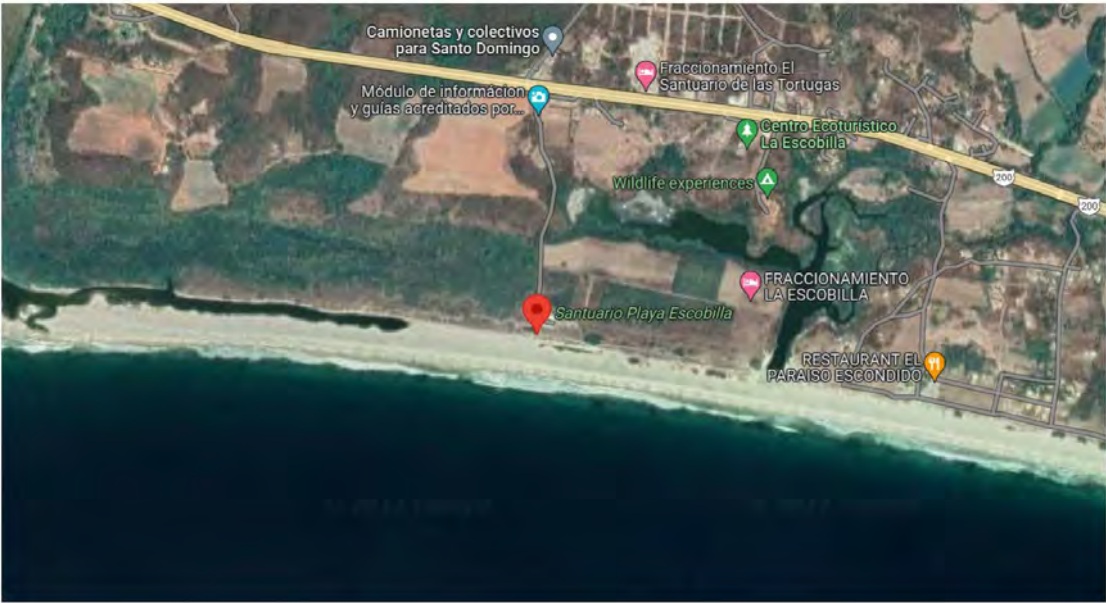


Figura 60/ 61: Localização de Escobilla. Fonte: INEGI, c2022. Disponível online em< <https://www.inegi.org.mx/app/mapa/espa-cioydatos/default.aspx?ag=20>>. Acessado em: 17/05/2022.

As infraestruturas locais

De acordo com o *Instituto Nacional de Estadística y Geografía Mexicano* (INEGI) não há clínica ou centro de saúde, consultório médico particular ou público, parteira, brigada móvel ou caravana de saúde, promotor de saúde, curandeiro, telecomunicações, telefone público, internet pública, sinal de telefone celular nem serviço de transferência de dinheiro, mas há serviço de TV paga. No entanto, especula-se que tais estatísticas foram levantadas em escala distinta do que a comunidade tem desenvolvido pois conhece-se diretamente moradoras locais que oferecem os serviços de curandeira e parteira.

O ambiente construído: Materiais e técnicas locais / Entorno Imediato

No trajeto de Mazunte ao vilarejo Escobilla totalizam 33,3 km via Acapulco - Salina Cruz/Salina Cruz - Santiago Pinotepa Nacional/Santiago Pinotepa Nacional - Salina Cruz/México 200. Percorri o trajeto em transporte público, que durou 35 minutos. Os registros fotográficos foram feitos nesse caminho entre Mazunte e Escobilla e desde o terreno de Maria Luisa à praia de Escobilla. Os registros captam a vegetação, as infraestruturas e o assentamento local.

Ao chegar no terreno, possuía as informações sobre a documentação do título da terra adquirida por Maria Luisa. Porém, o documento não ilustrava os aspectos físicos do mesmo, como dimensões, níveis e localização da vegetação. Isso posto, os próximos



Figura 62: Título da terra adquirida por Maria Luisa em 2021. Fonte: Mariana Montag



Figura 63: Registros do trajeto de Mazunte ao vilarejo Escobilla, Oaxaca. Fotografias de Mariana Montag em 2021. Fonte: Mariana Montag

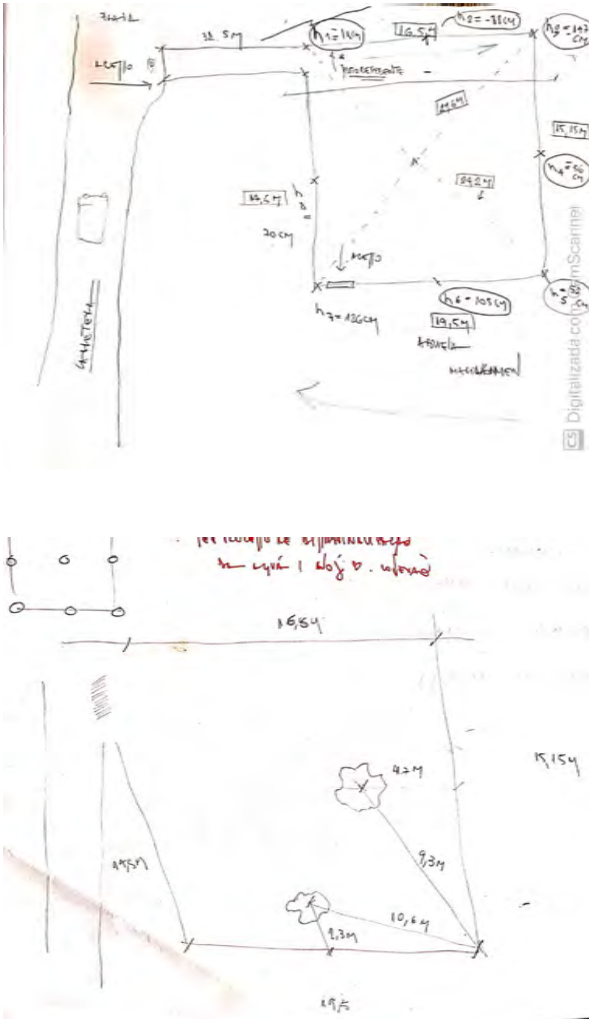


Figura 64: Esboços dos levantamentos feitos no terreno em Escobilla, Oaxaca nas etapas 1 a 4 em 2021. Fonte: Mariana Montag

passos foram: 1. Levantamentos do terreno; 2. Levantamentos da Casa de Maricarmen; 3. Reconhecimento dos materiais e técnicas locais.

1. Levantamentos do terreno

A seguir, compartilho o passo a passo de como o levantamento foi feito: Ferramentas: trena, mangueira de nível de 30m, caderno e lápis. Pessoas envolvidas no trabalho: Duas.

- A. Medição das dimensões laterais do terreno, encontrar os pontos médios;
- B. Medição das diagonais, encontrar o centro do terreno, ponto mais adequado para fazer as medições dos diferentes níveis e usá-lo como referência;
- C. Usando uma mangueira de nível, fazer a medição dos níveis, começando dos pontos que estão acima do nível e depois medindo os que estão abaixo.
- D. Reconhecimento e medição das árvores do terreno.
- E. Redesenho do espaço em AutoCad.

2. Levantamentos da Casa de Maricarmen

Maricarmen possui o terreno vizinho e Maria Luísa deseja que sua casa se comunique espacialmente com o programa da Casa de Maricarmen, que é também uma referência construtiva para ela. Para reconhecer o local tecnicamente, realizamos registros fotográficos, tomamos as medidas do terreno e depois redesenhamos todo

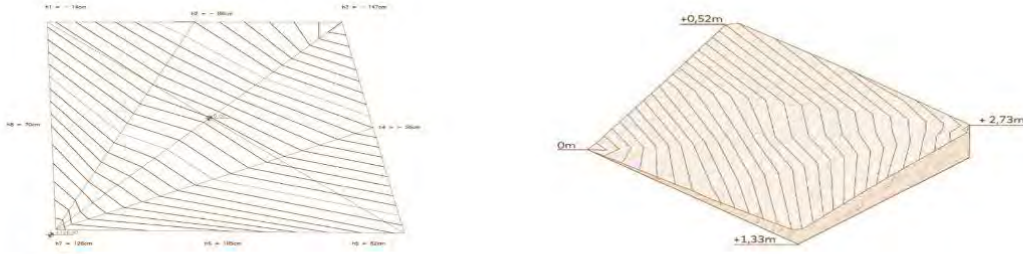


Figura 65: Registros fotográficos da vegetação existente e etapa 5 do levantamento em 2021. Fonte: Mariana Montag e Luiza Tripoli.



Figura 66: Levantamentos da Casa de Abuela Maricarmen, terreno vizinho de María Luisa em 2021. Fonte: Mariana Montag



Figura 67: Levantamentos da Casa de Abuela Maricarmen, terreno vizinho de María Luisa em 2021. Fonte: Mariana Montag.

o espaço manualmente e no software arquitetônico AutoCad.

Com o objetivo de obter a percepção do processo construtivo e da tradução da subjetividade das moradoras em espaço, foi perguntado à Maricarmen sobre a história da casa e do Temazcal, o local sagrado onde são realizadas as cerimônias tradicionais. Ela contou que sua primeira oportunidade em adquirir o terreno em Escobilla se deu por uma longa jornada de profundo foco ao resgate da cultura Totonaca. Essa jornada foi repleta de obstáculos, uma vez que, segundo Maricarmen, a comunidade de Escobilla havia se desconectado de suas tradições ancestrais e enxergavam tais rituais – o Temazcal e as suas atividades como Doula – como bruxaria (como foi aprofundado na Parte 1, no capítulo *Ao redor de Abuela Maricarmen*).

Ao passo que os vínculos foram sendo criados, os laços estreitados e a comunidade beneficiando-se de seu conhecimento e cuidado, a união foi se desenvolvendo. Assim, com tais relações sendo criadas, a Casa de Maricarmen foi sendo autoconstruída, começando pelo cômodo principal contendo apenas seu quarto. Construiu-se um platô na parte mais alta do terreno, com fundação de sapatadas de tijolos e piso de adobe, onde havia espaço para o quarto de Maricarmen, uma cozinha e um espaço para estoque de ferramentas e materiais para os rituais. A estrutura da Casa foi feita em eucalipto; os fechamentos, de tijolo de adobe; e as portas e janelas, de estruturas metálicas pré-moldadas sem vidro. A cobertura foi feita em

estrutura de madeira e telhas metálicas. Após a apropriação foi necessário inserir telas de mosquiteiros nas aberturas para proteção dos insetos nos verões quentes e chuvosos do local. Maricarmen sente o espaço com um conforto térmico adequado devido à temperatura harmônica gerada pelos tijolos de adobe.

Em seguida, quando obtiveram mais recursos, autoconstruíram a cozinha e um estoque com estrutura de eucalipto, fechamentos em tábuas de madeiras de reúso, cobertura em madeiras também de reúso e o fechamento com telhas metálicas. Foi feito um beiral como continuação da cobertura em telhas metálicas com madeira de reúso e cobertura de camadas de folhas de bananeiras. Após um período de tempo construíram a casa de hóspedes – com espaço para duas camas de casal – em fundação de sapatadas de tijolos, piso de adobe, estrutura e cobertura em madeira, fechamentos de tábuas de madeira de reúso e telhas metálicas. Com o tempo foram plantadas no terreno, entre as construção, árvores frutíferas (limoeira, mangueiras e mamoeiros) e uma horta com as ervas utilizadas em seu dia a dia (alecrim, menta, cebolinha, lavanda).

A dinâmica do banheiro e da lavanderia são evidências da comunidade que se forma ao redor de Maricarmen. Ela conta que tanto o banheiro e a lavanderia, adjacente a esse, são servidos por água de poços artesanais, para uso diário, que é trazida manualmente por iniciativa das pessoas que participam dos rituais de Temazcal, uma vez que a

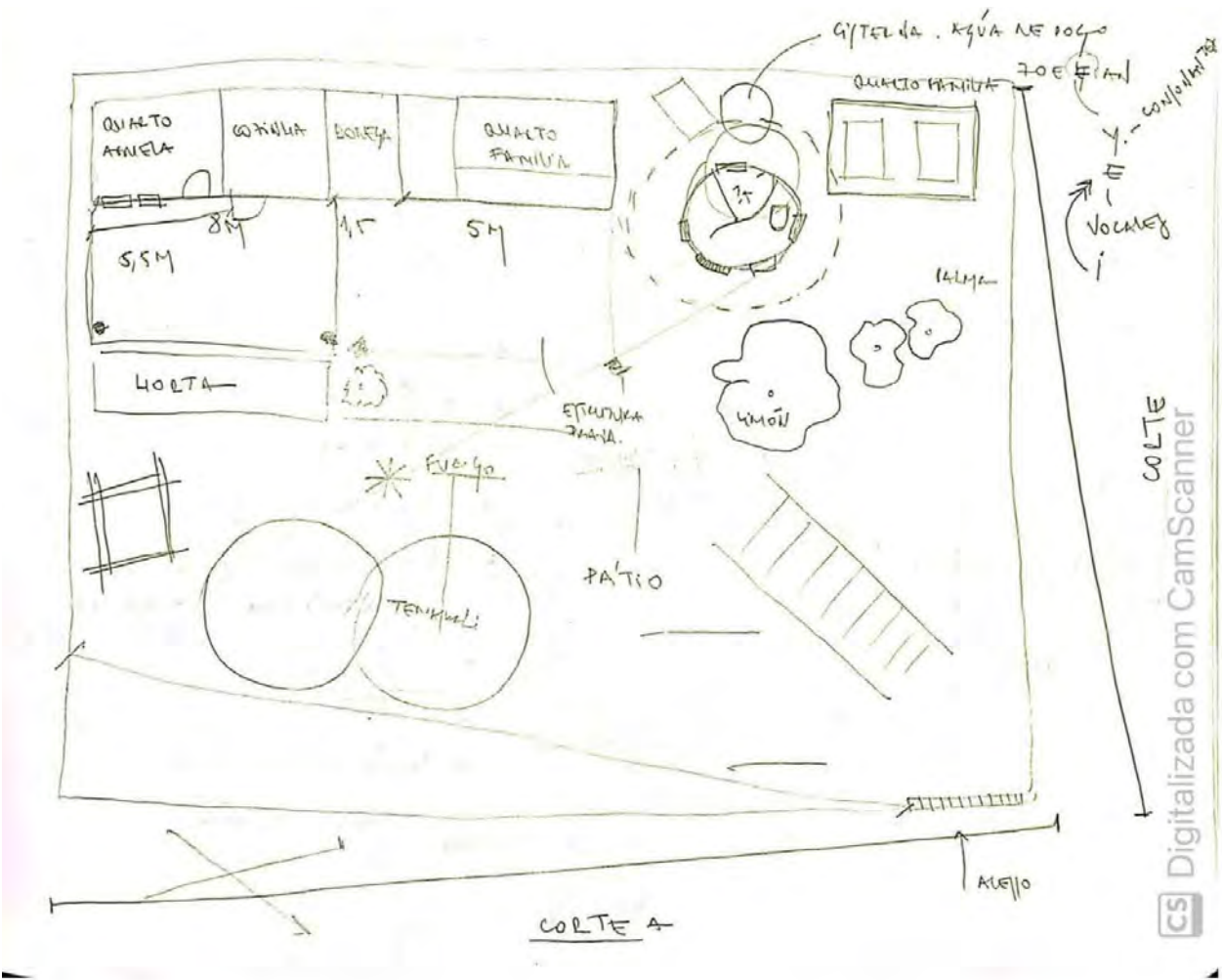


Figura 68: Esboço do levantamento da Casa de Abuela Maricarmen, terreno vizinho de María Luisa em 2021. Fonte: Mariana Montag.



Figura 69: Pinturas das Abuelas irmãs e banheiro em 2021. Fonte: Mariana Montag.

Figura 70: Temazcal no terreno de Maricarmen em 2021. Fonte: Mariana Montag.

comunidade não possui sistema público de saneamento. Tais pessoas formam um coletivo diverso de moradoras locais e também estrangeiras, de países não especificados pela Abuela. O banheiro possui uma planta circular com estrutura e paredes de hiperadobe, cujo acabamento foi feito de uma mistura de terra, areia, água e cal para impermeabilização. As portas do banheiro e da casa de hóspedes foram adornadas como murais por uma colaboradora, artista mexicana, que fez as representações das Abuelas que ali se juntaram para gerar esse projeto, e no banheiro Maria Luísa possui seu retrato.

Ao utilizar da ação de redesenho do espaço e desenvolver conversas com Maricarmen, também aproveitei a oportunidade de conviver naquele espaço em dias de rituais, criando os vínculos com as mestras, sua cultura e aprendendo com tudo o que era vivo naquele espaço. Tal ação buscou honrar os aprendizados mais profundos sobre a cultura do espaço sagrado do Temazcal, localizado na parte nordeste do terreno, com significados descritos na Parte 1 desta dissertação. Aqui, reitera-se o fato de que, em um dos rituais de Temazcal, pedi à egrégora espiritual do local, principalmente a Terra, a Mãe Terra, a permissão de iniciar uma atividade projetual ali. E, assim, pedi a permissão a Maricarmen para fotografar o espaço sagrado Temazcal em um dia descanso.

Nesse mesmo dia de reconhecimento técnico do local, fiz uma chamada de vídeo com María Luisa, que se

encontrava na Cidade do México, para escutá-la enquanto eu estivesse no local de sua futura Casa. Ela começou a compartilhar sua visão, mas deixou claro que seu desejo em trabalhar com arquitetas era para receber o conhecimento de quem trabalha na área. Maria Luísa contou que imaginou uma Casa com planta em formato de L, onde o bloco horizontal se localiza na parte mais alta do terreno e o bloco vertical em paralelo ao limite norte do terreno. O programa foi se expandindo e ela expôs a necessidade de existir um espaço para seus livros que, simultaneamente, figuravam em sua biblioteca no interior de sua casa na Cidade do México visíveis pela câmera da chamada de vídeo. Sua biblioteca tinha uma quantidade de livros suficiente para preencher duas paredes de proporção de 4 metros por 2 metros. Aproveitei para perguntar quais livros ela atualmente estava lendo e ela respondeu que lê de tudo um pouco e ao mesmo tempo: “Sou uma bagunça”, adjetivou-se. Os títulos os quais estava folheando eram: *A população negra no México* e *A história da Cultura Azteca*. Nessa conversa, compreendi a importância do livro como objeto para este projeto que atenderia às necessidades de uma mulher que desejava que esse espaço fosse um lugar de fomento à leitura, oferecendo oficinas de leitura e narração. Por isso, pedi que me informasse a quantidade de livros e a dimensão do móvel que hoje ela guarda os livros para ter esses objetos como uma das métricas – unidade de desenho de projeto.

Logo, a Abuela contou mais: serão dois dormitórios, o seu e de hóspedes – “... como o de Maricarmen”, referenciou –, e banheiros secos, pois ela deseja compartilhar práticas sustentáveis com a comunidade, mas quer também que seja confortável para ela, atendendo sua limitação de mobilidade nos quadris e reconhecendo também a importância da acessibilidade para sua casa. Continuou com o programa: uma cozinha, a lavanderia conectada com o sistema cíclico de águas – ela mencionou diversas vezes o ciclo da água – um fogão a lenha ao ar livre e uma horta, sugerindo que essa fosse localizada ao fim do terreno pois acredita que as árvores frutíferas ajudam a firmar a terra devido ao desnível, como a Moringa – no mínimo três, disse – mamoeiro, e diversas outras árvores frutíferas. Somou que deseja fazer experimentos com raízes, aprender a fazer tofu e compartilhar com a comunidade tais processos. Abóbora, coentro, tomate, chile, seguiu. E então concluiu: “Antes que me despida yo quiero compartir lo que para el futuro de los niños no sea la malnutrición”.

Dessa conversa rápida com María Luisa, foi possível extrair três assuntos estruturantes que poderiam ser considerados preliminarmente como diretrizes de projeto. O primeiro ponto foi dar o devido valor aos seus livros, para considerar a unidade do livro como um métrica de projeto. O segundo ponto foi a importância da acessibilidade do espaço. María Luisa precisa de uma casa onde seu corpo tenha o conforto e segurança em mover-se considerando suas limitações. O terceiro ponto é em

relação nutrição, a retornar a atenção ao que a terra nos oferece, e assim que o trabalho com a terra tenha em vista a segurança alimentar a partilha dessa abundância com a comunidade local.

3. Reconhecimento dos materiais e técnicas locais.

Observar e absorver sobre as relações que se dão na casa vizinha de Maria Luísa trouxeram uma fundação inicial para o projeto de sua casa. No entanto, uma casa não se faz lar apenas das relações imediatas, mas também as relações em maior escala na qual está inserida. O trabalho da organização A Casa tem como intenção transpor tais relações comunitárias e heranças culturais para o processo construtivo. Para realizar esse objetivo é necessário em primeiro lugar compreender a cultura construtiva local e conectar-se às pessoas que possuem o conhecimento para passá-lo adiante. Três ações serão descritas orientadas por esse olhar: i. Caminhando pelo Vilarejo; ii. Conversas com Cato, construtor local, Daniela Lomas, bioconstrutora local, e a educadora e Dra. Carmina, diretora do Centro de Investigação Mulheres Eco-Construtoras (CIME).

i. Caminhando pelo Vilarejo

Quando se caminha pelo vilarejo de Escobilla, percebe-se a variedade de técnicas construtivas e formas de viver que ali existem. Há casas térreas, de dois pisos, e as técnicas construtivas se mesclam. Similares, em sua maioria os telhados projetam uma grande sombra, protegendo quem mora ou



Figura 71: Caminhando pelo vilarejo de Escobilla em 2021. Fonte: Mariana Montag.

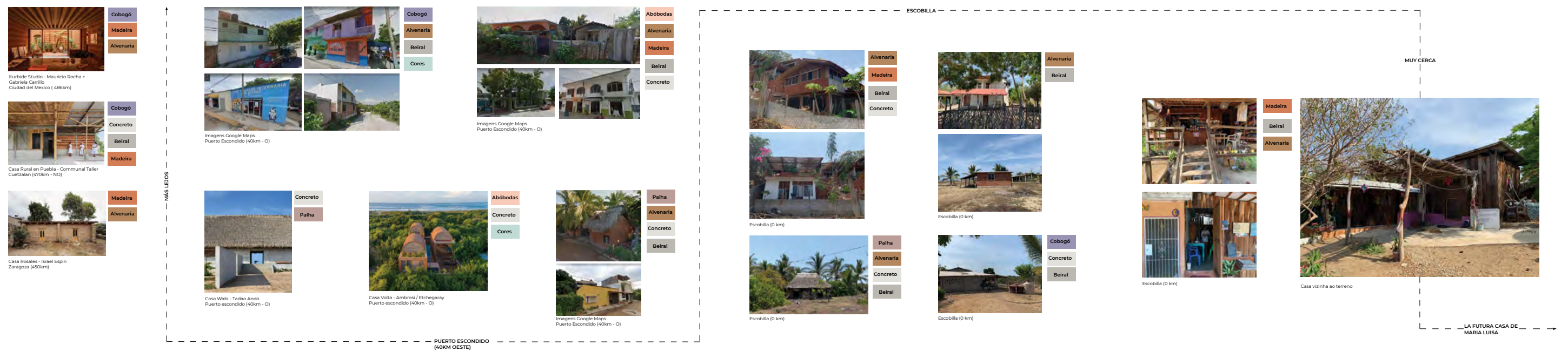


Figura 72: Estudo de materiais e técnicas construtivas em 2021.
Fonte: Mariana Montag e Luiza Tripoli.



Figura 73: Prática coletiva da técnica da taipa de mão, Mayute em 2021. Fonte: Daniela Lomas.

Figura 74: Diagrama do sistema de tratamento de águas desenvolvido por Dra.Carmina Borja em 2021. Fonte: Carmina Borja.

visita a residência do forte sol que irradia durante todo o ano. Também para controlar o calor gerado pela incidência solar, optam-se por aberturas pequenas e por um misto de sistemas construtivos entre os industrializados contemporâneos – de blocos de concreto e acabamento de cimento – com estratégias vernaculares, como as coberturas de palapas, que emprega camadas de folhas de bananeiras. Percebe-se pela mescla de materiais utilizados que os materiais vernaculares demandam uma manutenção em menor período de tempo em relação aos materiais industriais, com os quais as moradias são construídas gradualmente. Mesmo quando há o recurso econômico para a compra de materiais industriais, esses são utilizados criativamente com soluções elaboradas com técnicas vernaculares, por exemplo os portões e varandas.

ii. Conversas com Cato, construtor local, Daniela Lomas, bioconstrutora local, e a educadora e Dra. Carmina Borja

Catalino Martinez Arango, conhecido como Cato, é um construtor local com quem aprendi sobre técnicas vernaculares observando, acompanhando e fazendo junto parte de seu trabalho na área da construção. Quando dúvidas sobre métodos construtivos locais surgiam, Cato sempre se prontificou em respondê-las. Informou que um tijolo de adobe custa 7 pesos mexicanos, equivalente a 0,35 dólares. Relacionou também que a técnica de taipa de mão, como conhecemos no Brasil, é chamada localmente como Mayute.

Daniela Lomas é arquiteta e bioconstrutora local. Dirige oficinas coletivas de construção, ensinando pessoas, em especial mulheres, a construir. Dirige também um coletivo local de pedreiras mulheres. Por estar bastante alinhada com os valores do trabalho, buscamos-la como consultora do projeto. Daniela compartilhou experiências sobre seu conhecimento construtivo e pedagógico, como dinâmica ilustrada abaixo, e se disponibilizou a colaborar na construção do projeto. Estimou-se que a construção da Casa da Abuela Cuentacuentos tivesse um orçamento de 20 mil dólares.

Dra.Carmina Borja é amiga pessoal de Maricarmen e faz parte do *Centro de Investigación para el desarrollo sostenible de las mujeres latinoamericanas* e sua pesquisa e prática tem foco em Desenvolvimento sustentável voltado para o tratamento das águas residuais. Moradora da região, Carmina identificou a demanda de captar água para uso diário com a necessidade de 52 mil litros de água por pessoa ao ano e desenvolveu um sistema cíclico de águas para cada casa. O protótipo foi construído em uma casa do vilarejo e está sendo construído em mais três casas. Há a possibilidade de Carmina aplicar a tecnologia desenvolvida na Casa da Abuela Cuentacuentos. Abaixo, segue o diagrama, do sistema desenvolvido:

Capítulo 02

O Projeto

O Projeto Preliminar

Atenta às etapas vividas e reflexões descritas nos capítulos 1, 2 e 3 da Parte 1, o silêncio compartilhado na Parte 2 e as anotações práticas demonstradas na Parte 3, começa-se a desenvolver as primeiras implantações, a prototipar em escala por meio do modelo físico, e a desempacotar as tecnologias para compreender os processos sociais incutidos no processo construtivo do projeto preliminar.

As primeiras implantações

Os esboços iniciais partiram da visão da planta em L por María Luisa, mas também levando em consideração a questão central de permitir que seu corpo pudesse mover-se com maior facilidade no espaço. Começou-se a esboçar as possibilidades e a primeira implantação gerada foi um espaço em formato de fita retangular. Paralelo ao limite do terreno – de dimensão 19,5 m localizado no nível mais alto –, e espelhando a planta da Casa de Maricarmen, propõe-se um módulo retangular gerado de 3,70m por 14m. A disposição dos ambientes possui o acesso no encontro do terreno com o acesso da casa de Maricarmen, iniciando o programa com o quarto de hóspedes, ambiente compartilhado e, em seguida, a cozinha centralizada permitindo o acesso também a casa da vizinha e vice-versa, e, então, o seu quarto, espaço privado e mais recluso. Foram localizados banheiros localizados em cada quarto, nas extremidades da casa. As maiores aberturas de piso a

teto encontram-se na fachada Sul, e as aberturas menores na fachada que olham o terreno vizinho, propondo privacidade sem impedir a ventilação cruzada. O bloco é recortado de acordo com as árvores existentes do terreno.

A segunda implantação atentou-se em encontrar o percurso de maior acessibilidade para o espaço, que chamamos de “implantação caminho das vaca”. Tal denominação parte de uma reflexão espacial baseada no caminho que os animais que pastam, como as vacas, fariam, e também no percurso que águas escoadas fariam na terra. Isso porque tais animais buscam vencer os desníveis dos terrenos fazendo o caminho de menor demanda energética, assim como as águas, não resistindo aos obstáculos propostos pela terra, fluindo naturalmente. Assim sendo, desenvolvemos a implantação da fita retangular para uma fita curva, que segue a topografia do terreno. Ao invés de vencer o desnível seguindo-o com uma inclinação de 10%, a planta curva oferece uma diminuição da inclinação em 6%. Com o objetivo de manter a vegetação intacta, reconheceu-se as duas árvores principais existentes do terreno que se tornaram pontos de referência para dividir o bloco construído em três partes. O espaço conforma no centro um local de união, onde consideramos a possibilidade de alocar o espaço de fomento à leitura.

Após gerar tais opções de implantações e considerá-las prontas para discussão, contatamos María Luisa para dialogar sobre o projeto. No mês de julho, reunimo-nos em uma reunião de zoom

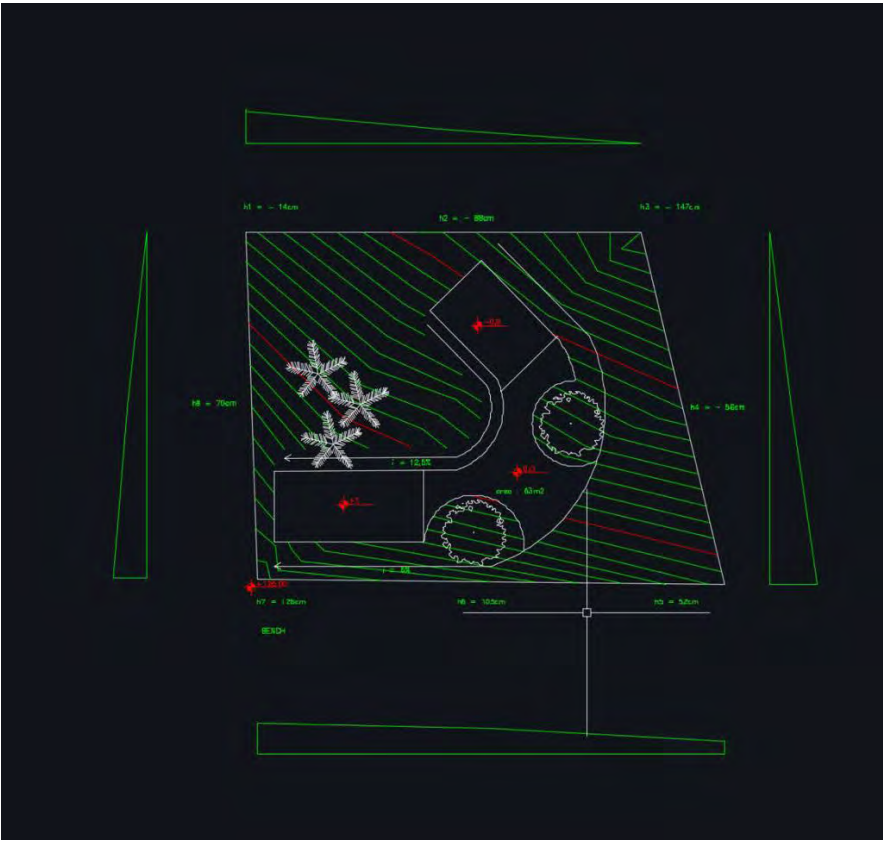
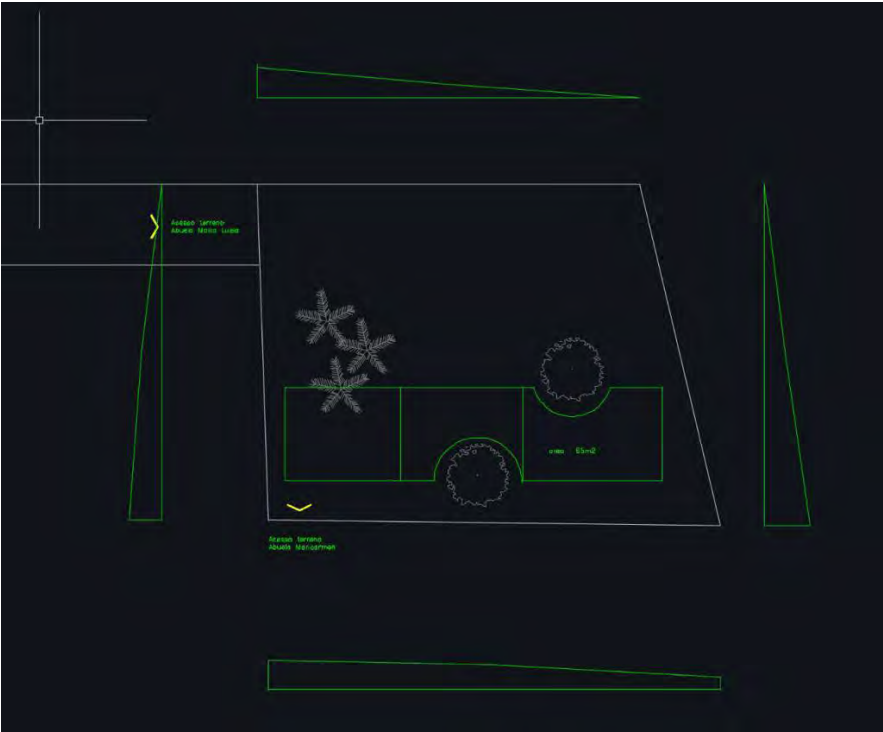


Figura 75: Implantação fita em AutoCad em 2021. Fonte: Luiza Tripoli.

Figura 76: Implantação “caminho das vacas” em AutoCad em 2021. Fonte: Luiza Tripoli.

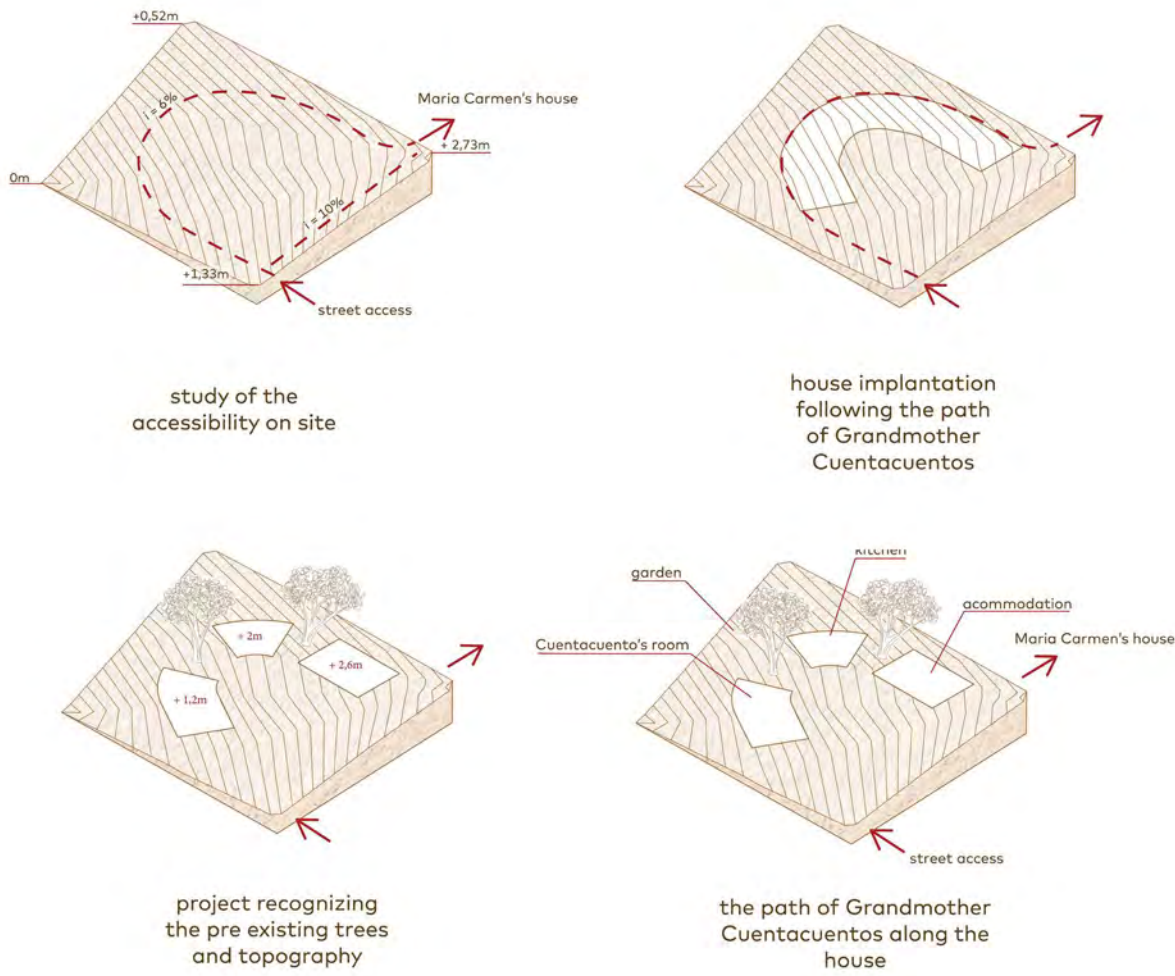


Figura 77: Desenvolvimento da implantação da Casa de Abuela Cuentacuentos em 2021. Fonte: Luiza Tripoli.

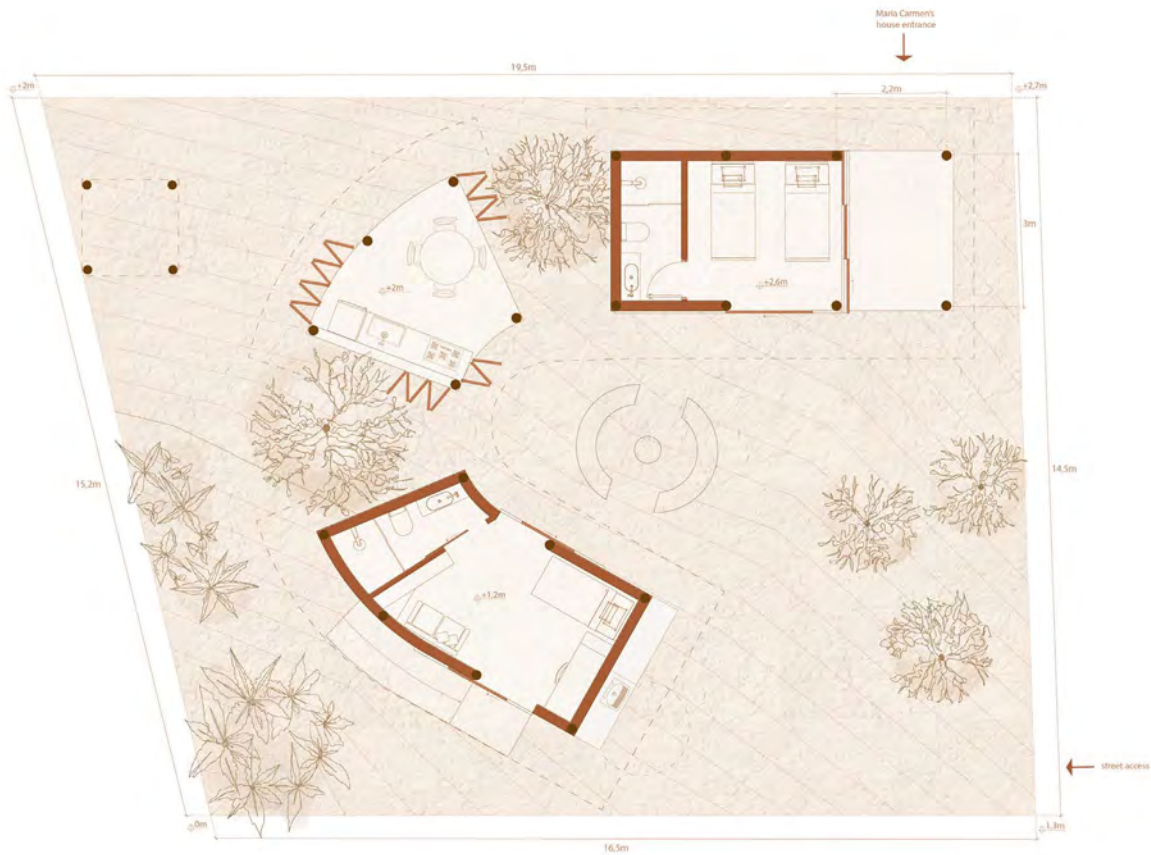


Figura 78: Planta da Casa de Abuela Cuentacuentos em 2021. Fonte: Luiza Tripoli.



para uma oficina crítica na qual estavam presentes, junto a mim, Luiza e María Luisa. Explicamos as duas propostas através de desenhos esquemáticos e identificamos que, espacialmente, a proposta “caminho das vacas” era a mais interessante. Tendo em vista um concurso aberto proposto pela plataforma de arquitetura holandesa Architecture for Development sobre projetos comunitários – que será mais detalhado no subitem Financiamento deste capítulo – propôs-se o desenvolvimento do desenho arquitetônico selecionado com afincos para submeter a tal aplicação. O concurso oferecia como prêmio uma mentoria para realização e 3 mil euros.

A proposta enviada para o concurso foi o projeto preliminar espacializado da seguinte forma: o espaço privativo de María Luisa, constituído por seu quarto e banheiro, localizado na parte mais baixa do terreno com acesso conectado à rua; a cozinha central, conectada ao terreno de Maricarmen, na parte mais alta do terreno; o quarto para receber pessoas visitantes, a horta e o espaço central de fogo, intencionado para receber as oficinas de fomento à leitura, às autobiografias performáticas e às oficinas de nutrição.

A estrutura do telhado é de eucalipto coberto por telhas sanduiche, fechamentos de taipa de mão, fundação de sapata de concreto e tijolos. Constituindo o sistema de escoamento, propõe-se a construção de um poço de água como captação e estrutura drenante.

Figura 79/80: Renders da cozinha e do espaço de fomento à leitura da Casa de Abuela Cuentacuentos em 2021. Fonte: Bianca Naylor.

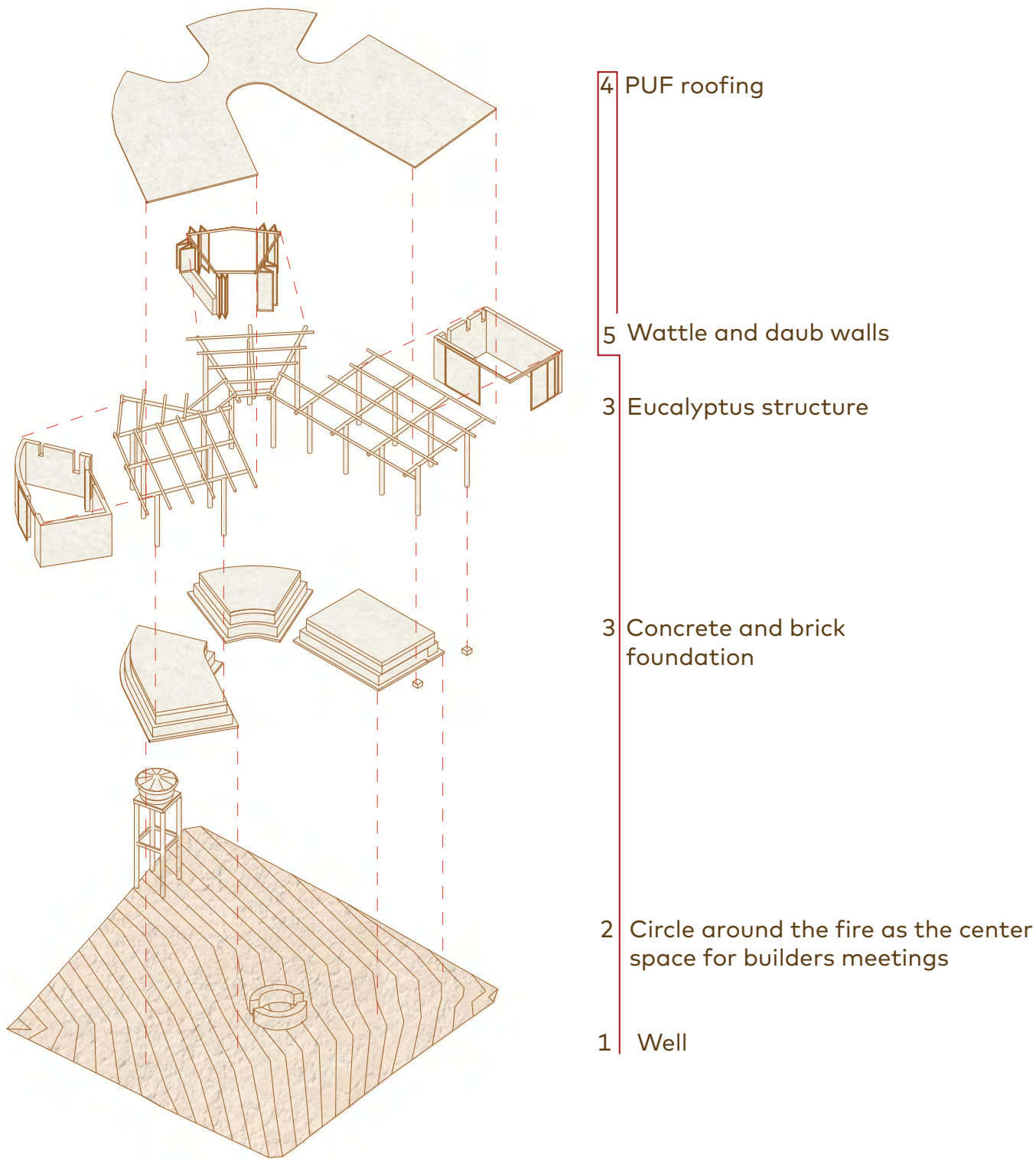
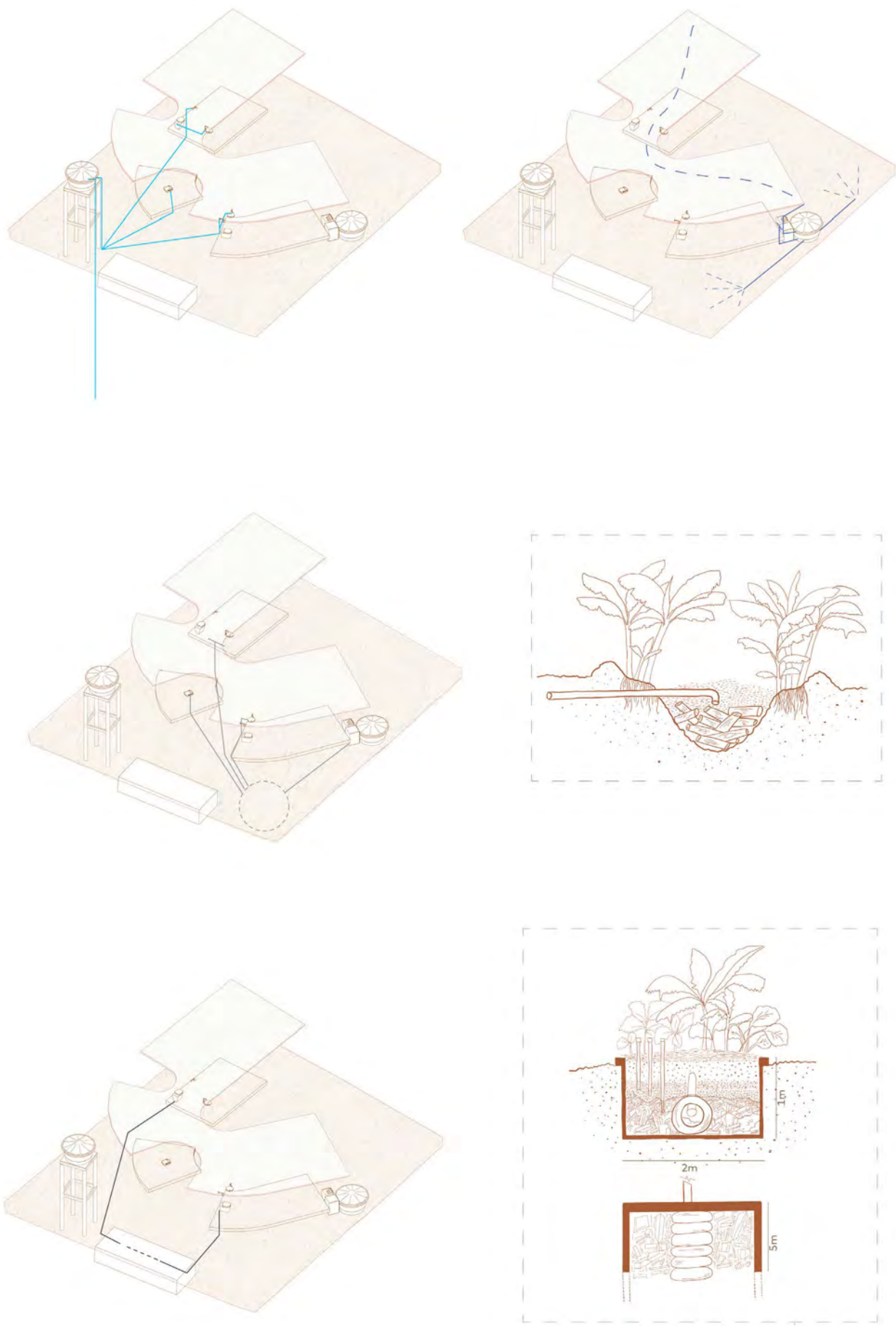


Figura 81: Desenho isométrico da Casa de Abuela Cuentacuentos em 2021. Fonte: Luiza Trípoli



Figura 82: Cortes da Casa de Abuela Cuentacuentos em 2021. Fonte: Luiza Trípoli.



Os cortes esquematizam a maneira como a Casa abraça a terra e distribui as necessidades e desejos da Abuela. A Casa acontece como um percurso: na parte mais baixa do terreno, de mais fácil acesso, está o quarto e o espaço de estudos e leitura pessoal de María Luisa; nos limites de seu quarto há uma lavanderia, imaginado como um espaço não afastado de locais sociais, mas incluído com rituais diários como a relação com a horta, no limite do terreno vizinho ao da Abuela Maricarmen; seguindo a curvatura da casa, tem-se a cozinha, que funciona como uma passagem de quem se encontra no espaço central de fomento à leitura e oficinas com o terreno de sua vizinha e parceira, Abuela Maricarmen, na parte mais alta do terreno. Ao final do percurso, encontra-se o lugar de receber aqueles que vêm curiosos por seus contos e sabedorias.

Para o manejo de água na Casa, projetou-se um poço dedicado ao abastecimento de água usada nos banheiros e na cozinha. A água da chuva é captada pelo telhado e armazenada em uma cisterna subterrânea localizada entre a horta e a lavanderia. Será descartada a primeira leva de água da chuva – a que limpa o telhado –, e a água captada será usada para irrigar a horta e para lavar roupa.

As águas cinzas – proveniente da cozinha e dos banheiros – são cuidadas pelo tratamento biológico do ciclo das bananeiras. Essa técnica filtra até 50 litros de água cinza por dia, por árvore, reintroduzindo a água ao lençol freático, ao seu ciclo natural.

As águas sanitárias residuais são tratadas em uma fossa ecológica – as bacias de evapotranspiração – por meio de digestão anaeróbica, usando pneus, resíduo de obra, folha de bananeiras e outras espécies filtrantes.

A maquete como ritual

Faz-se uso do modelo físico como um estudo em menor escala do processo construtivo da casa. Somado a essa perspectiva, enxerga-se a construção como um processo ritualístico, conectando-se aos materiais locais e as dinâmicas sociais. Portanto, foi proposto que a maquete fosse experienciada da mesma forma. Luiza Tripoli e sua família, em terras onde sua suas raízes habitam há gerações em Ibiúna, São Paulo, Brasil, começaram coletivamente a construção de uma maquete como ritual. Luiza compartilha uma poesia que escreveu sobre o processo:

Figura 83: Desenhos esquemáticos do sistema de abastecimento de águas da Casa de Abuela Cuentacuentos em 2021. Fonte: Luiza Tripoli.

Figura 84: Desenhos esquemáticos do sistema de tratamento das águas cinzas da Casa de Abuela Cuentacuentos em 2021. Fonte: Luiza Tripoli.

Figura 85: Desenhos esquemáticos do sistema de tratamento das águas sanitárias residuais da Casa de Abuela Cuentacuentos em 2021. Fonte: Luiza Tripoli.

A topografia da maquete veio da terra que me criou, peguei da beira da água com ajuda da minha mãe, que dava nome a todas as diferentes cores das argilas.

O molde foi feito com meu tio, na sua marcenaria. Lá, ele me ensinou a criar com o que já tinha, com muita enjambração e paciência.

A fundação foi com meu pai, que checava a cada 15 minutos a secagem do cimento, e enquanto isso trazia 957 ideias novas para o projeto.

A maquete foi feita na escala de 1 para 25 e foi iniciada por um molde feito em madeira e papelão, para as curvas de nível. Esse molde foi preenchido por uma primeira camada de cimento e areia, com espessura de 3cm. Em seguida, para gerar a topografia, foi feita uma mistura de terra e cimento, o solo cimento, e preencheu-se a forma. Para conter a topografia de secar nos espaços que seriam a fundação da casa, moldes da fundação também foram posicionados. Assim, depois da secagem da fundação, a topografia foi desenformada. As fundações da casa foram feitas em moldes de cimento e posicionadas nos espaços alocados para as mesmas na topografia. A estrutura da maquete foi feita em madeira de seção circular, as paredes em argila e as aberturas em madeira e tecido. A maquete resultou em um objeto de 70kg.

O processo de fazer a maquete colocou em relevância pontos a serem olhados com mais profundidade. É claro que ao

prototipar em escala 1 para 1 há uma maior percepção sobre o processo construtivo de fato, mas como a experiência da Casa de Jajja havia gerado profundos aprendizados em relação à didática construtiva, desta vez apenas pela modelagem pode-se ver quais pontos das etapas construtivas teriam que ser reavaliados uma vez que a intenção é ter um canteiro de obras inclusivo e comunitário. A implantação “caminho das vacas” por gerar um espaço que se apoia em diversos pontos topográficos, pedem dimensões específicas em cada pilar. Para os pilares estruturarem a cobertura que deve ter uma inclinação adequada para escoamento da água em local determinado, cada pilar da construção possuía uma dimensão distinta em centímetros, o que impossibilita que o processo seja simples e didático, mas sim complexo e requerendo experiência das pessoas envolvidas. Além disso, utilizar a telha sanduiche de dimensões retangulares para cobertura de telhado circular gera uma dificuldade de corte das peças e gasto de material alto.

Após ter eleito a implantação do projeto preliminar e prototipado o processo construtivo em menor escala, a próxima etapa compreendeu em olhar com mais detalhe os resultados obtidos de tais reflexões e questioná-los através do que chamou-se de “passo para desempacotar as tecnologias”. O termo “desempacotar tecnologias” veio da discussão que será brevemente apresentada a seguir, durante o V Encontro Nacional de Ensino de Estruturas em Escolas de Arquitetura (IV ENEEA).

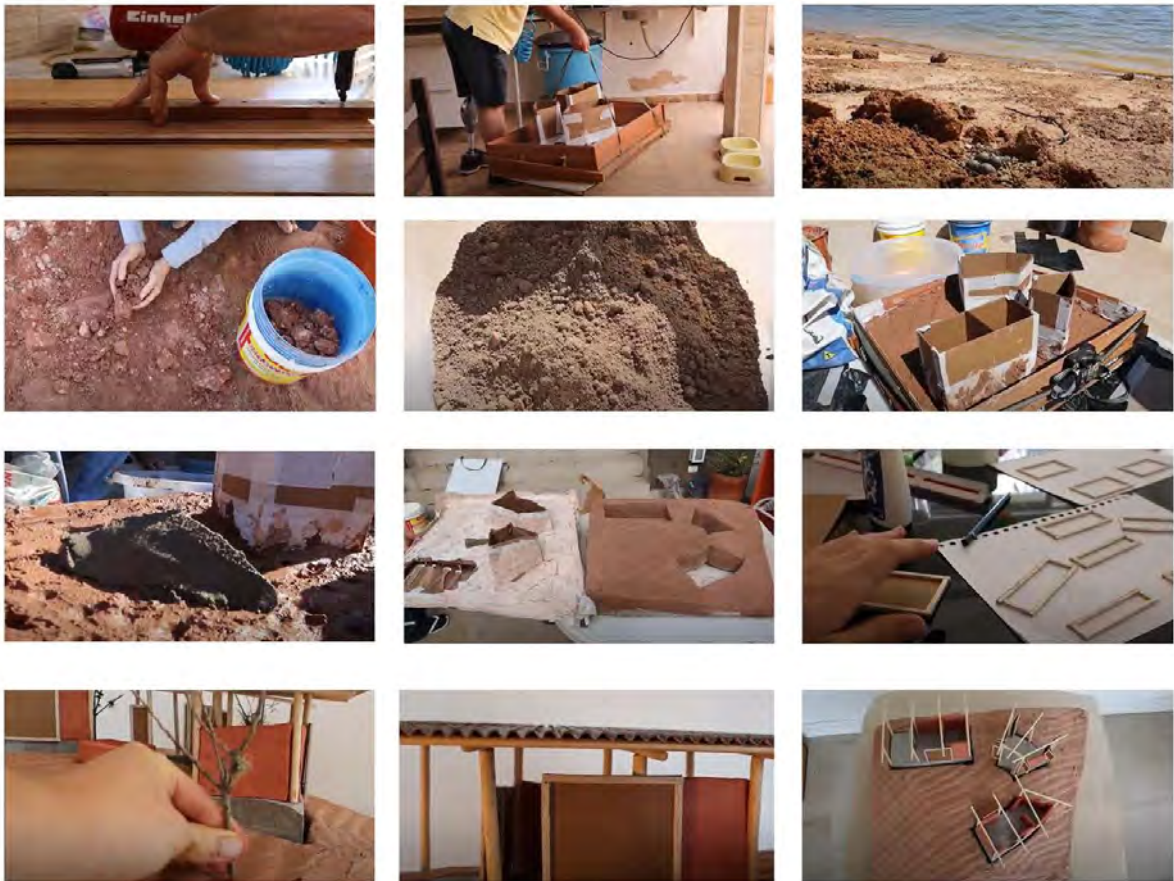
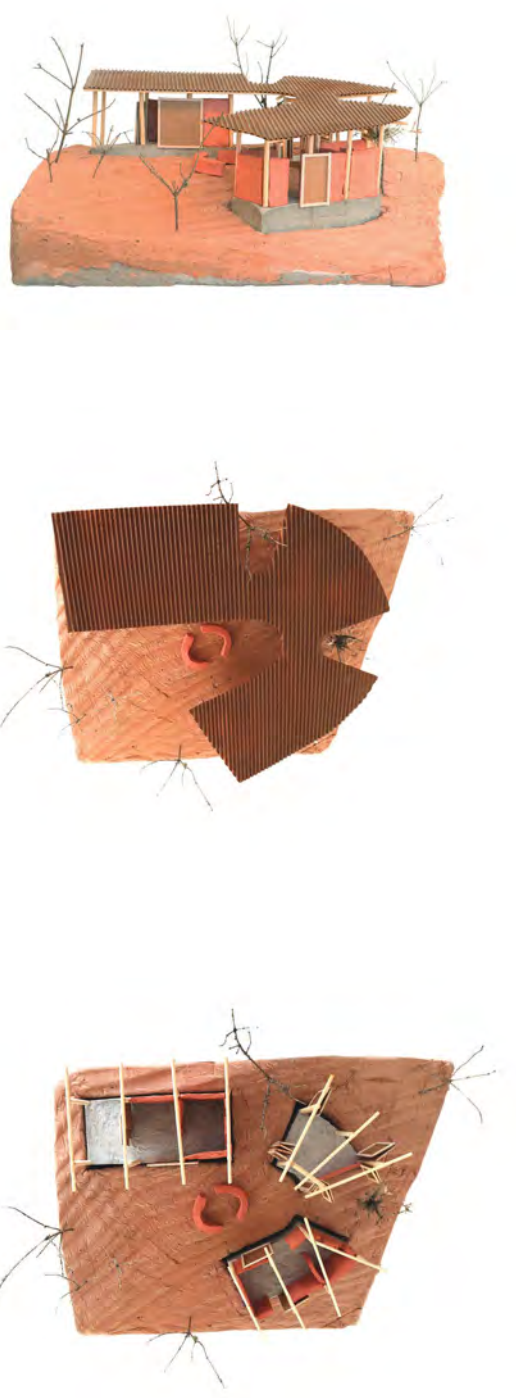


Figura 86: Desenhos esquemáticos do sistema de tratamento das águas sanitárias residuais da Casa de Abuela Cuentacuentos em 2021. Fonte: Luiza Tripoli.



Figura 87: Registros da maquete final em 2021. Fonte: Luiza Tripoli.



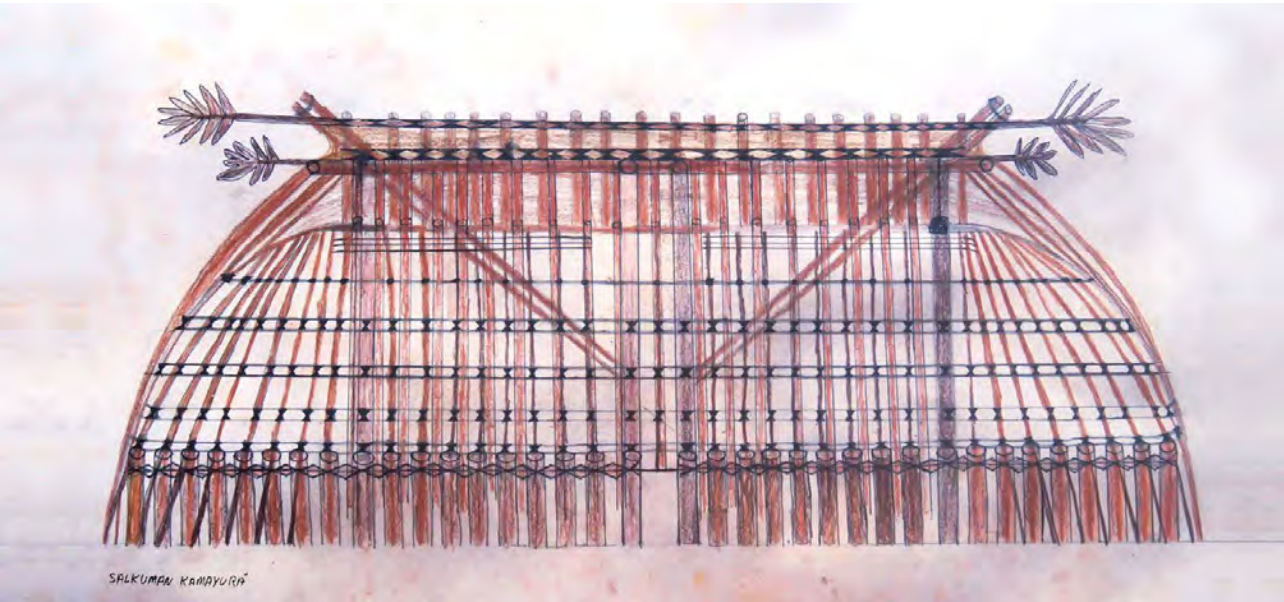
Cabe situar este percurso no processo de investigação. Entre os dias 13 e 15 de setembro de 2021, aconteceu o IV Encontro Nacional de Ensino de Estruturas em Escolas de Arquitetura (IV ENEEEA), realizado pela Comissão Organizadora composta por Profa. Dra. Maria Luiza Macedo Xavier de Freitas (MDU-DAU-UFPE), Prof. Dr. Clécio Magalhães do Vale (DAU-UFOP), Prof. Dr. João Marcos de Almeida Lopes (IAU-USP), Prof. Me. Rita Pereira Saramago (FAUeD-UFU) e Prof. Dr. Roberto Eustaquio dos Santos (NPGAUEA-UFMG). Na Mesa 4 de temática: *A Construção como estratégia pedagógica: O canteiro Experimental* os artigos *A Casa de Jajja - a tectônica como concepção estrutural e a evolução do sistema estrutural para o autoconstruir feminino* de autoria de Mariana Montag, Sasquia Obata, Lucas Fehr e Angélica Alvim da FAUUPM; *A permanência do código* por Tiago Amaral da Silva e Roberto Santos, da Escola de Arquitetura da UFMG; *Desenho de observação de formas da natureza como ferramenta de entendimento formais e estruturais* por Yara Galdino, Dorcas Araújo, Dalmaso Alberto, João Giochi, Felipe Mirely, Lucas Santos e Yasmin Silva da UFMT; *Exercício Único* por Anália Amorim, Roberto Pompéia e Valdemir Rosa da Escola da Cidade; *Linguagem da arquitetura e realidade virtual: uma abordagem sobre materialidade consciência estrutural e espacialidade* por Angélica Lima e Jane Victal da PUC-Campinas foram apresentados e discutidos.²

A reflexão coletiva da mesa 4 orbitou em torno da questão sobre quais são as

ferramentas que podem ser usadas para “Desempacotar as tecnologias” e sobre a necessidade de que os profissionais da arquitetura estejam mais conectados com a construção no canteiro e não só com a abstração do desenho projetado. A discussão pode ser ilustrada pelo projeto citado como referência: *Manual de Arquitetura Kamayurá* (2019). Luis Octavio de Faria e Silva, arquiteto, professor e coordenador da plataforma, explica:

Em Julho de 2019, na Plataforma habita-cidade foi organizada a Oficina-viagem “Modos de Habitar: Arquiteturas Tradicionais” que levou alunos e professores para a Aldeia Ypawu, em território Kamayurá no Alto Xingu. O objetivo geral das Oficinas-viagem “Modos de Habitar” é a reflexão propositiva sobre as diversas formas do Habitat humano no planeta. Neste ano, a partir de uma demanda dos mestres construtores Kamayurá de produzir um Manual de Arquitetura local, a Oficina-viagem foi preparada para que o grupo para lá deslocado atuasse como apoio para essa importante empreitada. A ideia do Manual de Arquitetura Kamayurá foi inicialmente lançada por Kanawayuri L. Marcello Kamayurá (liderança local) para a arquiteta Clarissa Morgenroth (arquiteta formada na Escola da Cidade) e para a diretora teatral Cibele Forjaz. A Escola da Cidade foi então convidada a participar do projeto, que foi encampado pela Plataforma habita-cidade, ligada ao curso de Pós-graduação lato sensu ‘Habitação e Cidade’ (2019, p.1).

² A conversa pode ser acessada online, no canal da IV ENEEA no Youtube. Cf. ENEEA. IV ENEEA- Mesa 4. Youtube, 16 de out. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AdmOWkBiEQ>. Acesso em: 00/00/00



ETAPAS DA CONSTRUÇÃO

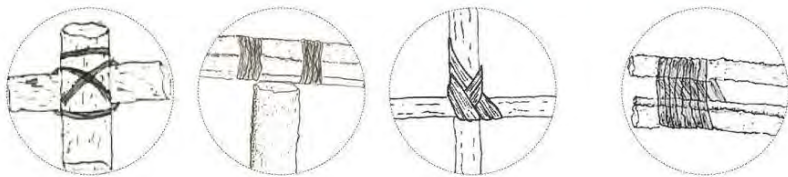
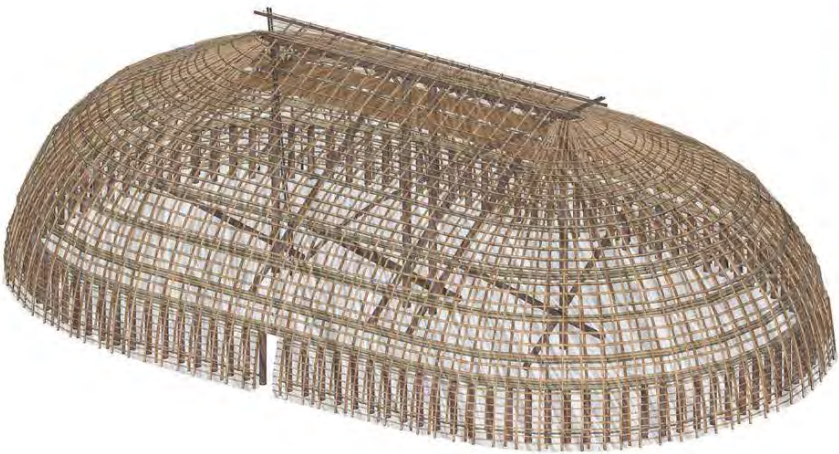


Figura 88: Imagem feita por líder Kamayurá. Fonte: Cortesia da Escola da cidade e Pomo Kamayura, 2020. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/923178/manual-de-arquitetura-kamayura>>. Acesso: em 15/05/2022.



Com a casca do iwit (embira) se faz a amarração (os nós) dos elementos construtivos

As amarrações que conectam os elementos da casa são:
1. Akykyiarua (Rosto do Macaco) - conecta as travess horizontais (moti'a'yta) com as travess verticais (malawi)
2. Tawareroa (Peito do Gafanhoto) - conecta os anéis (moti'a'yta e ywyra'ia py'y'ta)
3. Mōjitsiko'jiajut (Pescado de cobra) - conecta as varefas verticais e horizontais (ywyra'ia atykatap e japea py'y'ta) que sustentam o sapê

Figura 89: Imagem feita por integrantes da Escola da Cidade aprendendo com a comunidade Kamayura. Fonte: Cortesia da Escola da cidade e Pomo Kamayura, 2020. Disponível online em <<https://www.archdaily.com.br/br/923178/manual-de-arquitetura-kamayura>>. Acesso em: 15/05/2022.

Tal ação coletiva entre a comunidade Kamayurá e os integrantes da Escola da Cidade refrescou a importância de “desempacotar as tecnologias”. Isto é, foi perceptível o quanto se aprende sobre a cultura sendo transmitida por cada detalhe construtivo e sobre como se gere a construção de acordo com as dinâmicas sociais e, ainda, como que a documentação desse processo permite que ele seja passado adiante para as próximas gerações.³

Somou-se a discussão que, além da documentação e contínua reflexão sobre as tecnologias, o canteiro de obras é o momento em que realmente o conhecimento passa de pessoa para pessoa, é o momento em que essas diversas etapas de projeto e discussão se unem. Sendo assim, além dos desafios demonstrados pela maquete feita da Casa da Abuela Cuentacuentos, refletiu-se também que o processo sugerido pela construção é um espaço em potencial para desenvolver as experiências desejadas: de encontro, transgressão de relações de poder e reflexão sobre autonomia corporal. Nesse momento, entendemos que o projeto “caminho das vacas” nos oferecia um alto esforço técnico e limitava o canteiro como espaço de experimentação. Por isso retornamos a primeira ideia ao bloco em fita retangular e criamos outras opções atendendo as necessidades de Abuela Cuentacuentos.

Em fevereiro de 2022, reuni-me com Luiza Tripoli e Maria Luisa Grijalva para a realização de outra oficina crítica. Após a discussão coletiva sobre os aspectos das dinâmicas do espaço, mas também

da importância do processo construtivo, María Luisa decidiu pela segunda opção de projeto, pois esse trazia mais praticidade ao seu dia a dia, gera mais espaço e permite um canteiro de obras com técnicas construtivas didáticas em relação a construção e a cultura local. Além disso, a Abuela comentou que, nesse momento, as escadas a ajudavam mais a vencer níveis do que as rampas. Desse modo, enxergamos como melhor opção dobrar os pisos e espelhos das escadas de acesso à casa. Entrou-se então na fase do detalhamento, construção do poço artesanal, organização social e financiamento para a construção da casa.

Projeto Final

Antes que passemos ao momento da partilha das estratégias de financiamento, abaixo verão os desenhos finais de Quinta Rosita, a Casa de María Luisa, nome dado em homenagem a sua irmã recém falecida, Rosa. María Luisa fez um pedido de limpeza no terreno e uma das árvores maiores do terreno foi retirada, assim, considerou-se no projeto final apenas uma delas.

As dinâmicas desejadas por María Luisa finalmente geraram um espaço com três ambientes: seu quarto, no qual ela irá receber seus filhos quando quiserem visitá-la e mergulhar em seus estudos; dormitório para locação, no qual ela

³ Cf. ESCOLADACIDADE;POVOKAMAYURÁ. Manual da Arquitetura Kamayurá. Aldeia Ypawu – Julho 2019. **Issu**, Aug.2019. Disponível online em: <https://issuu.com/annajubs/docs/190812_casakamayurasingles>. Acesso em: 15/05/2022

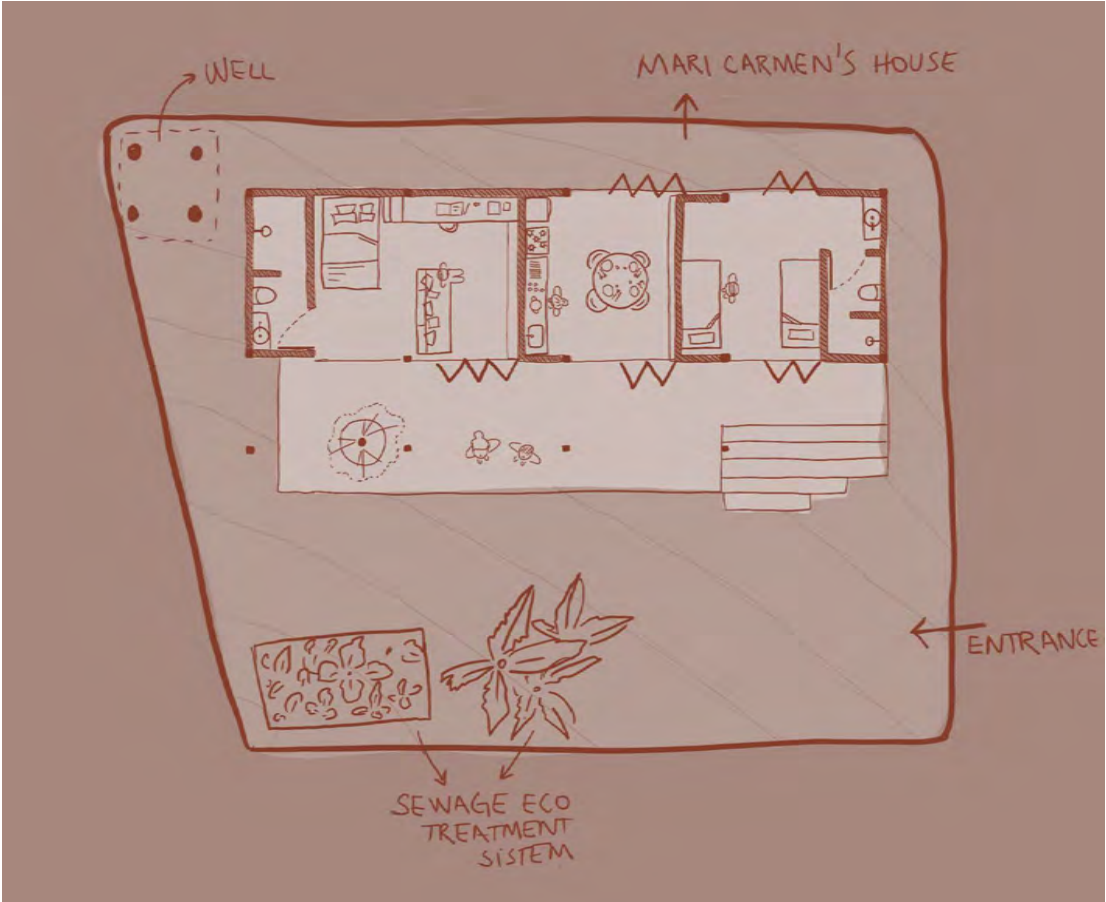
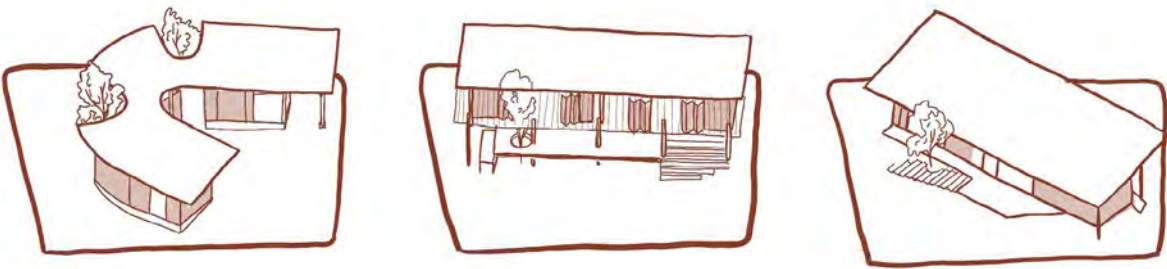


Figura 90: Esboços das implantações em 2022. Fonte: Luiza Tripoli.

Figura 91: Esboço da Implantação escolhida por Maria Luisa em 8/02/2022 em 2022. Fonte: Luiza Tripoli.



Figura 92: Oficina de críticas com Luiza, Mariana e Maria Luisa em 8/02/2022 em 2022. Fonte: Mariana Montag.



Figura 93: Colagem do projeto final da Casa de Abuela Cuentacuentos em 2022. Fonte: Luiza Tripoli.

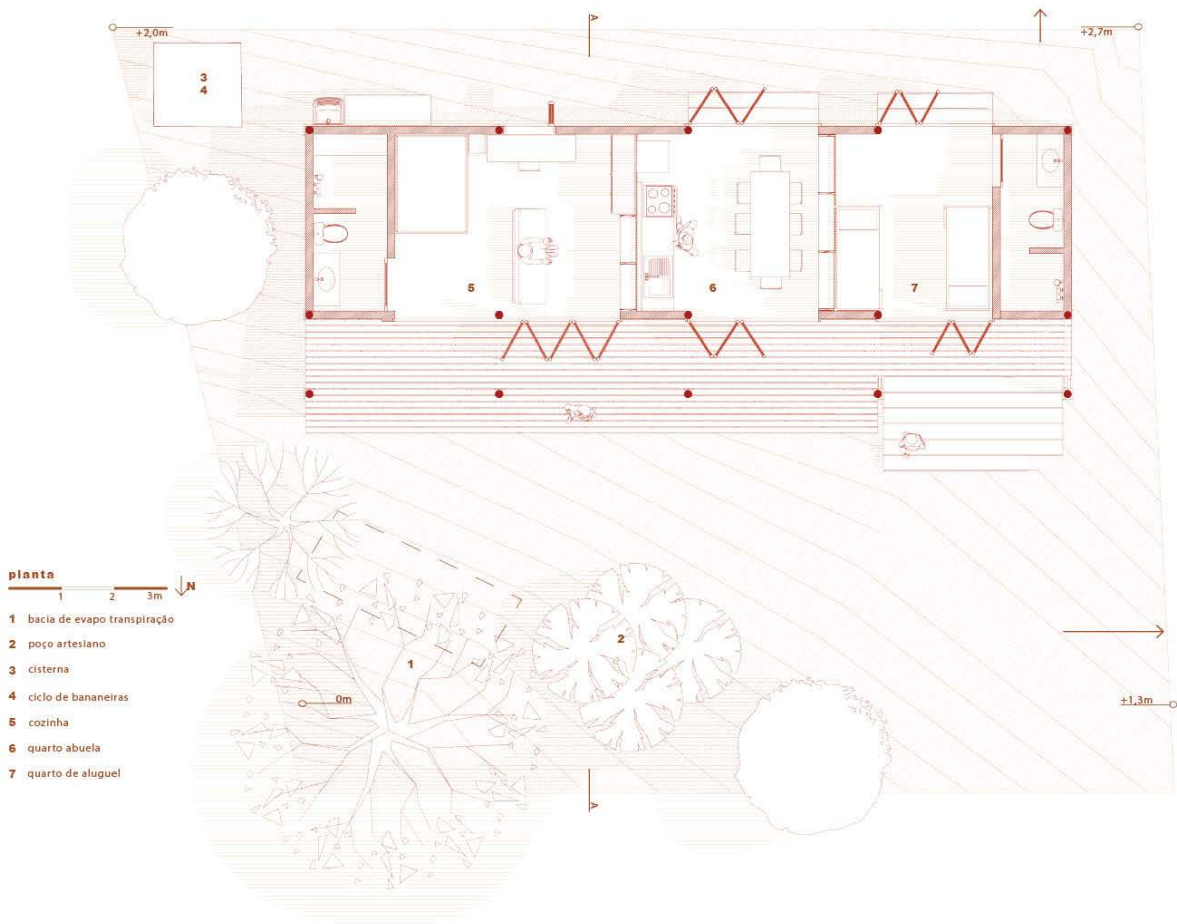


Figura 94: Planta da Casa de Abuela Cuentacuentos em 2022. Fonte: Luiza Tripoli.

receberá pessoas que participarão as atividades do espaço; e a cozinha, o coração da casa que se abre para a casa de sua vizinha, Maricarmen, onde o preparo da nutrição do que vem da terra tem desejo de ser compartilhado. O avarandado abraçará as oficinas de fomento à leitura e autobiografias. As paredes da casa, quando não possuem aberturas, possuem nichos para guardar os livros que a Abuela compartilhará por meio de seus contos.

A Casa será majoritariamente construída com materiais da terra local, utilizando o solo e a madeira como os materiais principais. Buscando a menor movimentação de terra, a Casa será nivelada com a cota de acesso da casa de Maricarmen. A fundação será feita com sapatas, vigas e pilares de concreto amarradas com paredes de alvenaria, para trazer a sustentação necessária para essa região de frequentes abalos sísmicos. A estrutura de madeira eleita cria um geometria espacial simples de ser construída e ensinada. Para os fechamentos, será praticada a técnica da taipa de mão, pois é uma técnica já cultivada na região e é bem vinda a todos os corpos. Foram incluídas infraestruturas para fechar o sistema de águas da casa: poço d’água, cisterna de águas pluviais e tratamento ecológico do esgoto. Localizada em região de clima quente, as paredes de terra e aberturas feitas em esquadrias de madeira trarão conforto térmico à Casa e serão protegidas por telas de mosquiteiro. A cobertura será mista, para a parcela que cobre o programa interno serão utilizadas telhas sanduíche e, no avarandado, a cobertura de palapa.

Financiamento

Ao ler ou escutar sobre um processo de projeto, raramente vemos o tema do financiamento incluído. Considera-se como exceção os estudos da arquiteta e mestra com linha de pesquisa em projetos comunitários, Laura Paes Barretto Pardo, *Espaços comunitários em territórios vulneráveis: uma análise sobre processos e realizações* (2019), que será para nós uma referência nesta etapa da pesquisa. Um tópico de análise dos projetos selecionados como estudo de caso em sua pesquisa é a forma de financiamento. Com efeito, pelas experiências que trouxeram a pesquisa até aqui, considera-se que o financiamento é uma parte importante a ser compartilhada, pois é o que possibilita que todo o trabalho tenha uma validação prática e que de fato possa solucionar a demanda, além de compartilhar estratégias de como outros projetos também podem ser viabilizados. O valor estimado para a viabilização deste projeto é de 19.800,00 dólares.

Retomamos aqui as memórias da gestão do projeto da Casa de Jajja. Inicialmente, no processo de concepção e desenvolvimento do projeto da Casa de Jajja, aprendemos sobre a importância de um cronograma, flexível é claro, mas com um planejamento bem estruturado e pensado de trás para frente, ou seja, a partir da obra acabada. Sabendo que o objetivo maior era sanar uma necessidade, a construção da casa própria de Nannono Immaculate, o processo a todo momento orbitava em direção a esse objetivo.



Figura 95: Isométrica do processo construtivo da Casa de Abuela Cuentacuentos em 2022. Fonte: Luiza Tripoli.

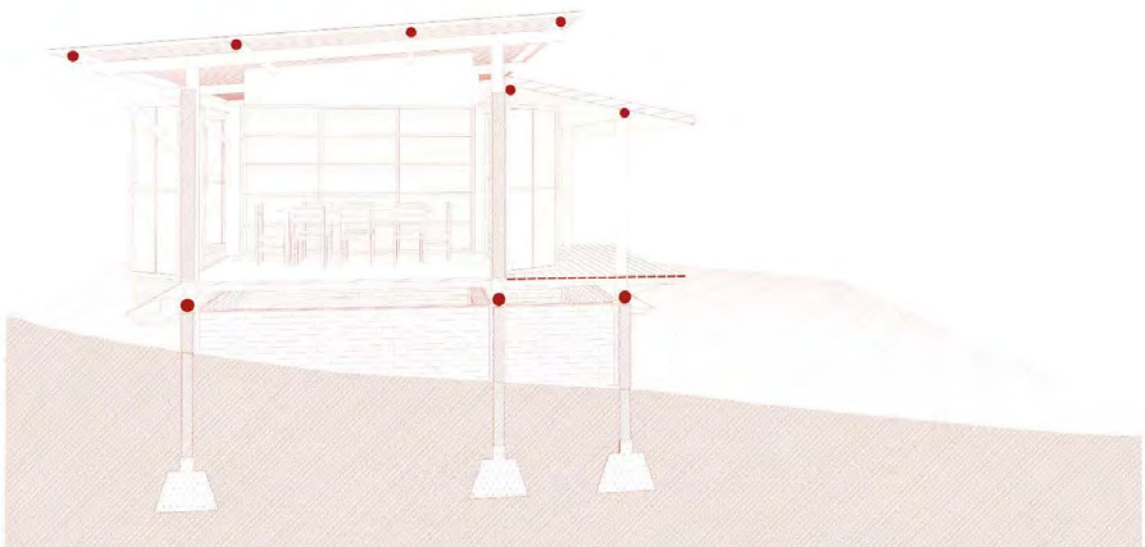
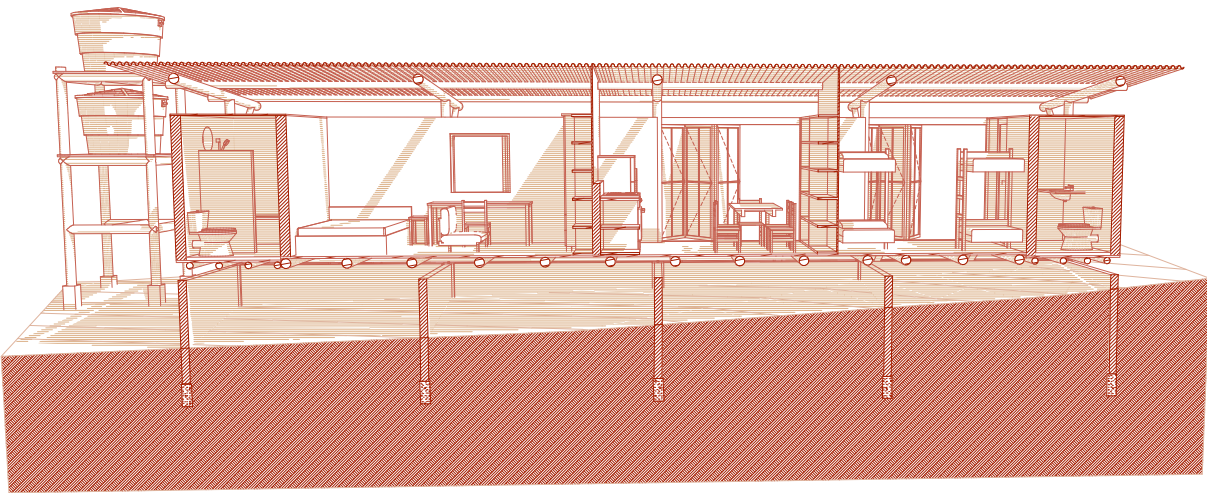


Figura 96/97: Cortes da Casa de Abuela Cuentacuentos em 2022. Fonte: Luiza Tripoli.

Diariamente questionava-se sobre quais eram todas as atividades necessárias para chegar na etapa construtiva. Não necessariamente as respostas dessa reflexão diziam respeito à parte arquitetônica, mas visando a construção, haveria de agir também sobre a comunicação da história, estratégias de financiamento e ativação das redes que fariam parte da execução. Esse foi o aprendizado prático sobre o tema do financiamento, porém houve também um aprendizado subjetivo e que no presente pode-se agir objetivamente perante o vivido. Notou-se o quanto o financiamento de uma casa possui um valor simbólico que pode ser determinante em relação às dinâmicas de apropriação da casa. Como exemplo, na experiência da Casa de Jajja, mesmo que o processo de desenvolvimento da casa e construção tivessem tido a integral participação da proprietária, a Jajja, por conta do financiamento ter sido feito por parte de ações geridas por mim, percebia-se o quanto Jajja nos momentos anteriores da apropriação do espaço não agia como dona. Esse exemplo trouxe a reflexão sobre como a casa pode ser financiada também é uma etapa de “empoderamento” (BERTH, 2018). Na construção da Casa de Jajja, essa discussão sobre o financiamento foi pouco valorizada, situação que pode ter fragilizado a relação entre as arquitetas e a Jajja.

Perante este aprendizado, ao desenvolvermos o projeto da Casa de Abuela Cuentacuentos, o financiamento tornou-se um tema a ser discutido rotineiramente. Portanto, antes de pensar nas possibilidades de

financiamento – que são várias, por exemplo, eventos, plataformas para financiamento coletivo, parcerias institucionais e não institucionais –, fez-se necessário saber da própria Abuela como ela imagina que possa acontecer, ou como ela espera que aconteça. Pensar na maneira de financiar a casa sem dialogar com a Abuela poderia causar o efeito contrário do desejo do projeto, pois poderia soar como pretensão de resolver por ela, sem reconhecê-la como pessoa capaz de tomar decisão e que liderou as manifestações para adquirir fundos do governo Mexicano para autoconstruir seu bairro. A partir disso, marquei uma reunião inicial para falar sobre o tema, da qual participaram María Luisa, seu filho mais velho Manuel e eu.

Nesta conversa sobre o financiamento, María Luisa explicou de onde partíamos. Ela havia feito economias para sua casa e, naquele momento, somavam 50.000 pesos mexicanos, equivalente a 2.500 dólares. Comentou que desejava fazer um investimento em uma oportunidade que apareceu no estado de Chiapas, no qual Abuelos e Abuelas Mexicanas se juntaram para adquirir uma terra coletiva e serem os guardiões e as guardiãs daquele espaço. Ela, inclusive, disse que adoraria se nos juntássemos, fazendo o convite que também houvesse a atenção a esse projeto futuro. Faz-se uma pequena pausa sobre o assunto do financiamento, pois foi nessa conversa que pode-se notar uma satisfação sobre a relação que estava sendo construída.

Já que aqui estamos neste capítulo, na quarta etapa da metodologia clínica,

na qual a pesquisadora clínica testa se as explicações produzidas a partir da situação fazem sentido para as pessoas que nela se encontram (ARDALAN, 2008), o convite de pensar outras experiências juntas, como na terra coletiva adquirida por Abuelos e Abuelas no Estados de Chiapas, dita acima, indica que há um desejo de continuar a relação estabelecida. Ao mesmo tempo, considera-se que junto ao desejo de continuar essa relação, há também a percepção de que essa continuidade tem a ver com a percepção de María Luisa de que essa relação traz oportunidades de viabilização, ou seja, traz financiamento para a realização. Mesmo sendo uma especulação, pode-se também considerar esse aspecto como uma qualidade do trabalho que é ponte entre realidades, pois se a conexão é feita para trazer o recurso econômico de um lugar que não possui esse recurso mas possui outros, como conhecimento em relação ao cuidado com a terra e diversas outras sabedorias, a ponte pode gerar trocas de uma maneira harmônica e não hierárquica, na qual cada recurso possui valores similares, sem uma relação de poder implícita.

Retornando às estratégias de financiamento, contou-se com as economias iniciais de María Luisa e ela disse que se sentia à vontade em que se expusesse a narrativa do projeto contendo sua história e visão de mundo – que também poderia ser bastante íntima – com objetivo de financiar sua casa. Esse fato é importante pois a cada ação de financiamento, sua história deveria de ser contada

com as devidas conexões para tecer valores semelhantes. Sendo assim, comentaremos algumas ações que foram desenhadas e oportunidades criadas: 1. Aplicou-se para o concurso *Global Challenge*; 2. Fez-se uma parceria com o evento *Bazar for Good*; 3. Criou-se um evento de financiamento em colaboração com os coletivos *Ruína* e *Galpão Comum*.

1. Aplicou-se para o concurso *Global Challenge*

Título da ação: Concurso internacional Global Challenge
Organizado por: Architecture-in-Development
Data: Agosto de 2021
Local: Internacional e remoto, pela plataforma Architecture-in-Development.

O *Global Challenge*, organizado por *Architecture-in-Development*, é uma plataforma global que conecta mais de 60.000 profissionais de arquitetura explorando ativamente novos significados e oportunidades na área. Oferecem infraestrutura para conectar comunidades, profissionais da arquitetura e empresas autoconstruídas para que possam colaborar em projetos sustentáveis que de outra forma não teriam sido realizados. O grupo organiza programas periódicos, como o *Global Challenge*, para defender e facilitar esta nova prática em nossos próprios termos *Do-It-Together (DIT)* de arquitetura.

Architecture-in-Development é liderada por Changfang Luo e Rob Breed, dois arquitetos que estão desafiando os negócios tradicionais. A plataforma

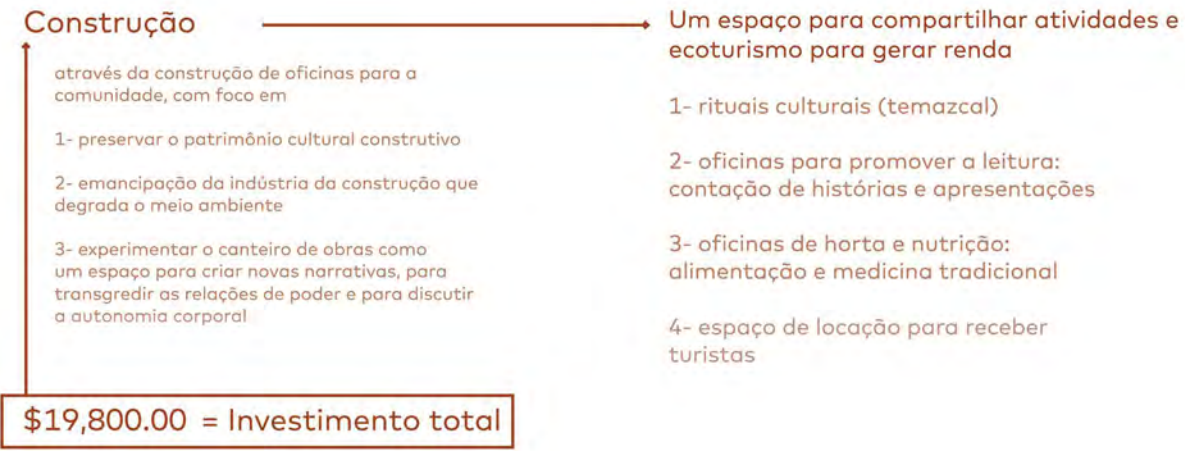
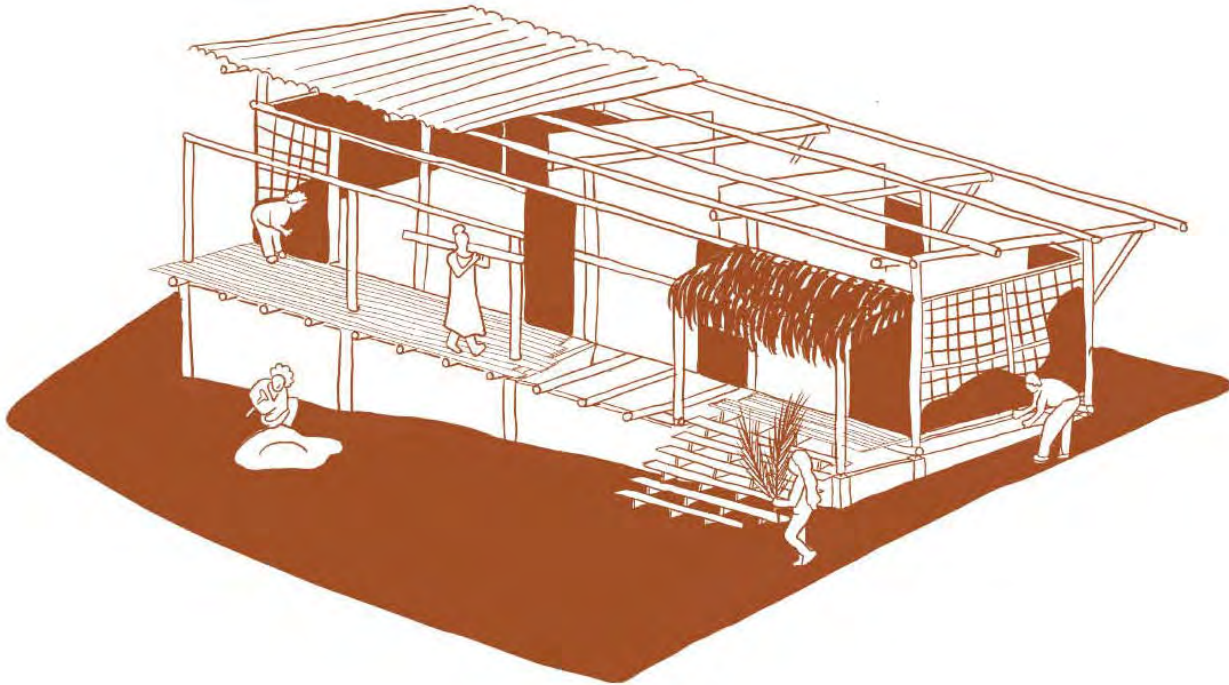


Figura 98: Diagrama sobre a relação do investimento e o impacto social em 2022. Fonte: Mariana Montag e Luiza Tripoli.

vem como resposta em 2011 após a dupla identificar que a arquitetura se limita a servir uma pequena parte do mundo. A partir daí, Luo e Breed buscam fomentar uma nova prática que coloca a arquitetura nas mãos de muitos, não apenas de poucos privilegiados.

O “Global Challenge” é uma competição que reconhece os melhores projetos comunitários e ajuda a acelerar seu desenvolvimento. Selecionam as iniciativas de maior impacto, as promovemos entre nossa rede global de parceiros e as conectamos através de colaborações significativas.

A página gerada pela aplicação pode ser acessada no site da plataforma: <https://architectureindevelopment.org/project/956>

O projeto da Casa de Abuela Cuentacuentos foi selecionado como shortlist, mas não como finalista.

2. Fez-se uma parceria com o evento Bazar for Good

Título da ação: Bazar for Good
Organizado por: Martha Graeff e Danié Gomez-Ortigoza
Data: Maio de 2022
Local: Design District - Miami, Florida - E.U.A

O *Bazar for Good* é feito por uma comunidade de mulheres que se reúnem uma vez por ano para ajudar a criar melhores condições para as crianças em todo o mundo. Apoiado pela Biossance, foi fundado em 2018 por Martha Graeff e Danié Gomez-Ortigoza. São mais de

20 mulheres de diferentes disciplinas com uma forte presença na mídia social, unidas para levantar fundos para organizações que estão criando mudanças significativas. O evento é um bazar no qual pedem a marcas de moda renomadas que lhes doem 30 itens curadas por elas e vendem por um preço acessível em um evento de um dia no Miami Design District. Todo lucro obtido é doado para as organizações com as quais trabalham.

A artista multimídia mexicana-americana Danié Gomez-Ortigoza conectou-se com María Luisa através do trabalho das mulheres da Organização A Casa, na qual há semelhanças entre os valores do trabalho das três mulheres. Danié é uma artista que acredita no poder de trançar com intenção, e em trançar o fio invisível que nos trança juntos.

Após apresentar o projeto da Casa de Abuela a Danié, vimos a possibilidade de alocar uma parcela das arrecadações para a construção da casa. Danié e sua equipe colaboraram com 9.500,00 dólares destinados ao projeto.

3. Criou-se um evento de financiamento em colaboração com os coletivos Ruína e Galpão Comum.

Título da ação: Exposição A Casa de Abuela Cuentacuentos
Organizado por: A Casa e Coletivo Ruína, Galpão Comum com colaboração de Natasha Rojas, Sabrina Braz, Maria Layla Gomes, Anna Carolyne Gomes, Amanda Klajner, Fernanda Galloni, Giovana Tak, Luisa Marinho, Camila Rogers, Ana Beatriz Carrion, Laura Rocha, Mariana



Figura 99: Mapeamento dos projetos comunitários que a plataforma Architecture in Development conecta. Fonte: Archi- tecture-in-Development, c2022. Disponível em <<https://architec- tureindevelopment.org/projects>>. Acesso: em 16/05/2020.

Figura 100: Danié Gomez-Ortigoza. Fonte: cJourney of Braid, c2020. Disponível online em: [https:// journeyofabraid.com/press/to- a-god-dess-unknown-by-danie- gomez-ortigoza/](https://journeyofabraid.com/press/to-a-god-dess-unknown-by-danie-gomez-ortigoza/) . Acesso em: 16/05/2020.

Angeli, Lis Meyer, Giovanna Gobetti, Gabriella Becker, Thayna Ribeiro, Carolina Couto, Sophia Sartori
Data: Maio de 2022
Local: Galpão Comum - São Paulo, Brasil.

No dia 19 de Abril, Dia da Luta dos Povos Indígenas e comunidades tradicionais, elaborou-se dois eventos para honrar as pessoas que cuidam da casa de todos, a terra, e conectar a comunidade à María Luisa e ao projeto.

Foram dois eventos organizados: um virtual no próprio dia 19 de abril via plataforma digital Zoom e um presencial no dia 20 de maio em São Paulo, em parceria com os coletivos Ruína e Galpão Comum. No encontro tivemos o privilégio de contar com a presença de María Luisa, que mesmo virtualmente fez com que todos se sentissem em roda e contou os contos da Cultura Nahuatl.

Após aproximar-nos da realidade onde será construída através da vivência de campo descrita no Capítulo 1, pudemos acompanhar como foi o caminho de transcrição desse aprendizado em projeto, que seguiu desdobrando-se em mais aprendizados, descritos no Capítulo 2. Encerramos a Parte 3 da pesquisa com percepções sobre o resultado da metodologia clínica e perspectivas de ação em cronologia esperada de acordo com experiências passadas.

Ardalan explica que o cientista clínico pode apenas reivindicar o trabalho feito como conhecimento uma vez os membros da situação tenham uma oportunidade de rejeitar a visão, sem a necessidade que as explicações

na pesquisa sejam consistentes com a compreensão de senso comum dos membros da situação (ARDALAN, 2008). María Luisa não apenas foi co-participante de todo o processo de desenvolvimento de sua casa como fez o convite para continuarmos trabalhando juntas, o que pode ser considerado como um processo frutífero e que dá margem a continuidade de reflexão sobre a relação iniciada. Assim, nos atentemos aos próximos temas de reflexão que serão proporcionados pela construção de sua Casa. Após cumprir com o objetivo de financiamento do projeto, tendo como referência o projeto da casa de Jajja que levou 6 meses para gerir temas relacionados para que então pudéssemos de fato começar a construir, esperamos que no caso da Abuela levemos 3 meses para esse processo, devido principalmente à maior facilidade de acesso ao território de Escobilla e ao maior acesso a comunicação com María Luisa. Sendo assim, logo nos veremos em Escobilla para a construção da Casa de Abuela Cuentacuentos.

Figura 101:: Flyer do evento online em 2022. Fonte: A Casa Org.

Figura 102: Flyer do evento presencial em 2022. Fonte: Ruína e A Casa Org.





Figura 103: Fotos Exposição A Casa de Abuela Cuentacuentos em colaboração com coletivo Ruína e Galpão Comum em 2022. Fonte: Gihad Arabi.

Considerações Finais

Esta pesquisa começou como uma deriva intuitiva no México, em Dezembro de 2021, desdobrando-se em uma reflexão, sistematizada na forma desta dissertação de mestrado, sobre como colaborar, e com quem aprender a colaborar, ao longo do processo de concepção do projeto para a cada da Abuela Cuentacuentos. A pesquisa apoiou-se na abordagem da metodologia clínica para estruturar o processo tanto dos levantamentos de campo quanto da sistematização, análise e interpretação do material levantado. Retomando, o método implica em um percurso de 4 passos:

- 1. Entrar: envolver-se profundamente na situação e adotar o papel de aprendiz;
- 2. Mapear o sistema de valores, símbolos e significados;
- 3. Identificar temas-chave e explicações que fazem sentido dentro do contexto estudado;
- e 4. Testar a validade das formulações teóricas: rejeitar, reformular ou confirmar temas e explicações (ARDALAN, 2006).

Deste modo, o trabalho organizou-se em 3 partes, cada uma delas possuindo sua própria narrativa e retórica. A linguagem utilizada resultou de um estudo da linguagem adequada para cada parte, por meio de experimentos em busca da abordagem adequada para expressar o valor das experiências, testemunhos e reflexão sobre o referencial teórico.

A *Parte 1*, compreende 3 capítulos:

No primeiro capítulo - *Ao redor de la Abuela Maricarmen*, aborda o processo inicial de desenvolvimento do projeto, a partir da interação com María del

Carmen Barrón, Abuela Maricarmen, Tlaxoiuhpapalotl, em fevereiro de 2021, na região de Mazunte, em Oaxaca, México. Em contato com sua sabedoria, fui conduzida por ela e suas conexões na construção de uma maior compreensão sobre o contexto local e as condições geográficas de Mazunte, Escobilla e seus arredores - região onde será construída a Casa de María Luisa.

No segundo capítulo - *Ao redor de la Abuela Cuentacuentos* - entramos em contato com os testemunhos de María Luisa Rivera Grijalva, Abuela Cuentacuentos, Xiuhmxtlicoatl. Relatos de sua vida, de seu trabalho e de sua visão, para a qual este trabalho busca contribuir. Ao perpassar questões de gênero e de vulnerabilidade social e territorial, sua experiência de vida ilumina questões mundiais sobre os desafios das mulheres que lutam pela moradia digna, e pela dignidade de suas comunidades.

Em síntese, os capítulos 1 e 2, constituem a primeira e segunda etapas da metodologia clínica adotada.

No capítulo 3 - *Pensando a Casa Abuela Cuentacuentos: processos sobrepostos* - é percorrida a etapa 3 da metodologia clínica. São apresentados três ensaios em que se discutem os temas-chave que orientaram a interpretação das visões de mundo comunicadas pelas Abuelas.

A *Parte 2* procurou dar o devido lugar de fala à Abuela María Luisa, representando a cultura Totonaca. Em um conteúdo audiovisual realizado a partir de roteiro

criado pela própria Abuela, a intenção foi permitir que sua fala e sua presença pudessem ser ouvidas sem uma mediação que significasse “falar por”, ainda que seja forçoso reconhecer que os recursos de edição audiovisual sejam, no mínimo um “falar com”. Em nossa expectativa, esta parte tem o valor de trazer a voz de uma mulher que, em circunstâncias tradicionais, não seria ouvida “dentro” de uma dissertação de mestrado stricto sensu, mas no máximo “fora”, nos anexos.

Por fim, a *Parte 3*, corresponde à quarta etapa da metodologia clínica, contemplando, em 2 capítulos, a tradução do aprendizado com as Abuelas em atividade projetual. No capítulo 1, descreve-se a vivência de campo e acompanha o caminho de transcrição desse aprendizado em projeto, que seguiu desdobrando-se em mais aprendizados, descritos no Capítulo 2. Encerramos a *Parte 3* da pesquisa com percepções sobre o resultado da metodologia clínica e perspectivas de ação em cronograma, montado a partir do aprendizado com experiências passadas.

Na metodologia clínica, para a validação do trabalho como conhecimento acadêmico, é necessário que os membros da comunidade em que se deu a investigação tenham a oportunidade de comentar o trabalho. Para Ardalan (2006) a corroboração da da visão proposta pela pesquisa é o elemento que valida a relevância do conhecimento produzido para aquelas circunstâncias. Nesse sentido, como já comentamos no fechamento da *Parte 3*, María

Luisa não apenas foi participante do processo projetual, mas fez o convite para continuarmos colaborando em uma ação em que estão se reunindo Abuelos e Abuelas na região de norte do Estado de Chiapas, México, para um próximo projeto. Este convite à continuidade da colaboração nos parece ser a principal evidência de que o resultado do processo foi reconhecido por Maria Luisa como uma contribuição válida à promoção de sua visão de mundo, os Povos reconhecendo suas diferenças com curiosidade e respeito mútuo, e unindo-se em prol de buscar soluções que visam a saúde de todos e a paz.

No entanto, o que desejo somar às considerações finais não é só a validação do trabalho como conhecimento científico, mas também sua expansão como conhecimento científico ao unir-se com o conhecimento que as Abuelas apresentam. A reflexão de como se posicionar perante um trabalho colaborativo, quando há outras culturas envolvidas, e qual é o papel que cada um compõe. Espero que o processo de concepção de projeto da Casa de Abuela Cuentacuentos seja uma peça da Profecia, e que esse processo possa fazer parte do que a Profecia tem como visão de trabalho coletivo.

Referências Bibliográficas

ACOSTA, ALBERTO. **O Bem Viver:** uma oportunidade para imaginar novos mundos. Editora Elefante e Editora Autonomia literária. Janeiro, 2016.

ARANTES, P. F. **Arquitetura na era digital-financeira:** desenho, canteiro e renda da forma; São Paulo: Editora 34, 2010.

ADALAN, Kavous. On the role of Paradigms in Finance. *Alternative Voices in Contemporary Economics*. Inglaterra: Routledge, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas.** 7a ed., São Paulo: Brasiliense, 1991.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira da Educação**, Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

CANSECO-LÓPEZ, I. G. La arquitectura vernácula como base de la sostenibilidad. *Horizontes, Revista de Arquitectura*, nº 2, 30 de septiembre de 2010. pp: 16-20. Disponível online em: <http://issuu.com/pako3001/docs/horizontes2-150>. Acesso em: 12/11/2021

Borges, Rosana. **O que é ‘lugar de fala’ e como ele é aplicado no debate público.** *Jornal Nexo*, 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/15/O-que-%C3%A9-%E2%80%98lugar-de-fala%E2%80%99-e-como-ele-%C3%A9-aplicado-no-debate-p%C3%BAblico>. Acessado em 15/06/2022.

CLAUSEN, B., H.; GYIMÓTHY, S. Seizing community participation in sustainable development: pueblos mágicos of Mexico, **Journal of Cleaner Production**, 2016, núm. 111, pp. 318-326.

CRESSON, F. M. Jr. “Maya and Mexican Sweat Houses”, **American Anthropologist**, 40: 88-104. Wisconsin: American Anthropologist Association, 1938.

FARIA;SILVA. Manual de Arquitetura Kamayurá. **Archdaily**. 15 de Agosto, 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/923178/manual-de-arquitetura-kamayura>. Acesso em: 15/05/2022.

FERRO, Sérgio. Arquitetura e trabalho livre. Coleção Face Norte, volume 09. São Paulo1; Cosac Naify, 2006.BAUMHACKLI, G. (2003). “Ecoturismo y desarrollo sustentable en Mazunte, Oaxaca, México”, **Ciencia y Mar**, 7(20), pp. 3-15.

FRANCH; RUIZ;LEÓN. “El ‘temazcal’ en Mesoamérica: evolución, forma y función”, **Revista Española de Antropología Americana**, 1980.

GENEVIÈVE, A.**Carta à Terra** - e a terra responde. São Paulo: Editora Relicário, 2020.

GARIBAY K. **Angel**. Mº: 3-4. n.,81. [Manuscrito], 1993.

GÓMEZ, M; YENIFAR, C. Círculo de Mujeres de la nueva Coordinadora Nacional del X ENF 2015: Divino femenino. **AMAM Mujeres abrazando México, la revista** 24-27, 2014

HERNÁNDEZ, Tomás Licea. **María Luisa**. Série Biografías. Ediciones de Café de Todos. México, 2018.

HIERNAUX, D;LINDÓN, A. Renovadas intersecciones: la espacialidad y lo imaginario. In: HIERNAUX, D;LINDÓN, A. [Coord..]. **Geografías de lo imaginario**. España: UAM-Iztapalapa/Anthropos, 2012, pp. 9-28.

hooks, bell. **Ensinando comunidade:** uma pedagogia da esperança. Tradução: Kenia Cardoso. Ação Educativa, Editora Elefante. novembro de 2021

INEGI. Oaxaca. **Inegi.org**. Disponível em: <https://www.inegi.org.mx/app/areasgeograficas/?ag=20#collapse-Resumen>. Acesso em: 16/05/2022.

ISEKE, Judy. Indigenous Storytelling as Research. *International Review of Qualitative Research* , Vol. 6, No. 4 (Winter 2013), pp. 559-577, c2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1525/irqr.2013.6.4.559> > Acesso em: 10/06/2022

JOEL, Ajxup. Origen y desarrollo histórico del Temascal en Guatemala, **Antropología e Historia de Guatemala:** Anuario de la Dirección General de Antropología e Historia de Guatemala, 1, 1979 [II época]: 40-50. G

KABSCH-VELA, H. El soconusco: Convivencia de dos tradiciones arquitectónicas. *Horizontes, Revista de Arquitectura*, nº 2, 30 de septiembre de 2010. pp: 22-24

KOOLHAAS, Rem. Interview on Lagos. **Youtube**, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KAi6ImKoKHM>>. Acesso em: 19 de março de 2018.

LABATE, Beatriz C.; GOULART, Sandra L.[Orgs.]. **O uso ritual das plantas de poder**. Mercado de Letras. São Paulo,2015.

LOTUFO, T. **A. Um novo ensino para outra prática:** Rural Studio e Canteiro Experimental, contribuições para o ensino de arquitetura no Brasil. São Paulo. [Dissertação] Mestrado em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Área de concentração de Mestrado Habitat, São Paulo, 2014.

LIMA, A.G.G.; LOEB, R.M. Ciudad, Género y Cambio Climático: Parelheiros como estudio de caso en la capital paulista. **Ambiente & Sociedade**. São Paulo, v. 24, p. 1-21, 2021.

LUCERO, P. **Chemical analysis of resinous materials employed in artistic prehispanic Mexico:** application to aztec and maya archaeological samples Other. Université d’Avignon, 2012.

MACIP, R.F. . “For the turtles’ sake: Miracles, the third sector and hegemony on the coast of Oaxaca [Mexico]”, **Critique of Anthropology**, 32(3), 2012, pp. 241-260.

_____[2015]. “‘Ya no le temen a los humanos, verdad’: cultura de la

conservación, hegemonía ecoturística e ideología ambientalista respecto a ‘la tortuga marina’ en la costa de Oaxaca”, Relaciones. **Estudios de Historia y Sociedad**, 36(143), 2015, pp. 175-206.

MARISCAL, G.; MARÍA, J. Capítulo II El temazcal. El Ejemplo de Celaya. In: MARÍA, J. MARISCAL. **Temazcal:** instrumento de armonización. El ejemplo del grupo de temazcaleros de Celaya. 2007.

LEÓN-PORTILLA,MIGUEL . **La Filosofía Nahuátl**. Universidad Nacional Autónoma de México. Estudiada en nuevo apendice: Con un nuevo apéndice. MÉXICO 1993. Édiciones UNAM. Instituto Indigenista Interamericano, México. Disponível em: https://www.academia.edu/36018798/MIGUEL_LE%C3%93N_PORTILLA_LA_FILOSOF%C3%8DA_N%C3%81HUATL_t_J3L_UNIVERSIDAD_NACIONAL_AUT%C3%93NOMA_DE_M%C3%89XICO. Acessado em: 11/12/2021.

MONTAG, M. **A Casa de Jajja:** Moradias autoconstruídas para mulheres em zonas rurais – Trabalho de Graduação – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie, 2019.

ORDOÑEZ, Mariana;LUQUE, Onnis. Projeto de Pesquisa analisa a situação atual da habitação tradicional no México.Trad. Matheus Pereira. **Archdaily Brasil**, 12 Set 2018. Disponível online em <<https://www.archdaily.com.br/br/901876/projeto-de-pesquisa-analisa-a-situacao-atual-da-habitacao-tradicional-no-mexico>>. Acesso em: 12/12/2021

PARDO, Laura Paes Barretto. **Espaços comunitários em territórios vulneráveis:** uma análise sobre processos e realizações. 2019. 231 f. Dissertação [Arquitetura e Urbanismo] - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo .

PEET, Melissa. Generative and Embodied knowledge Methods in Higher Edcuation: Introduction to Embodied and Generative Knowledge: Identifying and integrating Student’s Hidden learning. **III Transformative learning forum**. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2020.

POVOKAMAYURA;ESCOLADACIDADE. Manual da Arquitetura Kamayurá. Published on Aug 12, 2019. **Issu**. Disponível online em: https://issuu.com/annajubs/docs/190812_casakamayurasingles. Acesso em: 15/05/2022

REGINO, Aline; SANCHES, Débora; XAVIER, Maria das Graças de Jesus; LIMA, Ana Gabriela Godinho. A Conquista da moradia digna e as mulheres. Reflexiones sobre el habitar contemporáneo/ Diplomado Diseño de Vivienda Coletiva Contemporánea. **Escuela Superior de Arquitectura** (ESARQ). 2021.

TORRE, Gerónimo B. de Mazunte, Oaxaca. Realidade y desafios frente al desarrollo y el empoderamiento comunitario en un destino ecoturístico. In: LEVI;VALVERDE;DIAZ. **Pueblos Mágicos. Una Vision Interdisciplinaria, Vol. IV** México DF: MC Editores. México: UAM-Xochimilco/Facultad de Arquitectura, UNAM, 2018, pp.247-

268. Disponível online em: https://www.researchgate.net/profile/Liliana-Lopez-Levi/publication/345990131_Pueblos_Magicos_una_vision_interdisciplinaria_Volumen_IV/links/5fb4987592851cf24cdc3069/Pueblos-Magicos-una-vision-interdisciplinaria-Volumen-IV.pdf#page=279 . Acesso em: 02/12/2021 e 22/05/2022.

TORRE; VILLALPANDO; BARAJAS. Lagos de Moreno, Jalisco. La construcción del imaginario turístico de una ciudad alteña In: LEVI;VALVERDE;DIAZ. **Pueblos Mágicos. Una Vision Interdisciplinaria, Vol. III** México DF: MC Editores. México: UAM-Xochimilco/Facultad de Arquitectura, UNAM, 2017, pp. 313-344.

VALENCIA, C. If we work in conservation, money will flow our way: hegemony and duplicity on the Coast of Oaxaca, Mexico, **Dialectical Anthropology**, 36(1-2), 2012, pp. 71-87.

SATTERHWAITE, L., Jr. An Unusual Type of Building in the Maya Old Empire, Maya Research. **Mexico and Central America**, 3 (1): 62-73. New Orleans: Tulane University. 1936a

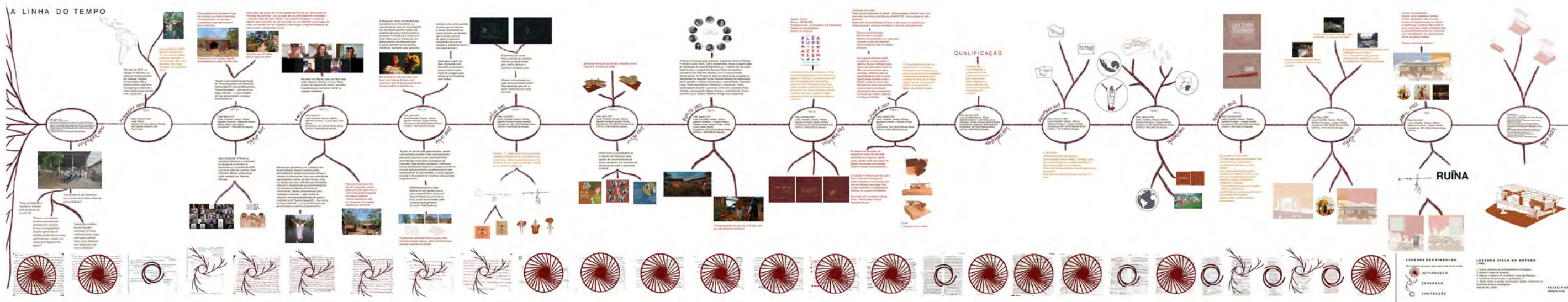
_____.“Notes of the Work of the Fourth and Fifth University Museum Expeditions to Piedras Negras, Peten, Guatemala”, Maya Research. **Mexico and Central America**, 3, 1936b: 74-91.

SECTUR [Secretaria del Turismo de Mexico]. **Evaluación en Materia de Diseño de los Programas F003 e I002 Promoción y Desarrollo de Programas y**

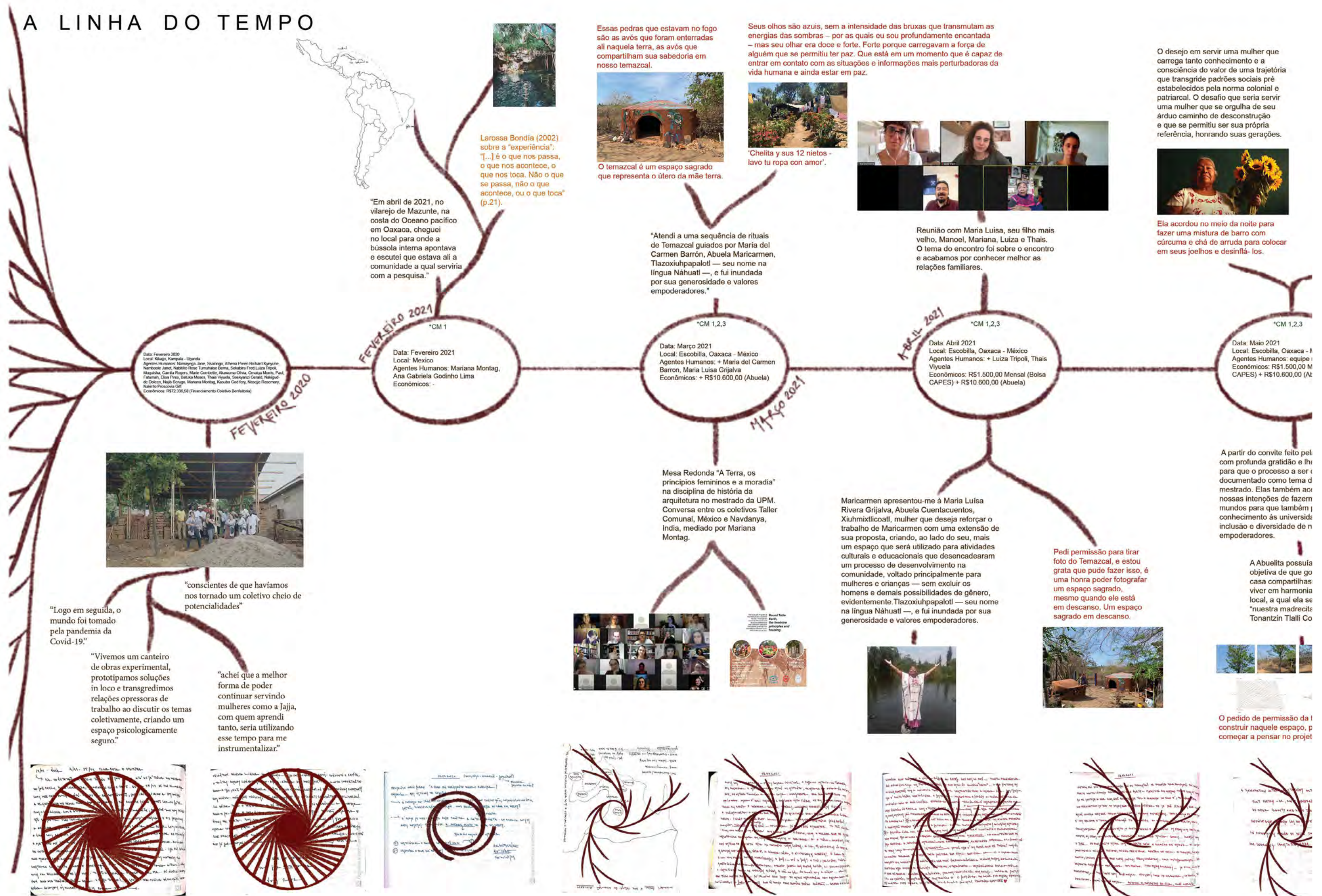
Proyectos Turísticos de/en las Entidades Federativas.Informe Final, Noviembre 2011. Disponível online em <https://www.coneval.org.mx/Informes/Evaluacion/Diseno/Diseno_2011/SECTUR/EDS_11_SECTUR_F003.pdf>. Acesso em: 12/11/2021

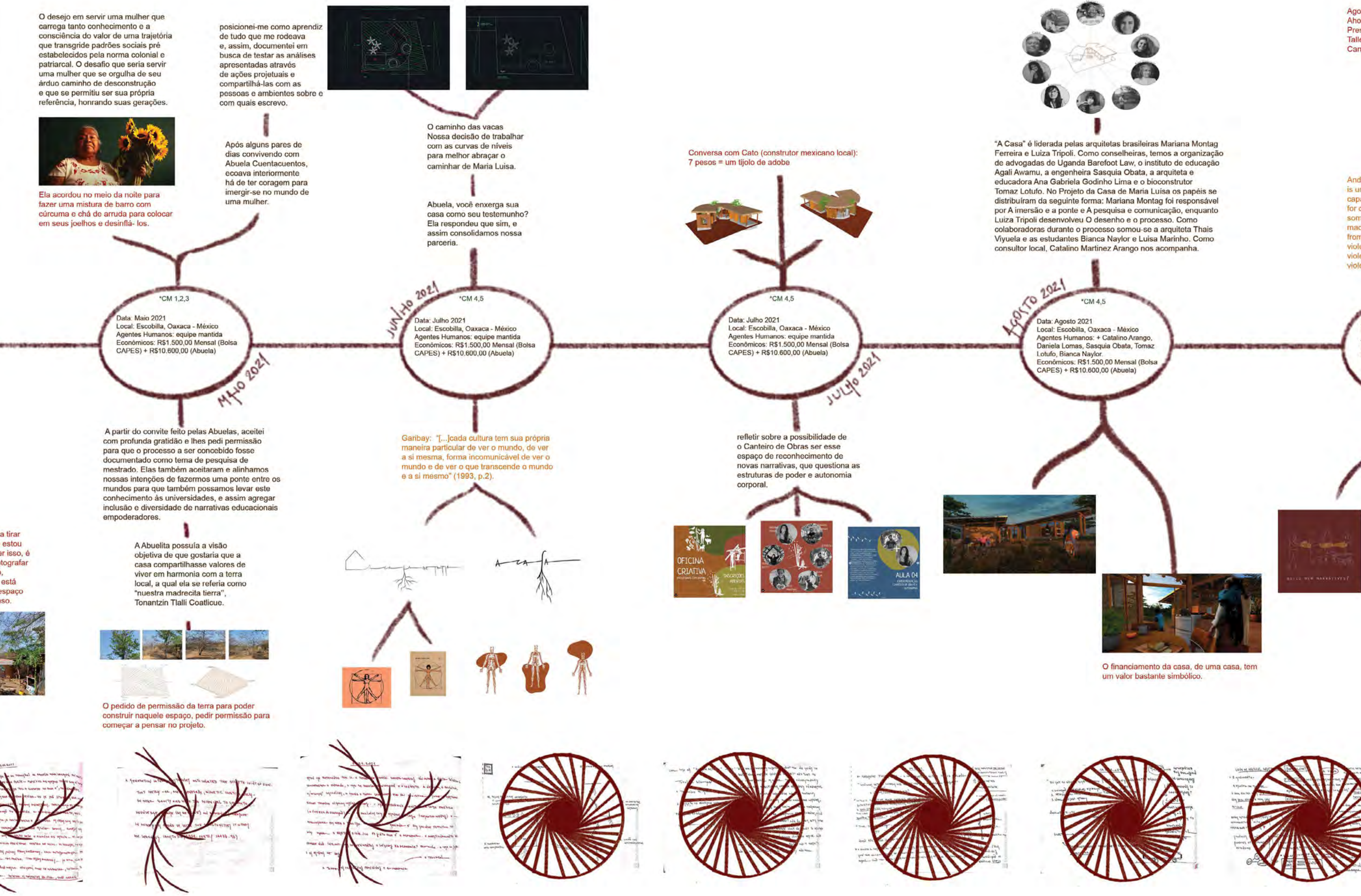
WAUCHOPE, R. **Piedras Negras Archaeology:** Architecture [Part V: Sweathouses]. Philadelphia: University Museum of Pennsylvania. New Orleans: Tulane University, 2017 [c1952]

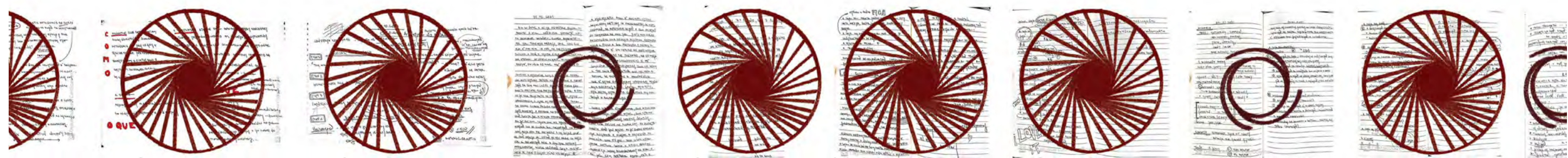
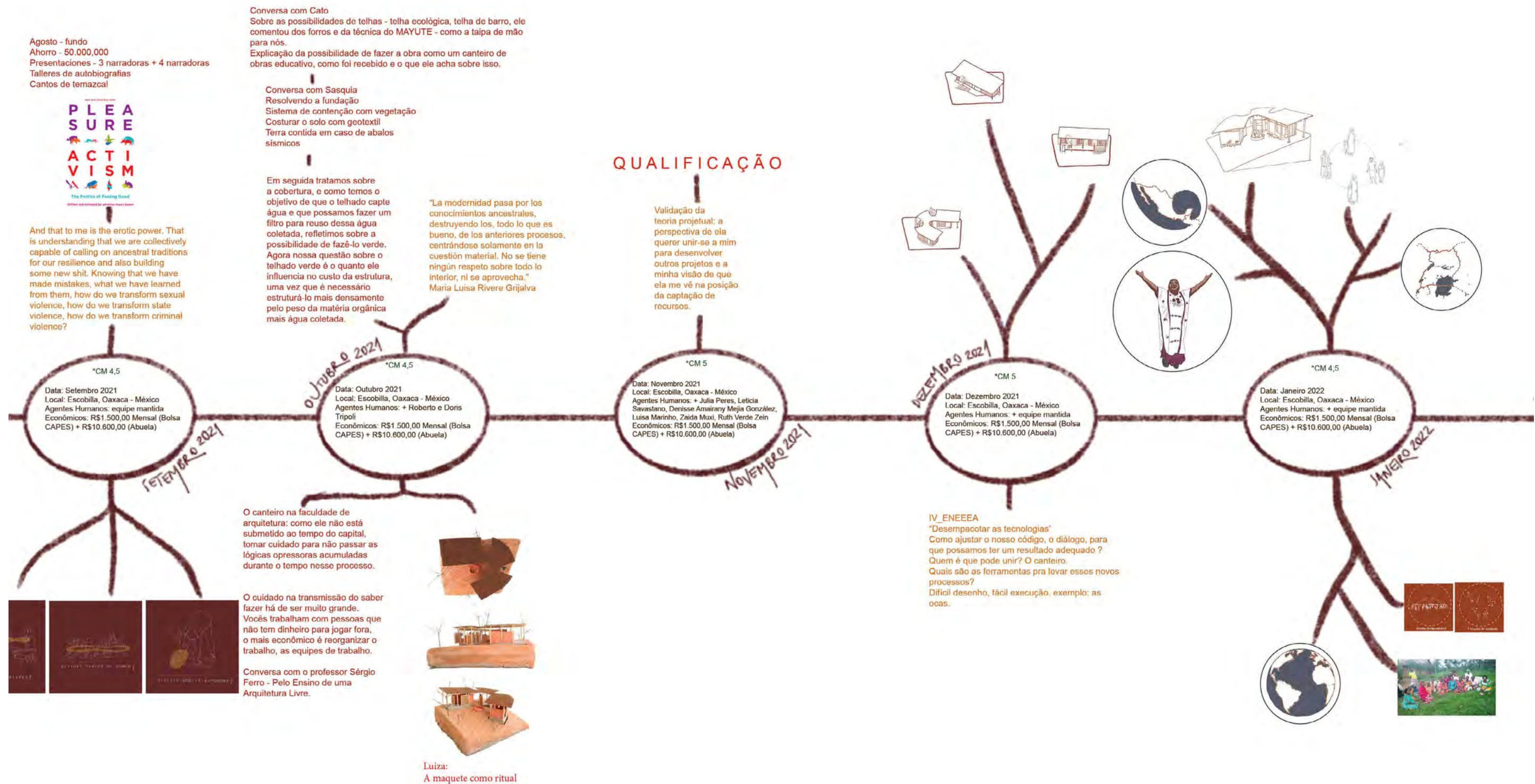
Anexos

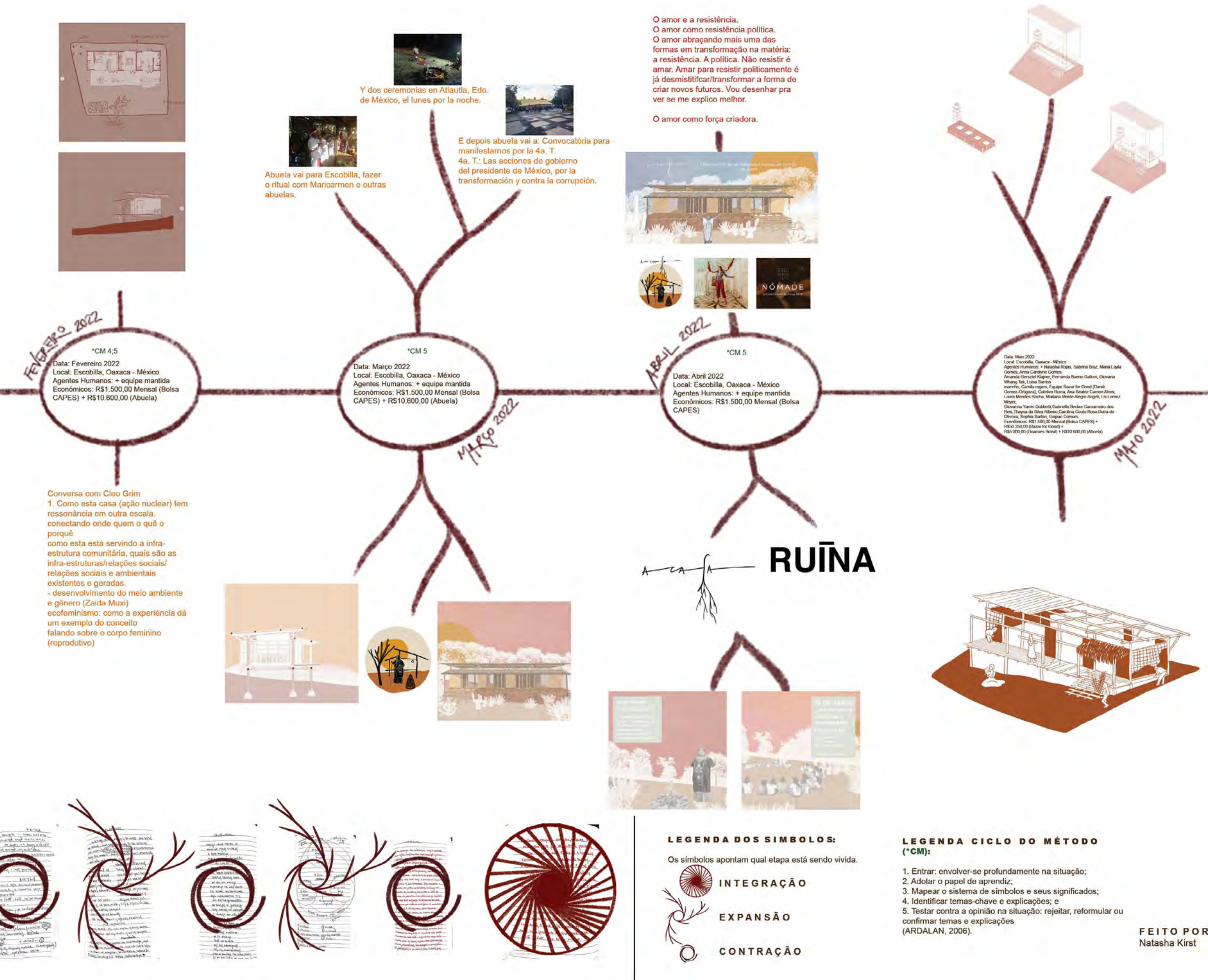


A LINHA DO TEMPO









Este livro é dissertação de mestrado
A Casa de la Abuela Cuentacuentos,
apresentado na facultadede Arquitetura
e Urbanismo do Mackenzie, São Paulo,
dezembro, 2021.

projeto gráfico: Julia Peres
tipografia: space grotesk; centennial LT
Std

